



Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

**AS MARCAS SOBRE ÂNFORAS LUSITANAS: A FORMA
LUSITANA 3 DA OFICINA DE PORTO DOS CACOS,
ALCOCHETE (PORTUGAL)**

Mestrado em Arqueologia

Lénita Ramos Ganeto

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre,
orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião e pelo Professor Doutor
Amílcar Guerra

Setembro 2022

Aos meus pais,
Que tudo fizeram para eu hoje aqui estar

RESUMO

Porto dos Cacos é um centro produtor de época romana que se localiza no estuário do Rio Tejo, na antiga província da Lusitânia. O período de laboração da olaria está compreendido entre século I d.C. e o século V d.C. No que diz respeito ao processo de produção oleira, a olaria terá fabricado uma variedade de material cerâmico, especialmente ânforas. Das suas produções anfóricas, a Lusitana 3 (100- 225/250 d.C.) destaca-se devido ao seu extenso número de exemplares e, principalmente, devido ao seu importante conjunto de marcas de oleiro. É uma forma que se inspira na produção Gauloise 4, de pequena dimensão e de fundo plano, podendo estar ligada ao transporte de vinho. São um total de 215 marcas de oleiro que surgem em várias partes do contentor e estão divididas em estampilhas de cartelas simples e cartela dupla. O conjunto epigráfico apresenta uma diversidade de marcas: GERMANI, RVSTICI, CLARIANI, TMM/TMAM. Há outras marcas que surgem apenas uma vez, como AVCR, de produção externa, AIVNIT/TINVIA e CAR. Para além destes exemplos, temos ainda a presença de contramarcas, que surgem em forma C; duas perfurações circulares e impressões que parecem reproduzir formas geométricas. A marca GERMANI apresenta mais de 140 testemunhos, com 16 matrizes distintos, enquanto as restantes marcas estão representadas em quantidades mais modestas. Em relação à onomástica, os *cognomina* remetem para um *status* servil ou de liberto por parte dos artificies, que poderão também ter sido responsáveis pela gestão da olaria. TMM/TMAM é a única em *tria nomina*, o que remete para um *status* de condição romana privilegiada, podendo se tratar do dono do centro produtor. A epigrafia de Porto de Cacos encontra-se pouco difundida atualmente, no entanto, temos um exemplar da marca GERMANI encontrada em Carteia, o que prova a exportação de ânforas lusitanas para um mercado fora da província, podendo sugerir consumo de vinho lusitano na Bética.

Palavras-Chave: Epigrafia anfórica; centro oleiro, Produção anfórica; Vale do Tejo; Período Romano.

ABSTRACT

Porto dos Cacos is a roman pottery production centre from the estuary of the Tagus River, in the roman province of Lusitania, that operated between the 1st century AD and 5th century AD. Concerning the pottery production process, the centre produced a wide variety of ceramic products, especially *ampharae*. From these productions, Lusitania 3 (100- 225/250 AD) stands out, not only because of the high quantities of fragments found in Porto dos Cacos, but also because of its important set of stamps. Lusitana 3 is a lusitanian amphora based on the form Gauloise 4, that consists on a small body and flat bottom, showing connections to wine transportation. There are a total of 215 pottery stamps, simple and double, which offers multiple types of stamps as: GERMANI, RVSTICI, CLARIANI and TMM/TMAM. There are also others stamps that appear only once in the set, AVCR (non lusitanian production) AIVNIT/TINVIA e CAR. Besides these stamps, there are a different kind that comes in forms like the letter C and two circular shaped perforations, and other particular stamps that tend to imitate geometrical shapes. GERMANI is represented with more than 140 stamps, reproduced in 16 different kind of stamps. The rest of the stamps are less represented. For what we know about the latin names, these *cognomina*, GERMANVS, RVSTICVS and CLARIANVS, are commonly names of individuals with less privileged status in roman society and, in this particular case, they would probably represent the craftsmen responsible for the pottery production and for the management of the production centre. TMM/TMAM would be a *tria nomina* that represents a high and privileged status, which would make this individual the owner of the production centre. The epigraphy from Porto dos Cacos is not widespread outside of this site, nevertheless, one GERMANI stamp was found in Carteia, which indicates the exportation of lusitanian amphorae outside of Lusitania and, maybe, consumption of lusitanian wine in Baetica.

Key-words: Amphora Epigraphy, Production Centre, Amphora Production, Tagus Valley, Roman Period.

AGRADECIMENTOS

Os últimos dois anos foram difíceis em muitos aspetos, com meses muito conturbados e confusos, que acabaram por afetar significativamente o rumo da vida de muitos de nós. Esta dissertação que, infelizmente, começou exatamente neste período, não escapou a essas mudanças, o que obrigou a algumas adaptações e a superação de muitos imprevistos. No fim, tudo correu pelo melhor, graças ao auxílio de todas as pessoas envolvidas neste projeto, direta ou indiretamente. Deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos:

Aos meus orientadores Dr. Carlos Fabião e Dr. Amílcar Guerra, por todo o apoio e acompanhamento durante todo este percurso, desde a escolha do tema até à conclusão deste trabalho, Foi fundamental.

A Jorge Raposo, pela disponibilidade e ajuda. Obrigada por facultar toda a informação e documentação relativa a Porto dos Cacos. Fez toda a diferença.

A Francisco Silva, por estar presente e sempre pronto a oferecer todo o auxílio necessário durante o tratamento dos materiais.

Ao Centro de Arqueologia de Almada, pela disponibilidade do espaço e por me terem confiado tão importante coleção.

À professora Catarina Viegas, por me mostrar como tratar de marcas de oleiro e pelos conselhos sobre o tema. Espero ter conseguido superar minimamente as expetativas.

Ao Dr. Víctor Filipe por toda a ajuda dispensada e colaboração na disponibilização de bibliografia.

Ao Museu Municipal de Alcochete e à Elsa Guerreiro, por permitirem estudar a outra parte do conjunto. Obrigada pela simpatia e receção.

Aos meus amigos e colegas, principalmente à Paula, pela ajuda e incentivo, que seguramente não passaram despercebidos.

Finalmente, o maior dos agradecimentos, aos meus pais e irmãos. Sempre foi por vocês.

Ao Cel, por estares sempre aqui.

Muito obrigada a todos!

ÍNDICE

Resumo/Abstract

Agradecimentos

1. Introdução.....	10
2. O Vale do Tejo.....	12
2.1.Enquadramento administrativo/geográfico e geomorfológico de Porto dos Cacos (Alcochete).....	12
2.2.Centros produtores.....	14
2.2.1. Quinta do Rouxinol (Seixal).....	14
2.2.2. Garrocheira (Benavente).....	16
2.3. Investigação da produção oleira.....	18
2.4. Historial de investigação no Porto dos Cacos.....	21
2.5. As estruturas.....	23
2.5.1. Os fornos.....	23
2.5.2. O alinhamento de ânforas.....	27
2.5.3. A Necrópole.....	27
2.6. Arqueometria e estudo dos fabricos dos centros oleiros do Vale do Tejo.....	28
3. As ânforas Lusitanas.....	29
3.1.O estudo das ânforas lusitanas em Portugal.....	29
3.2. A produção anfórica.....	30
3.3. As tipologias.....	31
3.4. A ânfora Lusitana 3.....	32
3.4.1. Classificação tipológica.....	32
3.4.2. Morfologia.....	33
3.4.3. Produção e cronologia.....	35
3.4.4. Conteúdo.....	38
3.4.5. A distribuição da Lusitana 3 fora da Lusitânia.....	38
4. A epigrafia anfórica.....	41
4.1. O historial de investigação.....	41
4.2. Centros oleiros com epigrafia anfórica na Lusitânia.....	42

4.3. O hábito epigráfico.....	44
5. As marcas de oleiro da Lusitana 3 de Porto dos Cacos.....	46
5.1. Metodologia.....	46
5.2. Análise do conjunto de marcas em estudo.....	47
5.3. Estratigrafia dos achados.....	50
6. O catálogo das marcas.....	52
7. Discussão.....	148
7.1. As contramarcas.....	148
7.2. As marcas de oleiro.....	150
8. Considerações finais.....	160
9. Referências bibliográficas.....	164
10. Anexos.....	170

1.INTRODUÇÃO

As ânforas lusitanas têm sido objeto de interesse e estudo intenso por parte da comunidade científica, permitindo produzir um vasto volume de informação que abarca as suas várias tipologias. Contudo, o panorama não foi sempre assim. A investigação destes contentores de transporte teve início no século XIX, o que veio a se tornar um evento muito pontual, uma vez que o seu estudo cessou, tendo sido retomado muito recentemente, nos anos 80 do século XX. Iniciativas investigativas levadas a cabo no Algarve e nos Vale do Sado e do Tejo, tendo este último permanecido desconhecido até à data, permitiram impulsionar a exploração científica do tema, culminando na realização das *actas* da mesa-redonda de *Conimbriga*, que teve como objetivo pôr em perspetiva as linhas investigativas e a informação recentemente criada sobre as ânforas lusitanas. Depois deste marco no percurso da investigação, de facto, há um incremento em várias áreas, com foco em centros oleiros de várias partes do território atual português, como Peniche, estuários do Sado e do Tejo e Algarve. Os centros oleiros destes sítios arqueológicos apresentam, regra geral, uma longa diacronia de produção, tendo alguns sido estabelecidos nos séculos I e II d.C., como é o caso de Porto dos Cacos, na primeira fase de produção oleira, enquanto outros foram implantados mais tarde, na segunda fase de produção, a partir do século III d.C.

No que diz respeito às produções anfóricas propriamente ditas, os centros produtores fabricaram intensamente vários tipos de ânforas, muitas com inspirações de ânforas de outras paragens da Hispânia, com destaque para a forma de ânfora Dressel 14, que fora produzida em quantidades abundantes nas olarias da primeira fase de laboração. Apesar da intensidade de produção, as ânforas lusitanas ostentam poucos testemunhos de hábito epigráfico, nomeadamente, marcas e grafitos. A epigrafia anfórica inicialmente não fora foco de interesse para investigação, todavia, graças aos trabalhos de H. Dressel sobre o Monte Testaccio, em Roma, o tema ganhou toda uma nova dimensão, principalmente na Bética. Em Portugal, a recolha epigráfica não se mostrara muito significativa, tendo sido quase inexistente, à exceção dos trabalhos de Estácio da Veiga no Algarve, no século XIX. Infelizmente, consultando a informação sobre epigrafia anfórica, sempre houve uma lacuna maior no que diz respeito ao extremo ocidente da Península Ibérica. De modo a colmatar estas discrepâncias, investigadores portugueses têm ingressado em vários projetos de domínio internacional, como o *Projecto CEIPAC - Centro para el Estudio de*

la Interdependencia Provincial en la Antigüedad Clásica, que promove uma base de dados de Epigrafia sobre *Instrumentum Domesticum* onde, até à data, já conta com a maioria da informação epigráfica publicada em Portugal, incluindo as ânforas. Mais projetos do mesmo género vêm sendo desenvolvidos ao longo dos anos e, simultaneamente, vários outros trabalhos, com o objetivo de apresentar a epigrafia anfórica, também têm sido publicados pelo menos desde os anos 90 do século passado (Raposo, 1990; Guerra, 1996; Fabião, Guerra, 2004).

Tendo em vista todo este panorama de estudo de epigrafia anfórica, o presente trabalho se insere exatamente neste tema tão pouco explorado, mas com muito potencial científico. O conjunto de marcas impressas sobre ânforas Lusitana 3 do centro produtor de Porto dos Cacos (Alcochete), constitui o assunto central desta dissertação. O tratamento deste tema surge na sequência de um primeiro levantamento preliminar do conjunto epigráfico realizado por Amílcar Guerra em 1996, conjunto este, cujas estampilhas foram originalmente dadas a conhecer num primeiro trabalho por parte de Jorge Raposo (1990). Estes dois estudos são de extrema importância e serviram de base e guia para a realização do presente trabalho.

Em relação ao conjunto em estudo, consiste no total de 215 estampilhas recolhidas ao longo dos seis anos de escavações realizadas no Porto dos Cacos, tratando-se do único conjunto em Portugal com tal quantidade de marcas impressas, expressas em apenas uma tipologia anfórica, a Lusitana 3. Para além destas particularidades, o que torna o conjunto mais interessante é o facto de serem marcas impressas sobre uma ânfora de fabrico lusitano, nomeadamente, do Vale do Tejo.

Neste estudo, a informação apresentada seguirá um esquema que se inicia por expor a produção e investigação anfórica, na Lusitânia, mas principalmente nos centros produtores do Vale do Tejo, com destaque para as três olarias mais importantes desta área geográfica: Garrocheira (Benavente), Quinta do Rouxinol (Seixal) e, sobretudo, Porto dos Cacos, naturalmente. Porto dos Cacos será abordado de forma a fornecer algum contexto do sítio, das suas características e produções anfóricas. A seguir, foi escolhido abordar de forma breve as produções anfóricas lusitanas, como introdução para o estudo mais aprofundado da ânfora Lusitana 3. Na sequência, a epigrafia anfórica da Lusitânia é abordada, assim como os centros oleiros que apresentam ânforas com marcas de oleiro, sempre de forma sucinta e objetiva, ficando para a parte final a abordagem do hábito epigráfico em si.

E assim, preparam-se as bases para a apresentação do catálogo das marcas, devidamente pormenorizado, que expõe as representações gráficas das estampilhas características da Lusitana 3 desta olaria. Por fim, é feita a análise das diferentes punções e da sua expressão quantitativa, tal como do seu significado epigráfico e onomástico, tendo em vista compreender o seu papel no panorama da produção anfórica, tal como na economia e difusão, tanto da Lusitânia, como da Hispânia.

Apesar do contributo que estas marcas impressas num contentor lusitano podem oferecer, a falta de informação e a dificuldade na interpretação deste hábito epigráfico, pelos mais variados motivos, torna o processo de avanço científico mais demorado e menos seguro. Contudo, a apresentação de um conjunto desta dimensão abrirá novas portas à investigação e fornecerá mais dados acerca do tema, o que permitirá uma compreensão maior da produção anfórica e das marcas que estas carregam, contribuindo para a interpretação dos aspetos económicos de uma Lusitânia produtora e exportadora.

2. O VALE DO TEJO: PORTO DOS CACOS

2.1. Enquadramento administrativo/geográfico e geomorfológico de Porto dos Cacos (Alcochete)

O sítio de Porto dos Cacos, topónimo administrativo de Canto das Adegas, está situado na Herdade de Rio Frio, freguesia e concelho de Alcochete, Distrito de Setúbal (folha 433 da Carta Militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército, escala 1:25000, com as seguintes coordenadas UTM: M513382 P4282442 (Fig.1). O sítio hoje encontra-se em propriedade privada e está classificado como Sítio de Interesse Público, possuindo uma Zona Especial de Proteção legal que visa garantir a contextualização cultural e cronológica do mesmo aquando da identificação de evidências arqueológicas na área envolvente (Portaria n.º 591/2011, DR, 2.ª Série, n.º 121, de 27-06-2011) (Monteiro, 2012; Raposo, 1990; Raposo *et al.*, 2021).



Figura 1- Representação geográfica de Porto dos Cacos (Alcochete). Fonte: Google Maps.

A área envolvente é constituída por areias dunares, originárias de uma praia fluvial quaternária, caracterizada por cabeços de pequena dimensão que se localizam junto à linha de água (Paul da Venda Velha) (Raposo, 1990, p.119). A região possui, ainda, grandes afloramentos de argilas e grés (Zbyszewski, Ferreira, 1968). Estes elementos fazem parte das principais matérias-primas utilizadas para produção oleira. A paisagem, de tipo charneca, apresenta predominância de sobreiros de plantio recente (Raposo, 1990, p.119). Em época romana, a estação arqueológica teria à disposição uma linha de água tributária do rio Tejo, a Ribeira das Enguias, que promovia as comunicações entre o interior rural e industrial e o fluxo principal do rio Tejo, ligando-se, assim, às principais áreas de consumo, como *Olisipo* (Monteiro, 2012, p.12).

Atualmente, o solo é usado sobretudo para atividade agrícola e pecuária, tratando-se de propriedade privada, atividades estas que causam erosão e destruição de áreas alvo de intervenção arqueológica, tal como as outras que até à data não foram intervencionadas.

2.2. Centros produtores

A margem esquerda do estuário do Tejo- Alcochete, Almada, Barreiro, Benavente, Moita, Montijo e Seixal- apresenta excelentes condições geomorfológicas devido à riqueza da região em matéria-prima (água, lenha, argila) e possui facilidades de conexão fluvial, tornando-se num grande centro produtor, consumidor e exportador (Raposo, Duarte, 1992, p.37). Para além do centro produtor de Porto dos Cacos (Alcochete), a região do baixo estuário do Tejo apresenta produção oleira atestada em outras partes da região, com expressão e importância variáveis, associadas diretamente ao rio ou à rede hidrográfica subsidiária (Raposo, 2017, p.122). Na Margem Sul, em Alcochete, temos os exemplos do Vale da Palha (Raposo, 1990, p. 117) e Fonte da Raposa (Correia, 2005, p.130-131); em Palmela temos o Olho da Telha, e em Benavente há indícios de fornos na zona do Monte dos Condes e da ribeira de Santo Estevão (Fabião, 2004, p.388; Raposo *et al.*, 2021, p.251), entre outras ocorrências. Já na margem Norte, intervenções arqueológicas de minimização de impacto vêm vindo a descobrir várias estruturas de fornos em sítios arqueológicos em Loures (*villa/vicus* das Almoínhas) (Brazuna, Coelho, 2012), Alenquer (Sabrosa *et al.*, 2012), Vila Franca de Xira (Sabrosa *et al.*, 2012), etc. Deste panorama, da margem esquerda do rio Tejo, destacam-se dois sítios arqueológicos associados à produção cerâmica de maior escala: Quinta do Rouxinol (Seixal) e Garrocheira (Benavente), para além de Porto dos Cacos.

2.2.1. Quinta do Rouxinol (Seixal)

O sítio arqueológico da Quinta do Rouxinol está situado no concelho do Seixal (Fig.2) e possui as coordenadas UTM: M 487538 P 4277769 (Fabião, 2004).

Esta estação arqueológica foi a primeira olaria de época romana identificada no estuário do Tejo, no ano de 1986, estando hoje classificada como monumento Nacional (Filipe, Raposo, 2009, p.15), tendo sido alvo de intervenções arqueológicas entre 1986 e 1991, passando a ser objeto de estudo do projeto de investigação “Ocupação Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo” (Filipe, Raposo, 2009, p.25). A olaria possuía um carácter intensivo, de provável laboração contínua, especializado na produção de variados artigos de cerâmica, incluindo ânforas (Filipe, Raposo, 2009, p.17). Atualmente, as áreas escavadas encontram-se preservadas *in situ*, com dois fornos e restos de um

terceiro e, ainda, uma estrutura de combustão (Raposo, 2017, p.120), permanecendo desconhecidas as áreas de apoio à laboração e armazenamento das peças. O espaço foi parcialmente reutilizado numa segunda fase, aquando do abandono dos fornos, como vazadouro de material rejeitado durante a produção oleira (Santos, Raposo, Quaresma, 2015, p.119). Os materiais inutilizados foram um contributo indispensável para a identificação e caracterização das produções cerâmicas aí fabricadas (Raposo, 2017, p.120).



Figura 2- Localização geográfica da Quinta do Rouxinol. Fonte Google Maps

Os seus fornos apresentam um modelo arquitetónico semelhante, tanto em dimensão como em estrutura, apesar de estarem conservados apenas parcialmente, mantendo somente a parte da câmara de combustão e um curto corredor de acesso (Raposo, 2017, p.121). O espólio recolhido destes contextos de combustão, tal como a análise da estratigrafia, permitiram associar a data 235-300 d.C. como cronologia de período de funcionamento dos fornos, tendo fornecido materiais como “(...) *terra sigillata hispânica e africana, cerâmica africana (comum e de cozinha), cerâmica de imitação de engobe vermelho não vitrificado, paredes finas, almofarizes de importação, vidros e numismas*” (Santos, Raposo, Quaresma, 2015, p. 120-122).

Na sua maioria, as peças fabricadas passam pelas formas de ânfora do tipo Almagro 51c, Almagro 50 e Lusitana 9, para além de cerâmica comum e lucernas (Duarte, 1990; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995; Fabião, 2004; Raposo *et al.*, 2005; Filipe e Raposo, 2009). A atividade oleira terá tido início na segunda metade do século II (Santos, Raposo, Quaresma, 2015, p.122) tendo estado ativa até períodos posteriores a 425 d.C. (Santos, Raposo, Quaresma, 2015, p.120-122).

2.2.2. Garrocheira (Benavente) (CNS 19131)

A olaria da Garrocheira está situada na margem direita do rio Sorraia, a sensivelmente 1,5 km de distância, na freguesia e concelho de Benavente (Fig.3), com as coordenadas UTM: M 519029 P 4315963 (Amaro, 1990, p.87; Fabião, 2004). Este centro produtor encontra-se implantado num declive de cota de mais ou menos 10 m, numa área geralmente plana (Amaro, 1990, p.88). Em termos geológicos, o sítio é constituído por um depósito de aluvião de origem fluvial, do período Quaternário. Em termos arqueológicos, apresenta vestígios de ocupação humana e indústrias materiais do período pré-histórico. (Amaro, 1990, p.88).

O sítio arqueológico da Garrocheira foi descoberto na década de 1960 aquando de uma ação de abertura de um canal de rega, onde um forno foi parcialmente afetado (Raposo *et al.*, 2021, p.251). O seu posterior reconhecimento foi efetuado nos inícios dos anos 1980, momento em que foram identificados vestígios do forno destruído (forno 1) e ainda um tanque de apoio à laboração com um enchimento exclusivo de ânforas Dressel 14 (Amaro, 1990, p.87). A primeira intervenção arqueológica teve lugar no ano de 1987, permitindo recolher uma série de informação preliminar sobre a olaria (Amaro, 1990, p.88). Entre 2004 e 2010 os trabalhos arqueológicos foram retomados tendo sido continuados sob a alçada de um projeto de investigação desenvolvido entre 2015 e 2018 (Raposo *et al.*, 2021, p.251).



Figura 3- Localização geográfica da Garrocheira. Fonte Google Maps

Este centro produtor foi integrado no projeto de investigação “A Ocupação Romana da Margem Esquerda do Estuário do Tejo” devido à sua localização na parte montante do estuário, onde o rio Tejo e o rio Sorraia se unem, troço por onde as embarcações romanas acediam à olaria de forma mais facilitada e direta (Raposo *et al.*, 2021, p.251). Por esta altura, com o conhecimento das olarias da Quinta do Rouxinol e de Porto dos Cacos, esta descoberta veio a ser uma mais-valia para perceber a dinâmica destes centros produtores no Vale do Tejo (Amaro, 1990, p.87).

A área de produção apresenta dois fornos conhecidos. O forno 1 apresenta planta circular, com diâmetro interior de cerca de 3,40 m. Aquando da sua escavação, foi possível distinguir parte da abóboda da fornalha e ainda vestígios de cinco *suspensurae* de sustentação da grelha (Amaro, 1990, p.89). O forno 2 é caracterizado por uma planta circular, com fornalha em rotunda, com diâmetro interior de 1,70 m, e *suspensurae* em arco. Apenas a fornalha, a entrada de acesso e vestígios de uma grelha se encontram conservados (Amaro, 1990, p.90). O forno possui entulho constituído por materiais de construção, resultantes da desintegração do forno, *imbrices*, cerâmica comum fina e um fragmento de ânfora Dressel 14 (Amaro, 1990, p.89-90). Resulta interessante mencionar que há confirmação da organização dos fornos em “bateria” de dois no centro produtor da Garrocheira, comprovado também no Porto dos Cacos e na Quinta do Rouxinol (Amaro, 1990, p.91), facto que se mostra característico do Vale do Tejo.

Em relação ao espólio, há associação constante entre os fragmentos de ânfora de Dressel 14 e cerâmica comum por toda a área escavada (Amaro, 1990, p.90). As ânforas da olaria da Garrocheira apresentam um colo particularmente alto e, em termos macro e microscópicos, possuem núcleos ferrosos (tal como no Porto dos Cacos) (Amaro, 1990, p.92; Fabião, 2003, p.390). Desta forma, a produção oleira terá englobado essencialmente ânforas Dressel 14, cerâmica comum e materiais de construção (Fabião, 2003, p.390). Atualmente, graças à continuação dos trabalhos arqueológicos, é possível confirmar a produção da ânfora Lusitana 3 e Almagro 51c na olaria romana da Garrocheira (Raposo *et al.*, 2021, p.251). No seu conjunto anfórico não há registos de marcas de oleiro, apenas presença de grafitos (Fabião, Guerra, 2004, p.229). No respeitante ao período de

laboração da olaria, estará compreendido entre a segunda metade do século I d.C. e a primeira metade do século III (Fabião, Guerra, 2004, p.229; Raposo *et al.*, 2021, p.251).

2.3. Investigação da produção oleira

Remonta aos meados dos anos 1980 a identificação da zona do estuário do Tejo como centro produtor de cerâmica em período romano, com particular destaque para os contentores anfóricos na sequência da descoberta e intervenção arqueológica nas olarias de Porto dos Cacos, em Alcochete, e da Quinta do Rouxinol, no Seixal (Raposo, 2017, p.115). Simultaneamente, vários vestígios relacionados com unidades de transformação de pescado foram surgindo nas margens sul e norte do rio Tejo (Raposo, 2017, p.115). De modo a compreender estas novas realidades de época romana, surgiu o projeto de investigação “Ocupação Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo” com o apoio do Centro de Arqueologia de Almada, das câmaras municipais de Alcochete, Almada, Benavente e Seixal, juntamente com o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) (Raposo, 1990, p.117; Raposo 2017, p.115). Este projeto incidiu sobre os concelhos de Almada, Alcochete, Benavente e Seixal, tendo realizado trabalhos arqueológicos sistemáticos nas olarias de

Porto dos Cacos (1985-1990), na Quinta do Rouxinol (1986-1991) e na Herdade da Garrocheira (Benavente, 1987), assim como na fábrica de salga de Cacilhas (1987) (Raposo, 2017, p.115).

Os resultados destas intervenções nas olarias do estuário do Tejo foram apresentados em várias ocasiões ao longo dos anos, começando em 1987, na exposição “Arqueologia no Vale do Tejo”, organizada pelo IPPC (*apud* Amaro, 1987), mais tarde, no mesmo ano, no “1º Congresso do Tejo” (Lisboa) e nas “1ªs Jornadas de Arqueologia Regional” (Almada) (Raposo, 2017, p.115). Em 1988, os estudos foram expostos no 1.º Encontro de Estudos Locais do Distrito de Setúbal (*Setúbal*) e, principalmente, nas 1.ªs Jornadas de Estudo sobre as Ânforas Lusitanas, realizadas em *Conimbriga* (Amaro, 1990; Duarte 1990; Raposo, 1990; Fabião e Carvalho, 1990). Em 1991, ocorreram as 1ªs Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado (Duarte, Raposo, 1996; Guerra, 1996; SABROSA, 1996; Santos, Sabrosa e Gouveia, 1996), momento em que foram apresentados os dados preliminares de investigação arqueométrica iniciada no Instituto Tecnológico e Nuclear, com o intuito de fazer a caracterização química das produções cerâmicas regionais (Cabral, Gouveia e Morgado, 1996; Raposo, 2017, p.116).

Os primeiros momentos de investigação renderam material para exposições relativas a centros oleiros e as suas respetivas produções cerâmicas, tanto em 1994 como em 1997, no Museu Nacional de Arqueologia (Raposo e Duarte, 1994; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1997; Raposo, 2017, p.116). Em 1999, surge um novo projeto denominado de *OReST-Olaria Romana do Estuário do Tejo: centros de produção e consumo*, que incidiu sobre Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, com o objetivo de estudar as produções cerâmicas e os circuitos de produção e consumo locais, contando com o envolvimento de várias instituições (Centro de Arqueologia de Almada; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Câmara Municipal do Seixal e o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, em Lisboa) (Raposo, 2017, p.116).

Nos anos de 2002 e 2003, foi possível dar a conhecer os projetos realizados nesta temática e os respetivos resultados em congressos internacionais, em Barcelona (*1st International Conference on Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and archaeometry* (Raposo et al., 2005); *XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae* (Apud Guerra, 2007) e *workshop Epigrafía Anfórica* (Fabião e Guerra, 2004), e em Cádiz (*Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)* (Fabião, 2004); mais tarde, *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*, que decorreu em Cádiz (Fabião, 2004). Realizou-se em Peniche, em 2006, uma importante sistematização dos conhecimentos até ao momento no simpósio “*A Costa Portuguesa no Panorama da Rota Atlântica Durante a Época Romana*” com a apresentação “*Ânforas Romanas do Estuário do Tejo: balanço e perspectivas de um projecto de investigação arqueológica e arqueométrica*” (Raposo, 2017, p.116). Dois anos depois, realizou-se uma exposição bilingue, em português e em inglês, com o título “*Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo / Roman Kilns in the Tagus Estuary* (Corroios, Seixal)” no Museu Nacional de Arqueologia, tendo ficado à disposição do público até 2015 (Filipe e Raposo, 2009; Raposo, 2017, p.116-117).

No ano de 2009, foi publicado um artigo na revista científica *Journal of Archaeological Science* que apresenta os resultados de análises arqueométricas realizadas às pastas das ânforas típicas do estuário do Tejo, nomeadamente das olarias de Porto dos Cacos e da Quinta do Rouxinol (Raposo, 2012; Raposo, 2017, p.117).

Em 2010, foi realizado um seminário internacional e *atelier* de arqueologia experimental, “A Olaria Romana”, onde o centro produtor da Quinta do Rouxinol viu-se representado, tendo sido feita a interpretação da sua arquitetura e da cadeia operatória associada a um dos seus fornos cerâmicos (Raposo, 2012; Raposo, 2017, p.117).

Entre 2011 e 2012, o projeto *OREst* colaborou com o projeto *Amphorae ex Hispania*, da autoria do Instituto Catalão de Arqueologia Clássica (ICAC), focado na produção e divulgação do estudo das ânforas das províncias da *Hispania Romana* (*apud* Berni *et al.*, 2014), resultando na criação de várias fichas tipológicas das formas de ânforas características das produções do Tejo e do Sado (Dressel 14, Lusitana 3, Almagro 50, Keay 16, Almagro 51c e Lusitana 9), concebidas por investigadores portugueses (Raposo, 2017, p.117). No ano seguinte, 2013, teve lugar o Congresso *Internacional Lusitanian Amphorae: Production and Distribution (30th Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores)*, que se realizou em Tróia e teve a participação de Jorge Raposo e Carlos Fabião com a comunicação “Produção de ânforas no Vale do Tejo” e do poster Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): quantificação e classificação das produções anfóricas” (Raposo, Santos e Antunes, 2016; Raposo, 2017, p.117).

Em 2017, Jorge Raposo sistematiza os conhecimentos adquiridos até à data sobre as duas maiores olarias da margem esquerda do estuário do Tejo no artigo “As olarias romanas do estuário do Tejo. Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal)”. Em 2018, faz o mesmo, mas apenas sobre a Quinta do Rouxinol, incluindo novos dados sobre a cerâmica comum e cerâmica de imitação de engobe vermelho (IEV) no artigo “Atelier da Quinta do Rouxinol (Baixo Tejo - Lusitania): produção de ânforas, cerâmica comum e imitações de engobe vermelho não vitrificado (IEV)”. Este trabalho foi publicado na obra “*Figlinae hispaniae. nuevas aportaciones al estudio de los talleres cerámicos de la Hispania Romana*” sob a alçada do Instituto Catalão de Arqueologia Clássica (Raposo, Santos, Quaresma, p.2018).

No ano de 2021 foi publicado o livro “Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*. A cidade Produtora (e consumidora)” onde, mais uma vez, se aborda o tema das olarias romanas no estuário do Tejo, com o título “Olaria Romana na Margem Sul do Estuário do Tejo: ateliês e produções” da autoria de Jorge Raposo, Miguel Correia, Michelle Teixeira Santos e Cézer Santos.

Em relação aos trabalhos arqueológicos de campo, apenas se retomou essas atividades na Garrocheira (de 2004 a 2010 e de 2015 a 2018) e na Quinta do Rouxinol (desde 2019, continuando em aberto as intervenções futuras) (Raposo *et al.*, 2021). Em relação ao Porto dos Cacos, a atividade de campo resume-se às intervenções realizadas entre 1985 e 1990, apesar de ter sido escavado apenas uma pequena fração do complexo. Sabe-se que os trabalhos foram interrompidos por não haver meios para tratamento da grande quantidade de informação produzida neste local. Desta forma, investiu-se na identificação de estruturas ainda preservadas no subsolo, através de um plano de prospeção geofísica da responsabilidade de uma equipa do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro (Raposo *et al.*, 1995, p.334). O mapeamento magnético permitiu identificar, numa primeira fase, um novo forno (*apud* Matias, 1992) e, posteriormente, o alargamento da área prospectada revelou três novos dipolos magnéticos com potencial arqueológico (Raposo *et al.*, 1995, p.334).

Sabendo do grande potencial cultural e científico deste sítio arqueológico, é válido afirmar que há muito mais por onde explorar, uma vez que apenas dois fornos foram escavados, algumas entulheiras e parte das sepulturas da necrópole (Raposo, 1990; Raposo *et al.*, 2021).

2.4. Historial de investigação no Porto dos Cacos

Em 1984 foi identificada uma enorme quantidade de cerâmica romana distribuída na superfície de uma grande área no Porto dos Cacos, uma ação que foi motivada pelos vários relatos de diversas fontes sobre a existência dos materiais. Tendo em conta as características geomorfológicas da área (barreiros, lenha, linha de água para escoamento dos produtos), a abundante quantidade de material sugeria, à partida, um centro de produção cerâmica, facto que se confirmou com a descoberta de um forno semicircular em mau estado de conservação, no Vale da Palha, a escassos quilómetros do local (Raposo, 1990, p.117; Fabião, Carvalho, 1990, p.39-40). Em 1985, teve lugar a primeira campanha de escavação arqueológica no Porto dos Cacos, iniciativa que continuou até 1990 com seis campanhas realizadas (Raposo, 1990, p.117; Monteiro, Raposo, 2012, p. 1; Raposo *et al.*, 2021, p.255). Estes trabalhos tiveram apoio da Fundação Calouste Gulbenkian (1985/1986), do Instituto Português do Património Cultural, da Câmara de Alcochete e do Centro de Arqueologia de Almada (Raposo, 1990, p.117-118).

Foram identificados três fornos cuja produção consistia maioritariamente em contentores anfóricos, contudo, apenas dois foram escavados (Fabião, Guerra, 2004, p.228; Monteiro, Raposo, 2012, p. 1; Raposo *et al.*, 2021, p.255). Na campanha do ano de 1987, a necrópole anexa ao sítio arqueológico foi descoberta, confirmando o carácter permanente da ocupação (Raposo e Duarte, 1992; Fabião, 2009, p.576). Sabe-se que foram registadas 37 sepulturas, das quais 26 foram escavadas (Monteiro, Raposo, 2012, p. 1; Raposo *et al.*, 2021, p.255). Há também registo de várias áreas de materiais rejeitados e diversas estruturas de apoio à laboração (Raposo, 1990; Raposo e Duarte, 1992; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995 e 1997; Fabião, 2004; Raposo *et al.*, 2005; Raposo, 2017; Raposo *et al.*, 2021). Todavia, estas áreas escavadas perfazem uma pequena parte do sítio arqueológico, que se estima ser de muito maior dimensão (Raposo *et al.*, 2005, p.38; Raposo, 2017, p.117-118). A área artesanal da olaria apresenta um conjunto de diversas estruturas que, até à data, não foram passíveis de interpretação, muito devido à falta de trabalhos arqueológicos na área (Raposo *et al.*, 2021, p.255).

Toda a informação recolhida, principalmente das entulheiras de materiais cerâmicos, torna possível estimar a diacronia de produção no Porto dos Cacos: existe uma primeira fase de laboração que tem início na primeira metade do século I d.C., caracterizada pela produção de cerâmica comum e ânforas das formas Dressel 14 e, posteriormente, surge a Lusitana 3 no século II d.C., persistindo até às primeiras décadas do século III d.C. (Raposo, 2017, p.120; Raposo *et al.*, 2021, p.255). Sabe-se que o Porto dos Cacos, no contexto do estuário do rio Tejo, é a única olaria que se integra claramente numa fase inicial de produção intensiva (Raposo, 2017, p.124). Na segunda fase de produção, desenvolvida a partir dessa transição dos séculos II-III d.C., onde transformações de natureza diversa (social, política, económica) provocam o surgimento de novas formas de contentores que consistiam, essencialmente, no fabrico das formas Almagro 51c, Almagro 50 e Keay 16. Paralelamente, a olaria da Quinta do Rouxinol também se encontra em funcionamento, e a ambas se junta uma nova forma, a Lusitana 9, produzida desde os meados do século IV. Esta etapa perdurará até às primeiras décadas do século V (Raposo, 2017, p.124; Raposo *et al.*, 2021, p.255).

No que concerne ao conteúdo, são contentores destinados a envasar preparados zpiscícolas, no entanto, há a hipótese de um conteúdo vínico para as formas Lusitana 3 (será abordado adiante) e Lusitana 9 (Raposo, 2017, p.124).

Assim sendo, Porto dos Cacos aparenta ser a única olaria do estuário do Tejo a conseguir subsistir e ultrapassar as grandes transformações ocorridas na passagem do século II para o século III, laborando de forma ininterrupta desde a implementação, século I, até ao fim das produções cerâmicas, século V, apresentando, ainda, sinais de ocupação humana até aos inícios do século VIII (Raposo *et al.*, 1995, p.332; Fabião, Guerra, 2004, p.228). Esta longevidade de ocupações é comprovada pela descoberta de uma ara romana encontrada na área da necrópole e uma moeda cunhada em *Augusta Emerita* no reinado de Egica (698-700) (Raposo, Duarte, 1992, p.38-39).

2.5. As estruturas

2.5.1. Os fornos

O primeiro forno registado (Figs.4 e 5), de estrutura piriforme, encontrava-se em muito mau estado de conservação, preservando apenas parte da fornalha e três *suspensurae* para a grelha (Raposo, 1990, p.119; Raposo *et al.*, 1995; Raposo, Duarte, 1996; p.251). Escavações no corredor de acesso à fornalha revelaram um contexto mais antigo nas camadas abaixo do forno, com muros e canalizações de telhas, de onde se exumaram escassos fragmentos de ânforas dos tipos Almagro 50 e Almagro 51c, associados a cerâmica comum e *sigillata* clara das formas 45a, 50a/b e 61a de Hayes (Raposo, 1990, p.120; Raposo, Duarte, 1996; p.251). Já da camada de enchimento do forno, constituída por areia e argila cinzento-escura, o espólio recolhido traduziu-se em fragmentos de materiais de construção, alguns blocos de arenito, bordos e fundos da forma Almagro 51c (Raposo, 1990, p.120; Raposo, Duarte, 1996; p.251). A cronologia do espólio está compreendida entre o segundo quartel do século III e o primeiro do século V (Raposo, Duarte, 1996; p.251).



Figura 4- Fotografia do forno 1. (Raposo, 2017; CAA)

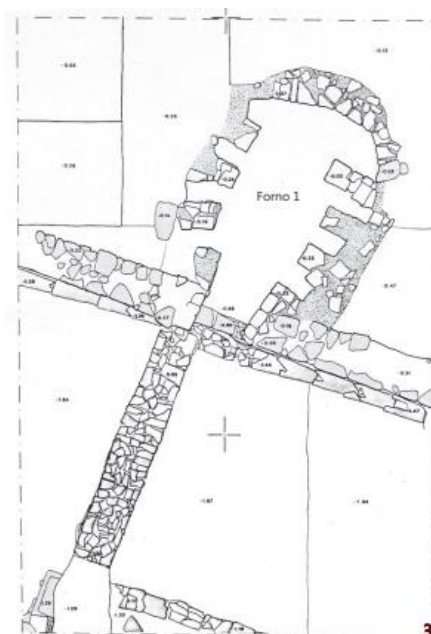


Figura 5- Planta forno 1 (Raposo, 2017; CAA)

O forno 3 (Figs. 6 e 7) apresenta uma pequena área exposta e surge agregado ao forno 2, aparentando ser muito idêntico a este. Apresenta planta circular e o mesmo tipo de construção (Raposo, 1990, p.121; (Raposo *et al.*, 1995; Raposo, Duarte, 1996; p.251). Os materiais associados a este contexto resumem-se a formas das ânforas Dressel 14 e Almagro 51c (Raposo, 1990, p.121; Raposo, Duarte, 1996; p.252).

O forno 2 (Figs. 6 e 7) localiza-se a uma cota superior, com 2,30 metros de parede conservada, apresenta planta circular com um diâmetro interior de 3,20 metros (Raposo, Duarte, 1996; p.251-252), onde se conservam quatro *suspensurae* e parte da câmara de

cozedura, em forma de abóbada. A câmara de cozedura foi escavada no solo natural e revestida interiormente com fragmentos de cerâmica e argamassa (Raposo, 1990, p.120; Raposo *et al.*, 1995; Raposo, Duarte, 1996; p.252). É possível distinguir um corredor de acesso à fornalha, com aproximadamente 1,50 metros de largura e 1,30 metros de altura (Raposo, Duarte, 1996; p.252). A camada de enchimento, de terreno argiloso castanho-avermelhado, era constituída por nódulos de barro e materiais de construção. Em relação a formas cerâmicas, continha fragmentos de cerâmica comum, tampas, trempes e ânforas Almagro 51c, em quantidade predominante, Almagro 50, Lusitana 9 e Dressel 14, associados a *sigillata* clara das formas 61a (325 e 400/420) e 73b (420-475) de Hayes (Raposo, 1990, p.120-121; Raposo, Duarte, 1996; p.252).

Sob esta primeira camada de enchimento, surge outra de cor banco acinzentado e arenosa, com espólio muito semelhante à camada anterior, varia apenas na quantidade de cerâmica comum, que vê um aumento, e os fragmentos da ânfora Dressel 14 que desaparecem (Raposo *et al.*, 1995, p.334; Raposo, Duarte, 1996; p.252).

Ao longo da estrutura do forno, para além de mais de uma centena de bordos, fundos e asas, sobressai um conjunto de peças, praticamente completas, distribuídas de forma uniforme onde estão incluídas ânforas das formas Almagro 51c, Lusitana 9 e Almagro 50, a par de outras formas típicas de cerâmica comum (Raposo, Duarte, 1996; p.252). Juntamente com estes materiais, encontravam-se espalhados variados fragmentos de um mesmo prato de *sigillata* clara D, forma 61a de Hayes, apontando para o seu depósito para finais do século IV ou inícios do século V, que ditaria o período de abandono dos fornos/produção oleira (Raposo, Duarte, 1996; p.252; Raposo *et al.*, 2005, p.38).



Figura 6- Fotografia dos fornos 2 e 3 (Raposo, 2017; CAA)

Não foram identificados indícios de produção das primeiras fases, representadas pelo fabrico de ânforas das formas Dressel 14 e Lusitana 3, as quais foram encontradas maioritariamente em áreas de entulho (Raposo *et al.*, 2005, p.38). No que diz respeito ao período funcionamento da olaria numa fase posterior, o espólio dos fornos sugere que terá estado em laboração nos séculos III-IV d.C., com um depósito do fundo do forno 2 a situar o abandono no final do século IV, ou mesmo nas primeiras décadas do século V (Raposo e Duarte, 1996; 252).

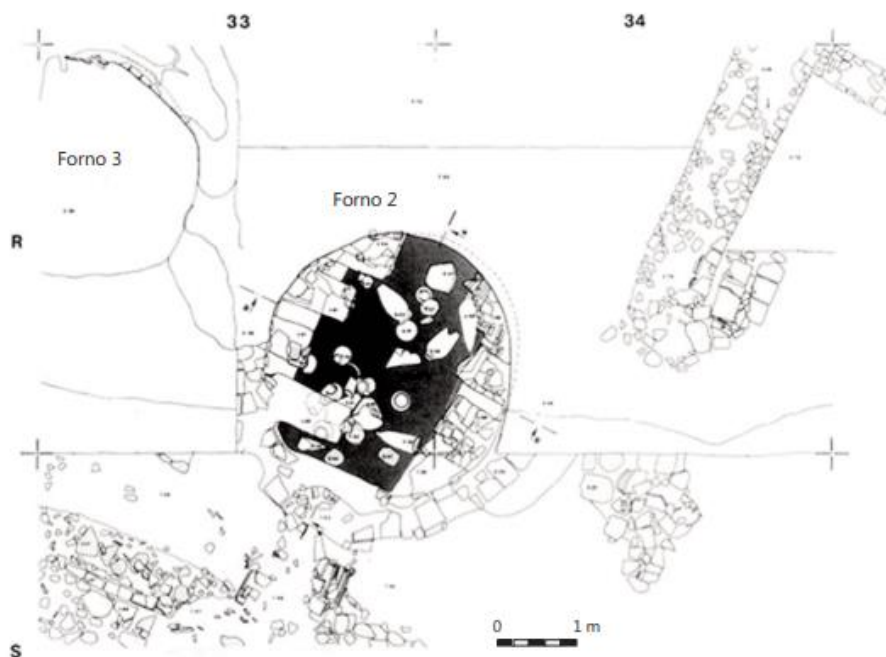


Figura 7- Planta do forno 2 e 3 (Raposo, 2017; CAA)

2.5.2. O alinhamento de ânforas

No sector 1, surge uma estrutura com 46 ânforas da forma Dressel 14, posicionadas verticalmente e dispostas cuidadosamente lado a lado, estando presas entre si por fragmentos de panças e nódulos de barro. Esta estrutura, muito particular, não apresenta paralelos conhecidos (Raposo, 1990, p.121; Raposo *et al.*, 1995, p.334).

2.5.3. A Necrópole

Existe uma necrópole anexa à olaria, a cerca de 100 metros de distância da mesma, onde são conhecidos 37 enterramentos, dos quais 26 já foram escavados (Monteiro, 2012; Raposo, 2017, p.120; Raposo *et al.*, 1995, p.334). Consistem, maioritariamente, em sepulcros de forma retangular estruturados com tijoleiras e tégulas, havendo também ocorrências de casos com cobertura de ânforas dispostas horizontalmente. Trata-se de rituais de inumação pertencentes aos séculos IV-V (Monteiro, 2012; Monteiro e Raposo, 2012; Monteiro, 2012; Raposo, 2017). Em relação ao espólio associado, este mostra-se abundante e diversificado com exemplares de cerâmica comum (taças, malgas, pratos, jarros, púcaros, etc.), lucernas, *sigillata* clara, moedas e outros objetos metálicos e em

vidro (Raposo *et al.*, 1995, p.334; Monteiro, 2012; Monteiro e Raposo, 2012; Monteiro, 2012; Raposo, 2017). Os materiais exumados apontam, desta forma, para o funcionamento da necrópole entre os séculos III e V d.C. (Raposo *et al.*, 2005, p.38; Monteiro, 2012).

A existência da necrópole é prova segura que a olaria estaria associada a um povoado, não tendo sido encontradas evidências estruturais relativas ao mesmo (Raposo *et al.*, 2005, p.38; Monteiro, 2012). A ocupação humana deste sítio pode ter durado até aos inícios do século VIII d.C., hipótese sugerida pela presença de espólio determinante, como um fragmento de ara romana, reaproveitada e redecorada com motivos do tempo dos visigodos e uma moeda de Mérida, datada do reinado de Egica (698-700) (Raposo *et al.*, 2005, p.38; Raposo, 1990; Monteiro, 2012).

2.6. Arqueometria e estudo dos fabricos dos centros oleiros do Vale do Tejo

As olarias do Vale do Tejo apresentam composição de pasta muito similar, até mesmo em comparação às olarias do Vale do Sado, pois utilizaram matéria-prima de duas bacias sedimentares de matriz geológica muito idênticas (Raposo, 2017, p.125). As características petrográficas das pastas do Tejo consistem na presença de elementos não-plásticos de quartzo, feldspato e micas (Mayet, Schmitt e Silva, 1996: 163). No geral, as cerâmicas de Porto dos Cacos são descritas como homogêneas, por resultarem da mistura de argilas não-calcárias e areia de grão médio, apresentando uma pasta de cor laranja-clara com inclusões numerosas e grosseiras: quartzo, feldspatos alcalinos e plagioclases, micas e fragmentos de rochas graníticas, acompanhadas pontualmente de anfíbolos (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p.152; Raposo, 2017, p.125).

Em termos geoquímicos, o panorama geral de Porto dos Cacos, em relação à composição das suas pastas, se traduz em elevadas concentrações de Co, As e U, e baixas concentrações de Fe, Zn, Sb, Rb e K. Segundo Dias *et al.*, (2012), “*Os elevados teores de cobalto, arsénio e urânio poderão estar relacionados com a integração nas pastas cerâmicas de argilas lodosas e ricas em matéria orgânica, comuns nas bacias sedimentares estuarinas*”.

Por sua vez, as ânforas do tipo Lusitana 3 de Porto dos Cacos apresentam pasta de tonalidade avermelhada, podendo também ser bege à superfície, granulosa e de boa cozedura (Quaresma, Raposo, 2016). A maior parte destas ânforas diferencia-se das restantes pelos elevados teores de Terras Raras (TR), especialmente as pesadas (TRP), Co e U, e baixos valores de Na” (Dias *et al.*,2012, p.64).

3. AS ÂNFORAS LUSITANAS

3.1.O estudo das ânforas lusitanas em Portugal

O primeiro estudo feito sobre ânforas fabricadas na Lusitânia remonta ao século XIX quando se escavou o forno nos Olhos de Água de S. Bartolomeu de Castro Marim, no Algarve, por Leite Vasconcelos. No entanto, o estuário do Tejo e as regiões do litoral centro e sul de Portugal foram identificados muito mais tarde como centros produtores (Fabião, 2008, p.725). Os estudos sobre ânforas lusitanas amplificaram apenas nos anos 1980 aquando dos projetos dedicados às bacias hidrográficas do Tejo e do Sado (Fabião, 1997, p.59). Nesta altura, a realização da Mesa-redonda sobre ânforas lusitanas no Museu Monográfico de Conímbriga, em 1988, impulsionou o estudo deste tipo de materiais, tornando-se, assim, na primeira reunião científica sobre este tema em Portugal (Fabião, 1996, p.371). As Jornadas de Conímbriga também contribuíram para expandir o conhecimento e explorar as limitações sobre a informação que havia disponível na altura. É onde Dias Diogo apresenta a sua proposta de tipologia das ânforas lusitanas (Diogo, 1987), que abrange o mais numeroso e diversificado conjunto de produções lusitanas, incluindo a forma Lusitana 3 (Alarcão e Mayet 1990, Fabião, 1996b, p.372). Juntando a estas iniciativas, temos ainda a publicação da tese de J.C. Edmondson sobre produção de preparados piscícolas na Lusitânia Romana (1987), tema que não se apresenta separado da produção anfórica Edmondson (Fabião, 1997, p.59).

3.2. A produção anfórica

A produção de ânforas no extremo ocidente da Península Ibérica teve início na Idade do Ferro, com especial incidência no Vale do Tejo, momento inicial onde foram reproduzidos protótipos característicos do período orientalizante que, posteriormente, acabam por adquirir elementos mais específicos, - como por exemplo a amplitude do diâmetro dos bordos (Sousa, Pimenta, 2014, p.311). Contudo, é principalmente a partir dos meados do 1º Milénio a.C. que ocorre uma grande diversificação destas produções, culminando numa nova gama de características regionais adquiridas (Sousa, Pimenta, 2014, p.311). A produção oleira destes recipientes terá perdurado até ao século I d.C.

A próxima fase distinta de produção anfórica dá-se já em época romana (Fabião, 2003, p.301), sendo que as primeiras produções deste período remontam aos meados/terceiro quartel do séc. I a.C., estando registadas no baixo Vale do Sado, em Peniche, Morraçal da Ajuda e, talvez, algures no baixo Tejo (Fabião, 2003, p.402).

Atualmente, são quatro as zonas com centros oleiros comprovados: Estuários do Tejo e do Sado, Algarve e Peniche. É importante referir que a relação entre produção de ânforas e a exploração de recursos marinhos é muito bem estabelecida, estando os centros oleiros e as unidades de preparados piscícolas muito próximos geograficamente. Estes dois tipos de centros de produção estão, por sua vez, instalados muito próximos de estuários de rios ou com fácil acesso aos mesmos (Fabião, 2003, p.402).

Em relação ao historial de funcionamento das olarias, estão definidas duas fases de produção de ânforas romanas na Lusitânia. A primeira fase terá ocorrido entre o século I d.C. e os finais do século II ou inícios do século III, estando caracterizada pelo fabrico abundante e generalizado das ânforas Dressel 14 e Lusitana 3. Estes contentores foram produzidos nos Vales do Tejo e do Sado, mas também em vários pontos do litoral algarvio, tendo como conteúdo preparados de peixe como *liquamen* e *muria* (Fabião, Guerra, 1993, p.1003; Raposo, 2012). A segunda fase de produção de ânforas aparenta ter início entre os finais do século II e inícios do século III, sendo que a rutura entre as duas fases não está ligada à crise do século III, perdurando até ao século V d.C. Nesta nova fase, regista-se uma maior diversidade de formas produzidas, o que pode ter ocorrido devido ao fomento da atividade oleira que conseqüentemente levou a uma afirmação de características regionais (Fabião, Guerra, 1993, p.1004). As novas formas são

consideravelmente mais pequenas e não apresentam *tituli picti*. Por esta altura, transportariam, na sua maioria, produtos piscícolas, uma vez que os centros de transformação de pescado permaneceram em laboração (Fabião, Guerra, 1993, p.1005).

As principais produções desta fase são as ânforas da forma Lusitana 9, Almagro 50, Almagro 51c e as Almagro 51 a-b, tendo sido todas produzidas nos centros oleiros dos vales do Tejo e do Sado e no Algarve (Fabião, Guerra, 1993, p.1005; Raposo, 2012). A forma de ânfora Beltrán 72 também foi produzida, apesar de ser mais difícil atribuir-lhe aos respetivos centros de produção oleira, à exceção de Porto dos Cacos (Raposo, 1990, p. 127; Fabião, Guerra, 1993, p.1005). A crise, ocorrida entre os séculos II e III d.C., leva ao abandono da produção de ânforas e de fornos de certos centros oleiros, principalmente daqueles mais distantes dos estuários dos rios. Porto dos Cacos, ao contrário do expetável neste período, continuou a funcionar normalmente, ou então, não mostrou indícios de alteração abrupta na produção, nem sinais de desaceleração na manufaturação oleira (Fabião, Carvalho, 1990, p.55).

3.3. As tipologias

No que diz respeito à produção de ânforas durante o Alto Império, no século I, os centros oleiros da Lusitânia, Peniche, Tejo e Sado, produziram a ânfora Dressel 14 em grandes quantidades (Fabião, 2008, p.733). Em termos de morfologia, pode apresentar três tipos de lábios com níveis de espessamento e convexidade diferentes, variando entre perfil subtriangular e arredondado. A sua base é larga, colo alto e corpo cilíndrico com pé que termina em bico maciço. As asas são em fita e apresentam secção ovoide e canelura exterior vertical feita a dedo (Raposo, 1990, p.125). Porto dos Cacos, em especial, produziu este tipo de ânfora em abundância, havendo pelo menos duas centenas de exemplares com grafitos. No século II, inicia-se a produção de outra ânfora, a Lusitana 3, que parece imitar a produção gaulesa, o tipo Gauloise 4 (Raposo, 1990, p.125; Raposo *et al.*, 1995, p.336).

Na fase tardia de produção anfórica, entre finais século II e primeiro terço século III, as olarias passam a funcionar de forma diferente e surgem novos centros oleiros, como a Quinta do Rouxinol (século II-III) (Mayet e Silva, 1998; Fabião, 2008, p.735). Com esta nova fase, surgem novas formas de ânforas, sendo as mais fabricadas nos centros oleiros do Sado e do Tejo as Almagro 51c e Almagro 50. A forma Almagro 51c, surge muito

bem representada no panorama de produção anfórica da Lusitânia, sendo possível, em linhas gerais, distinguir dois tipos: temos, primeiro, um tipo estreito, fusiforme e de pé pequeno e pouco diferenciado e outro tipo, de corpo bojudo, piriforme e com pé troncocónico. Os bordos tanto podem ser de secção sub-triangular, como arredondados, o colo é ligeiramente cónico e as asas de fita, com sulcos longitudinais no exterior, partem imediatamente abaixo do bordo ou da metade inferior deste (Raposo *et al.*, 1995, p.336). A forma do tipo Almagro 50 já se trata de uma produção fabricada em menor escala, com bordo de secção sub-triangular com a sua área exterior espessada. O colo é curto e troncocónico, as asas são de secção ovoide, enquanto o pé troncocónico termina em bico comumente maciço e ogival (Raposo *et al.*, 1995, p.336-337).

A partir do século III começa a produção da Lusitana 9 (Dias Diogo, 1987), ou Sado 2 (Mayet e Silva, 1998; Fabião, 2008, p.735-738), nos dois vales. Consta que o seu colo é praticamente inexistente, o bordo é pouco diferenciado e espessado na parte exterior. As asas, em fita partem do bordo, são achatadas e, regra geral, não apresentam sulcos. O corpo pode ser de perfil em barril ou piriforme, o fundo, por sua vez, é muito baixo, largo e anelar (Raposo *et al.*, 1995, p.337). A partir do século IV as olarias do Tejo e do Sado parecem trabalhar de forma próspera, sugerindo um máximo de consumo e exportação dos produtos da Lusitânia. Nesta fase, surge uma nova forma, a Almagro 51 a-b, produzida maioritariamente nos centros do Sado e do Algarve, sendo este último a zona de produção oleira mais proeminente da altura (Fabião, 2008, p.740). Para a Lusitânia, a produção e exportação dos seus produtos terá perdurado até ao século VI (Fabião, 2008, p.743).

3.4. A ÂNFORA LUSITANA 3

3.4.1. Classificação tipológica

Dias Diogo (1987) é o responsável pela designação tipológica mais utilizada da forma, tal como a mais atual, a Lusitana 3. O autor foi o primeiro a descrevê-la em conjunto com várias outras formas de ânfora de origem lusitana na sua proposta de tipologia, destacando a sua semelhança à forma Dressel 28, ânfora fabricada no Vale do Sado (Diogo, 1987, p.183). Aquando da sua classificação, propôs vinho como seu conteúdo devido à sua analogia à forma gaulesa (Diogo, 1987). C. Tavares da Silva, apesar de ter aceitado a proposta de Dias Diogo inicialmente, posteriormente, propõe que se trataria de um

primeiro modelo da ânfora tardia do tipo Almagro 51c (Fabião, 2008, p.735). D. Bernal classificou a forma como pan-hispânica, a qual fora reproduzida na costa setentrional e central terraconense (*apud* Gisbert, 1999; López e Martin, 2008), tal como na costa galega da mesma província (*apud* Morais, 2007; Quaresma, Raposo, 2016). Muitos autores intitulam a tipologia de Almagro 51c, variante a, não aceitando, assim, a sua individualização, tendo-a como uma primeira etapa deste contentor (Quaresma, Raposo, 2016).

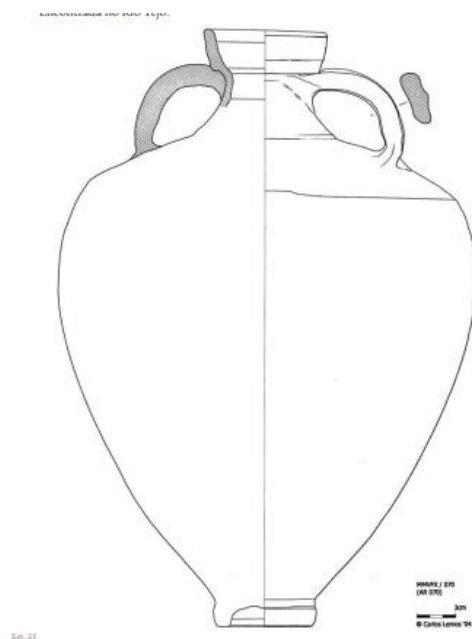


Figura 8- Ânfora Lusitana 3 intacta (Quaresma, 2005)

3.4.2. Morfologia

Morfologicamente, a ânfora Lusitana 3 (Fig.8) é de pequena dimensão, com uma altura que varia entre 46 e 60 cm (Mayet e Silva, 1998), apresentando uma largura que varia entre os 25 e os 35 cm. “O bocal atinge 7 a 10 cm de diâmetro e o colo curto mede, em média, 6-7 cm” (Quaresma, Raposo, 2016). O bordo apresenta-se normalmente em fita, de secção sub-retangular ou convexa, com um formato espesso. Tanto pode ser liso como com uma ou mais ranhuras ou caneluras externas. As asas são curtas e partem imediatamente abaixo do bordo, possuindo um perfil arqueado e um ou mais sulcos longitudinais (Raposo, Duarte, 1992, p.41; Raposo *et al.*, 1995; Fabião, 2008, p.733; Quaresma, Raposo, 2016). A base das asas está apoiada em ombros arredondados e largos (Diogo, 1987, p.182; Quaresma, Raposo, 2016) ”(...) num corpo de perfil contínuo,

piriforme ou ovoide, mais estreito na parte inferior e terminando em pé-de-anel baixo, com 1 a 1,5 cm de altura e 6 a 8 cm de diâmetro” (Diogo, 1987, p.182; Raposo *et al.*, 1995; Fabião, 2008, p.733; Quaresma, Raposo, 2016). O colo, por sua vez, é curto e troncocónico, com altura média de 6 a 7 cm. A capacidade de conteúdo deste contentor pode variar entre os 18 e 23 litros (Quaresma, Raposo, 2016).

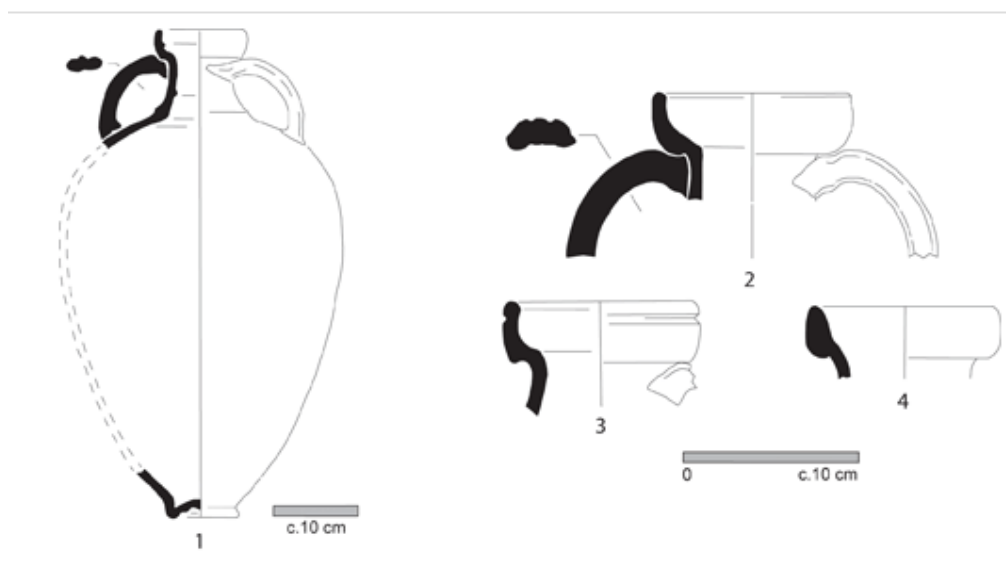


Figura 9- Ânfora Lusitana 3 proveniente da olaria do Pinheiro (Mayet e Silva, 1998)

As formas do Vale do Tejo distinguem-se das do Vale do Sado no que toca à morfologia. O bordo das Lusitana 3 das olarias do Tejo tende a ser verticalizado e, pontualmente, de secção ligeiramente convexa, já no Sado, apresenta-se maioritariamente arqueado. Em relação ao corpo, os exemplares do Tejo caracterizam-se por uma forma piriforme, enquanto os do Sado são de corpo ovoide, mais alongado longitudinalmente (Mayet e Silva, 1998; Raposo, 1990, 126; Quaresma, Raposo, 2016). No caso do Sado, as asas estão ligadas à parte inferior do bordo ao invés de estarem ligadas ao colo, traço mais comum no Tejo. Para além disso, as asas das ânforas do Sado apresentam 1 ou 3 linhas longitudinais ao longo das asas de forma predominante (Mayet, Silva, Schmitt, 1996; Mayet, Silva, 1998). Contudo, as asas das Lusitana 3 provenientes Herdade do Pinheiro e Enchurrasqueira mostram-se semelhantes aos exemplares do Vale do Tejo (Diogo, Faria 1990; Mayet, Silva 1998; García Vargas, 2016, p.293.)

Esta particularidade das asas, tal como outros aspetos como o bordo e colo, são muito idênticas à forma Almagro 51c, embora predominem bordos de secção sub-retangular, ocasionalmente com um sulco horizontal no exterior. Este facto explica a razão da

Lusitana 3 ter sido originalmente considerada uma variante antiga do tipo Almagro 51c, a variante a (Raposo *et al.*, 1995, p.337; Mayet, Silva, Schmitt, 1996).

3.4.3. Produção e cronologia

No Vale do Tejo, a ânfora Lusitana 3 é produzida no Porto dos Cacos em grande quantidade e em quantidade muito escassa na Quinta do Rouxinol (Duarte, 1990; Duarte e Raposo, 1996; Raposo, 1990; Raposo, Sabrosa e Duarte, 1995; Raposo e Duarte, 1996; Raposo *et al.*, 2005, Filipe e Raposo, 2009). Apesar de não ter sido possível estabelecer contextos cronológicos bem definidos no Porto dos Cacos para o fabrico da ânfora, sabe-se que, no século II, a Lusitana 3 foi produzida em abundância, sendo grande parte do conjunto detentora de marcas de oleiro, elemento distintivo das Almagro 51c, uma vez que estas, por norma, nunca levam marca (Raposo, 1990; Raposo *et al.*, 1995; Guerra, 1996; Fabião e Guerra, 2004).

Já no Vale do Sado, mesmo estando identificada como Almagro 51c, variante a, a Lusitana 3 é produzida nas olarias do Pinheiro (Fig.9) (apenas a partir do século II d.C.), Abúl A, Xarroqueira/Enchurrasqueira/Vale da Cepa e, provavelmente, da Quinta da Alegria (Dias Diogo, 1987, p.182; Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998; Diogo e Faria, 1990; Fabião, 2008, p.735; Raposo, 2012; Quaresma, Raposo, 2016; Mayet, Silva, 2017).

Estas ânforas parecem ser produzidas de forma contínua durante todo o século I e II d.C. (Diogo, 1987; Fabião, 2008, p.735), tendo feito parte da produção oleira de todos os centros produtores dos vales do Tejo e Sado, contudo, nunca exclusivamente e nem maioritariamente. De facto, não existiam olarias exclusivas à produção de contentores dedicados ao transporte do vinho (Fabião, 1998, p.188-189). É sabido que as formas mais produzidas estariam destinadas aos derivados de preparados piscícolas, causando a recorrência, por parte dos produtores de vinho, a centros artesanais preexistentes especializados para produção de contentores requeridos ao transporte do vinho (Fabião, 1998, p.189).

Nesta altura de mudança, entre o século II e III, como forma de exemplo, o centro oleiro do Pinheiro reduz a quantidade produzida em termos de ânforas, mas não deixa de produzir a forma Lusitana 3 (Mayet e Silva, 1998; Fabião, 2008, p.735). Dias Diogo, reforçando os dados supramencionados, afirma que a produção se inicia entre os fins do século I d.C. e a primeira metade do século II (Diogo, 1987; *Apud* Diogo e Alves, 1988-1989, p. 23). F.Mayet, por sua vez, defende início de produção nos finais do século II d.C. (Mayet, *et al.*, 1996; Fabião, 1998, p.186). J. Raposo afirma se tratar de uma produção que se inicia nos finais do século I ou inícios do II (Raposo, 1990, p. 122; Raposo, *et al.*, 1995, p. 339-340).



Figura 10- Lusitanas 3 completas (coleção Museu Nacional de Arqueologia. Fotos MNA / João Almeida) (Quaresma, Raposo, 2016)

A distribuição destas ânforas (Fig.2 dos Anexos) em território português traduz-se num número discreto, tendo grande visibilidade nos Vale do Tejo e na área de Lisboa. Na área do Vale do Sado e no interior do Alentejo surge em quantidades mais modestas, contudo, são nas áreas geográficas da costa do Alentejo,

Estremadura e Algarve onde surgem mais esporadicamente (Filipe, 2021, p.205). Apesar destes contentores terem sido produzidos de forma massiva nos Vales do Tejo e Sado, encontram-se muito pouco representados nos centros de consumo da Lusitânia, tendo como exceção apenas o caso de *Villa Cardilio*, onde é encontrado em quantidades dominantes (Filipe, 2021, p.205).

Em jeito de entender melhor a cronologia associada a estas formas anfóricas, existe um conjunto de bordos encontrados em Chãos Salgados (*Mirobriga*), em contexto de deposição secundária da primeira metade e meados do século II (Quaresma, 2012), que poderão ter sido adquiridos entre os finais do século I e primeiras décadas do século II, tratando-se, assim, do contexto mais antigo para a tipologia (Mayet e Silva, 1998; Quaresma, Raposo, 2016). Complementariamente, sabe-se da existência de mais um

outro conjunto proveniente da Herdade do Pinheiro que remontará para período antes da segunda metade do século III (Quaresma, Raposo, 2016).

Em *Conímbriga* há registo de um exemplar em contexto de Trajano e outro na Ilha do Pessegueiro datada do século II (Alarcão *et al.*, 1976). Já nas unidades de salga da rua dos Correiros (Lisboa), a Lusitana 3 é identificada nas camadas de enchimento do tanque 17, datáveis de final do século II ou primeira metade do século III (Bugalhão, 2001; Dias *et al.*, 2012, p.58; Quaresma, Raposo, 2016).

Tendo em contas estas informações cronológicas, é possível apontar o período 225 a 250 d.C. como momento do fim da produção de Lusitana 3 (Fig.10) nos vales do Tejo e do Sado (Quaresma, Raposo, 2016).

Para outras partes da Lusitânia, cujos achados não apresentam uma cronologia tão segura, é possível atestar a presença desta ânfora em quantidades mais reduzidas. Há registo de um fragmento de bordo pertencente à forma de ânfora Lusitana 3 na Quinta do Lago, Loulé (Arruda, 2019, p. 105) e outro em Monte Molião, sendo este último produto de importação dos Vales do Tejo e do Sado, constituindo, assim, a primeira evidência da presença deste fenómeno em centros de consumo no Algarve (Arruda, Viegas, 2016, p.460). Igualmente, encontra-se documentado um fragmento de bordo no Cerrado do Castelo, Grândola (Ferreira, Lázaro, Diogo, 1991, p.108). Em Alcácer do Sal, a ânfora é encontrada em contextos do Alto Império (Diogo e Alves, 1988-9). Em Lisboa, foi também registada na Praça da Figueira (Almeida, Filipe, 2013, p. 740); no Teatro romano (Diogo e Trindade, 1999, p. 87; Diogo 2000, p. 165), no Fundeadouro da Praça D. Luís (Parreira e Macedo, 2013, p. 748), na Casa dos Bicos (Filipe *et al.*, 2016, p. 426), na Rua das Pedras Negras (Diogo, Alves, 1988-1989; Amaro, 1990; Fabião, 1998; Gomes *et al.*, 2017) e na Rua de São Mamede (Mota *et al.*, 2017).

Sabe-se, ainda, da sua existência em *Seilium* (Alarcão, 1976a, p. 75), e em Tróia, Grândola (Fabião, 1998). Nesta última, tal como na Ilha do Pessegueiro, destaca-se a presença da Lusitana 3 em contextos de produção industrial especializados em preparados piscícolas, cujas áreas apresentam pouco potencial de produção agrária, o que requer abastecimento exterior, vindo do Tejo ou Sado, dependente da zona mais conveniente para o efeito (Fabião, 1998, p.187).

Para além das ocorrências acima referidas, vestígios deste contentor surgem em outros importantes centros como o Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2015, p. 167), Ammaia (Venditti, 2016, p. 221) e Sines (Diogo, 1999a, p. 18).

Assim sendo, podemos entender o alcance deste contentor ao longo da província da Lusitânia, tendo chegado aos mais importantes centros consumidores (*Conimbriga*, *Seilium*, *Salacia*, *Olisipo*), cuja produção vinícola local provavelmente não seria suficiente tendo em conta a sua densidade populacional (Fabião, 1998, p.187).

3.4.4. O conteúdo

Dias Diogo (1987) e C. Fabião (1996; 1997; 1998; 2004; 2008) propõem um conteúdo vínico para as Lusitana 3 uma vez que a sua morfologia se assemelha às ânforas vinárias de fundo plano e anelar produzidas para este fim, como as Gauloise 4 do sul da Gália e a Dressel 28 hispânica (Quaresma, Raposo, 2016), e pelo facto de não estarem atestadas outras ânforas destinadas ao envase de vinho lusitano (Diogo, Alves, 1988-1989). Na tradição de ânforas de fundo plano para transporte de vinho, destacam-se, igualmente, produções itálicas, laietanas, africanas e béticas (Fabião, 1996b, p.378). Dias Diogo (1987) também refere a possibilidade de se tratar de um contentor destinado ao transporte de azeite (Quaresma, Raposo, 2016). Os autores que defendem a denominação Almagro 51c, variante a, Françoise Mayet, Anne Schmitt e Carlos Tavares da Silva (1996), propõem conteúdo de preparados piscícolas para estas formas de ânfora (Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998).

Estando este contentor destinado ao transporte de vinho, estaremos, então, perante uma ânfora lusitana utilizada para transportar um produto distinto de preparados piscícolas (Fabião, 2008, p.735).

3.4.5. A distribuição da Lusitana 3 fora da Lusitânia

Fora da região da Lusitânia, mas ainda na Hispânia, há registo da presença da Lusitana 3 no Baixo Guadalquivir. Aparecem em abundância, facto que pode ser interpretado como uma consequência das mudanças económicas, logísticas e administrativas sofrida pelas trocas comerciais da Bética, resultando das reformas introduzidas pela economia e a *Annona* da dinastia Severa (García Vargas, 2016, p.285). Estes contentores, no seio dos

contentores de fundo plano, constam-se predominantes nas cidades de *Hispalis* (Sevilha), *Munigua* e *Italica* durante o Alto Império (García Vargas, 2016, p.286). Em Carteia, Bernal-Casasola aponta a presença de uma peça de Lusitana 3 muito relevante que carrega uma marca de oleiro.

No que diz respeito às ânforas Lusitana 3 provenientes de *Munigua*, mostram-se de tal forma abundantes que se pensou tratar-se, numa primeira fase, de contentores de produção local, porém, análises às pastas revelaram tratar-se, efetivamente, de produções lusitanas provenientes dos vales do Sado e Tejo (García Vargas, 2016; Fabião 2006; García Vargas, 2016). O caso de *Italica* mostra-se muito semelhante a *Munigua*, pois o conjunto anfórico constituído pela Lusitana 3 aqui encontrado é igualmente abundante e originário dos vales do Tejo e/ou Sado. A maioria dos bordos apresentam um perfil reto, ligando-se com o pescoço/colo da ânfora a um ângulo reto, enquanto as suas bases são côncavas na parte central da peça. Em termos cronológicos, estes fragmentos estão incluídos em unidades estratigráficas datadas dos meados do século III d.C. (García Vargas, 2016, p.288). Estas ânforas vinárias surgem em associação com outras ânforas béticas e gálicas, cerâmica comum local e cerâmica fina africana, estando em clara predominância (García Vargas, 2016, p.287).

Ainda em Sevilha, no Patio de Banderas (atual Real Alcázer), intervenções arqueológicas recentes permitiram a identificação deste tipo de ânfora nos seus níveis de abandono (190 a 225 d.C.) Estão presentes vários fabricos, sendo todos originários dos estuários do Sado e do Tejo, apresentando as características morfológicas típicas desta ânfora lusitana, contudo, aproximam-se mais dos exemplares produzidos no Vale do Tejo, nomeadamente no Porto dos Cacos (García Vargas, 2016, p.293). No Patio de Banderas, a Lusitana 3 foi a forma mais importada entre os finais do século II e os inícios do século III d.C. (quase 1 em cada 3 = 30.7% de todos os fragmentos importados). Em termos de volume de conteúdo transportado a Lusitana 3 também se encontra na primeira posição (García Vargas, 2016, p.294).

Para além destes testemunhos, há registo de um fragmento de Lusitana 3 procedente de Carteia que permitiu documentar, pela primeira vez, com segurança, a importação de ânforas lusitanas pela Bética. É uma asa de ânfora “afim da Dressel 30”, de secção ovalada e com uma marca em cartela retangular de registo duplo, GERMAN/GERMAN, coincidindo com as marcas originárias de Porto dos Cacos (Bernal, 1997, p.359). Este achado põe em questão a comercialização à escala interprovincial das ânforas na

Hispânia, neste caso, sugerindo uma direção que não fora considerada até à data, ou seja, produtos lusitanos na Bética. Mesmo se tratando de um achado pontual, obrigou a repensar a questão do comércio de produtos lusitanos que fora defendido pela investigação dos anos oitenta, considerando que o comércio via marítima destes produtos constituía a via de difusão de preparados de peixe, ou vinho, no Mediterrâneo (Bernal, 1997, p.359). Os trabalhos de C. Lopes e F. Mayet mostram que o comércio de longa distância de ânforas lusitanas aconteceu para além de uma escala regional, comprovado pelos diversos naufrágios no Mediterrâneo e em escavações, como em Óstia (Bernal, 1997, p.359). A possibilidade destes contentores serem exportados para além da Lusitânia não era considerada, pensava-se tratar de uma atividade circunscrita à província, não alcançando a vizinha Bética. Contudo, não é possível definir a importância dos produtos lusitanos na Bética, estima-se, apenas, que as ânforas terão chegado, provavelmente, aos portos principais, que serviriam como centros de distribuição para as zonas mais convenientes, sendo possível que uma parte fosse para consumo local, como é o caso de Carteia (Bernal, 1997, p.359).

É difícil atribuir um tipo de ânfora a um determinado centro produtor, principalmente se não houver comprovação das marcas, mas neste caso, temos a segurança de afirmar que esta ânfora, e provavelmente muitas outras do tipo, terão saído de Porto dos Cacos a caminho de Carteia, uma vez que a marca mostra paralelos claros aos deste centro produtor do estuário do Tejo (Bernal, 1997, p.361). Este achado evidencia a presença de ânforas lusitanas na Bética dos séculos III e IV d.C.: a Lusitana 3 testemunha o comércio de vinho lusitano na Bética do Baixo Império. Contudo, não é possível clarificar se este produto estaria destinado ao consumo local ou a um comércio de média ou larga escala (Bernal, 1997, p.361).

Para além destes contextos mais conhecidos, há registo da presença de Lusitana 3 em Carthago Nova (Cartagena), mas precisamente em Porto de Mazarrón (Quevedo, Bombico, 2016, p.315), - achado que testemunha a possível exportação de ânfora Lusitana 3 e vinho lusitano para além da Lusitânia e da Bética-, em Punta del Moral, Ayamonte e na *villa* de Portmán (Bombico, 2016, p. 363).

Num contexto de naufrágio, conhece-se Arles-Rhône 3, navio que naufragou no rio Rhône, no sul de França, com um conteúdo variado de ânforas lusitanas, dentro das quais destaca a presença dominante das produções do Sado e do Tejo, estando presente a Lusitana 3 (Djaoui, Quaresma, 2016, p.357-358).

Para além dos limites da Hispânia a difusão destes contentores anfóricos é um tema pouco conhecido, tanto em termos de quantidade como de alcance. Contudo, sabe-se que existem testemunhos da sua presença em Roma (Bombico, 2016, p.247), em Aquileia, no Adriático (Gaddi, Degrassi, 2016, p.439), na Sardenha (Bombico, 2016) e em algumas localizações na Gália (Filipe, 2021, p.206) e Norte de África (Filipe, 2019, p.353).

Finalmente, é de salientar a variabilidade e abundância dos exemplares de Lusitana 3 encontrados em Sevilha e no vale do Guadalquivir. Teve tamanha importância no Alto Império que se tornou a ânfora mais importada na Bética ocidental na primeira metade do século III (García Vargas, 2016, p.293). Pensava-se que a distribuição de vinhos lusitanos em ânforas Lusitana 3 se tratava apenas de um fenómeno local, pertencente a um contexto de regionalização do comércio vinário no Mediterrâneo Ocidental da segunda metade do século I d.C. (Fabião, 1998, p.187), facto que se desmente graças à presença da Lusitana 3 em terras béticas. Apesar de haver falta de informação relativa à presença desta ânfora no contexto peninsular, escavações recentes no vale do Guadalquivir vêm mostrar que a Bética se tornou um mercado privilegiado para os vinhos lusitanos e, conseqüentemente, para estas formas também, desde pelo menos os finais do século II d.C. (García Vargas, 2016, p.294).

4. A EPIGRAFIA ANFÓRICA

4.1. O historial de investigação

Graças ao trabalho de Dressel sobre o Monte Testaccio, a epigrafia anfórica ganhou outra importância devido à informação gerada, permitindo toda uma nova abordagem face às ânforas e seus produtores, comerciantes, proveniência do conteúdo, o conteúdo em si, entre outros, com recurso principalmente aos *tituli picti* (Guerra, 1996, p.269). Apesar deste primeiro contributo ao mundo da epigrafia anfórica, o estado da questão permaneceu muito pouco conhecida e estudada na altura (Guerra, 1996, p.269).

Em Portugal, a partir da última década do século passado foram publicados trabalhos sobre o tema, dando a conhecer os conjuntos de marcas existentes nos centros produtores da Lusitânia. Jorge Raposo (1990) publicou as primeiras marcas sobre Lusitana 3 de

Porto dos Cacos. Em 1996, Amílcar Guerra, utilizando o mesmo conjunto já apresentado por Jorge Raposo, realizou uma análise sistemática e completa dessas marcas. A partir de 2003, vários investigadores que tratavam do tema das ânforas romanas fizeram um levantamento das marcas de ânfora, inéditas e já publicadas, recolhidas no território atual português, de modo a integrar o Projecto Internacional *Timbres Amphoriques*, desenvolvido pela *Union Académique Internationale* e dirigido por José Remensal Rodríguez (Fabião, Guerra, 2016). Em 2004, Amílcar Guerra e Carlos Fabião estudam as marcas conhecidas em todas os centros oleiros da Lusitânia até à data (Quaresma, Raposo, 2016). O Projeto *CEIPAC- Centro para el Estudio de la Interdependencia Provincial en la Antigüedad Clásica* detém uma Base de Dados de Epigrafia sobre *Instrumentum Domesticum*, que consiste em reunir toda a informação publicada acerca de marcas de oleiro, onde, a partir de 2006, passaram a estar presentes as marcas sobre ânfora da Lusitânia. Este projeto permitiu dar outra visibilidade e difusão aos hábitos epigráficos praticados nas ânforas do atual território português, tanto a nível nacional como internacional (Fabião, Guerra, 2016). Em 2016, sob direção de Carlos Fabião e Amílcar Guerra, foi publicado um catálogo de marcas sobre ânforas originárias do Império Romano encontradas na Lusitânia (Fabião, Guerra, 2016).

4.2. Centros oleiros com epigrafia anfórica na Lusitânia

Estes estudos permitiram entender melhor o uso e frequência destes hábitos epigráficos em ânforas nos respetivos centros oleiros da Lusitânia (Fig.11), como se pode observar de seguida.

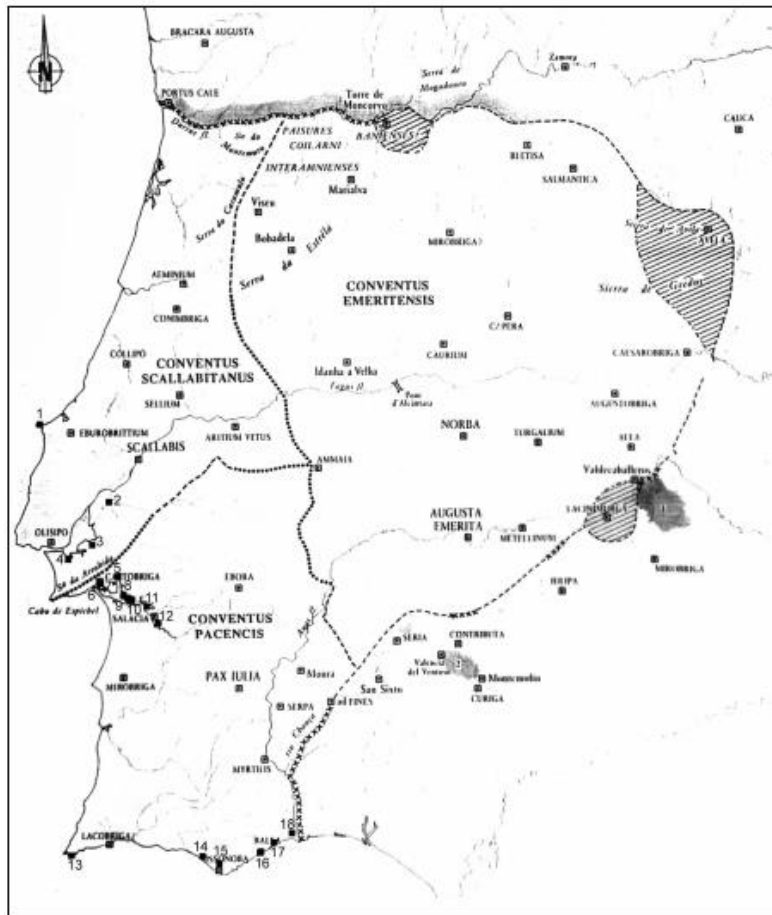


Figura 11- Centros oleiros da Lusitânia. Por Fabião (2004)

*Fornos de ânforas da Lusitania. 1 – Morraçal da Ajuda, Peniche. 2 – Garroucheira, Benavente. 3 – Porto dos Cacos, Alcochete. 4 – Olho da Telha, Palmela. 5 – Quinta do Rouxinol, Seixal. 6 – Zambujalinho, Palmela. 7 – Largo da Misericórdia, Setúbal. 8 – Quinta da Alegria, Setúbal. 9 – Pinheiro, Alcácer do Sal. 10 – Abul, Alcácer do Sal. 11 – Xarrouqueira / Vale da Ceba, Alcácer do Sal. 12 – Bugio, Alcácer do Sal. 13 – Barrosinha, Alcácer do Sal. 14 – Sines. 15 – Martinhal, Vila do Bispo. 16 – Lagos. 17 – Quinta do Lago, Loulé. 18 – S. João da Venda, Loulé. 19 – Torre de Aires, Tavira. 20 – Manta Rota, Vila Real de Santo António. 21 – S. Bartolomeu de Castro Marim, Vila Real de Santo António. Cartografia da Lusitânia definido no Coloquio *Les villes de Lusitanie: hiérarchies et territoires* (Talence 1990), citado por Fabião (2004).*

A olaria de Morraçal da Ajuda, Peniche, apresenta uma marca, LARVENRVSTICI, impressa em ânforas Dressel 14 e Haltern 70 (Fabião, Guerra, 2004, p.226). Sabe-se que foram encontradas marcas semelhantes em Lisboa e Berlengas, mais precisamente em contextos subaquáticos (Fabião, Guerra, 2004, p.226), tal como em Mérida e Idanha-a-Velha (Filipe, 2019, p.352). Para Lisboa temos registos de outras marcas de oleiros em

sítios como Rua dos Correeiros e Jardim do Palácio dos Condes de Penafiel (Fabião, Guerra, 2016).

No baixo Sado, estão documentadas marcas de oleiro em vários centros produtores. No Zambujalinho, Palmela, o conjunto de marcas apresenta-se diverso e não aparenta estabelecer paralelos com os centros do Sado, pois as marcas não consistem em *Tria nomina*, mas sim em letras únicas, maioritariamente. Em Tróia, Grândola, estão documentadas algumas marcas de oleiro em ânfora Dressel 14 (Fabião, Guerra, 2016). Na Quinta da Alegria, Setúbal, foi identificada apenas uma marca num exemplar de Dressel 14 (Fabião, Carvalho, 1990, p.46; Fabião, Guerra, 2004, p.231). O mesmo acontece na Herdade do Pinheiro, em Alcácer do Sal, havendo registo de apenas uma marca, apesar de haver vários grafítos documentados neste centro oleiro (Fabião, Carvalho, 1990, p.46; Fabião, Guerra, 2004, p.232). A Barrosinha, Alcácer do Sal, apresenta a primeira marca de oleiro sobre ânfora Dressel 14 registada em Portugal, MAMVNS (Diogo, Faria, 1990; Fabião, Carvalho, 1990, p.46). Aqui são conhecidos muitos exemplares com diferentes punções que retratam apenas duas marcas (Fabião, Guerra, 2004, p.234-235). Em Xarrouqueira/ Vale da Cepa consta um pequeno conjunto de marcas que poderão se tratar de *tria nomina*, havendo, como exceção, uma marca sob um *dolium* (Fabião, Carvalho, 1990, p.46; Fabião, Guerra, 2004, p.234).

No Algarve, nos Olhos de S. Bartolomeu de Castro Marim, foi registada apenas uma marca, LFT, também em ânfora Dressel 14. Trata-se do único centro produtor do Algarve que apresenta marca impressa em ânfora, podendo se tratar de uma marca que remonta ao século I ou II d.C. (Maia, 1979; Fabião, Carvalho, 1990, p.46; Fabião, Guerra, 2004, p.235).

4.3. O hábito epigráfico

As marcas impressas em ânforas da Lusitânia estão datadas dos séculos I e II d.C., fase mais antiga de produção anfórica, sendo muito pouco frequentes, estando reduzidas em termos de diversidade e quantidade. Surgem, na maioria dos casos, sobre ânfora Dressel 14, em forma de *tria nomina*, com exceção do centro oleiro de

Porto dos Cacos, onde as marcas ocorrem somente sobre ânforas da forma Lusitana 3 (Fabião, Guerra, 2004, p.221). Na Lusitânia, a maioria dos centros oleiros não apresenta

registo de marcas, ao contrário dos grafitos, hábito frequente em praticamente todos. No que diz respeito aos grafitos, há representação de elementos de natureza numérica e alfabética, para além de registo de alguns símbolos (Fabião, Guerra, 2004, p.221). Estes hábitos epigráficos não aparentam estabelecer nenhuma relação com os centros produtores, uma vez que centros mais pequenos apresentam marcas e outros de maior envergadura não apresentam nenhum registo de epigrafia anfórica (Fabião, Guerra, 2004, p.241). A partir do século III d.C., esta atividade epigráfica parece desvanecer, visto que não há mais documentação de marcas desta altura e os grafitos surgem muito raramente (Fabião, Guerra, 2004, p.221).

As estampilhas, ou seja, marcas e contramarcas, resultam da aplicação de uma matriz na pasta fresca. As contramarcas são constituídas por formas geométricas simples, símbolos e elementos simples com gramática decorativa básica (Guerra, 1996, p.270) (Guerra, 1996, p.270). As marcas são as impressões que resultam da aplicação de uma matriz em pasta fresca, formada por uma sequência de signos alfabéticos, os quais podem estar em associação com símbolos. As matrizes poderiam ser compostas por diversos materiais como metal, barro ou madeira (Guerra, 1996; Berni Millet, 1996). Em relação a Porto dos Cacos, não se conhece o tipo de material que constituíam as matrizes (Guerra, 1996, p.271). As marcas estão bastante difundidas através das ânforas, contudo não é claro a que entidade estas se referem. A hipótese mais consensual é de se tratar da identificação do proprietário da oficina (*figlina*) ou identificação da olaria onde foram fabricados os contentores e não do oleiro produtor (*officinator*) (Guerra, 1996, p.271; Fabião, Guerra, 2016). No que diz respeito à relação entre os proprietários das oficinas e o conteúdo das ânforas, não existe informações comprovadas, pelo menos para a área da Lusitânia Romana. Ligar as marcas a apenas um significado não é possível, pois estão em causa demasiadas variantes envolvendo os proprietários das oficinas, o conteúdo, os destinatários, etc., tudo isto dependendo da capacidade e dinâmica de funcionamento de cada oficina, da quantidade de proprietários envolvidos desde a preparação até ao produto final, pronto ao consumo, entre muitos outros aspetos (Guerra, 1996, p.272). Na Lusitânia, o significado das marcas impressas em ânforas é um tema que continuará em aberto até informação que responda a todas estas questões. Contudo, o local onde são encontradas significa a existência de algum tipo de interação entre o centro produtor/local de envase ou local de expedição e o local de consumo final do artigo. Estas marcas ilustram a produção, transporte e consumo de alimentos, que por sua vez, permite

conhecer contextos de consumo, economias locais e identificação de rotas de difusão (Fabião, Guerra, 2016).

5. AS MARCAS DE OLEIRO DA LUSITANA 3 DE PORTO DOS CACOS

5.1. Metodologia

Todo o trabalho desenvolvido à volta do tratamento das marcas impressas sobre ânfora do tipo Lusitana 3 provenientes do sítio arqueológico de Porto dos Cacos foi realizado no Centro de Arqueologia de Almada (CAA), com exceção de cinco exemplares que se encontram depositados no Museu de Alcochete (PC 1548, PC 1607, PC 2124, PC2394 e PC 2793), onde estes foram estudados. Grande parte do espólio recolhido durante as intervenções arqueológicas realizadas na olaria está depositado no CAA, tal como os fragmentos de ânfora com marca. Como ponto de partida para o estudo das peças, foi utilizado um inventário preexistente de caracterização e quantificação das marcas recolhidas até à data, o qual foi atualizado paulatinamente ao longo do estudo das peças. A maioria dos fragmentos assinalados no inventário encontravam-se, de facto, sob a guarda do Centro, contudo, uma parte significativa do conjunto não se encontrava nos doze contentores destinados ao seu armazenamento e nem foram descobertos no decorrer deste trabalho, o que é compreensível, uma vez que as escavações foram terminadas há mais de duas décadas, o que gera tempo mais do que suficiente para algumas peças se perderem/extraviarem ou misturarem-se com outras, talvez de tipologias distintas. Note-se que certas peças, cujo paradeiro se mantém desconhecido, já foram estudadas, desenhadas e fotografadas para trabalhos anteriores, nomeadamente por parte de Jorge Raposo (1990) e Amílcar Guerra (1996), assim, a decisão tomada foi de mantê-las neste trabalho por achar o seu contributo importante e necessário, tendo em conta o produto final, com o objetivo de registar o máximo do conjunto possível, mesmo não tendo sido estudadas fisicamente. As peças PC 1340, PC 2125, PC 2581, PC 1487, PC 1856, PC 1317 e PC 3509 são as únicas abordadas que não foram desenhadas nem fotografadas para este trabalho, tendo sido reaproveitadas dos trabalhos acima mencionados, devido à impossibilidade de acesso às mesmas.

Para estudo completo das marcas foram estabelecidas fases de tratamento que consistiram na análise, de modo a descrever as características das marcas e das partes da ânfora onde foram impressas, na medição da cartela e documentação das mesmas, nomeadamente,

fotografia e desenho. Através da análise foi possível descrever as marcas com os pormenores visíveis (tipo de marca de cada exemplar, modelo de cartela, direção de escrita, particularidade das letras e tipo de punção) de modo a coincidir com o inventário. A seguir, foram tiradas as medidas da cartela com o auxílio de uma craveira. As fotografias foram tiradas a todas as peças, com enfoque na cartela. Para a captação fotográfica foi utilizado um telemóvel Huawei P30 Lite. A parte final desta fase, quiçá a mais importante, consiste no desenho das marcas. O método escolhido para as desenhar foi a técnica do decalque, com grafite e papel que se assemelha ao papel vegetal, mas com um tato muito mais suave e maleável. Esta fase foi a que exigiu mais tempo e cuidado, de modo a permitir a reprodução das marcas o mais fielmente possível.

Depois da descrição, medição, fotografia e desenho das marcas, deu-se lugar à digitalização e edição, de modo a atingir o formato final de apresentação, não tendo sido necessário a representação digital das mesmas. No que diz respeito às fotografias, todos os exemplares foram editados e cortados no programa de edição de fotografias do Windows 11, de maneira a ser possível distinguir as letras com clareza.

Quanto à documentação resultante das escavações, foram consultadas fichas de campo e de camadas, tal como cadernos de campo, desenhos, notas e fotografias. Esta informação à qual se teve acesso advém de várias fases de investigação de campo, de trabalho laboratorial e de tratamento e registo gráfico.

5.2. Análise do conjunto de marcas em estudo

O conjunto de marcas impressas sobre ânforas do tipo Lusitana 3 de Porto dos Cacos é constituído por 215 exemplares, o mais numeroso do país (Guerra, 1996), dos quais foi possível estudar apenas 185 marcas (Gr.1). As restantes 30 marcas permanecem por estudar uma vez que o seu paradeiro continua desconhecido. No entanto, pode-se afirmar que são constituídas por 25 marcas GERMAN, 4 contramarcas em forma de C e 1 marca TMM (Gr.2). Felizmente, existe o inventário de todas as peças encontradas durante as escavações, desta forma, é possível obter algumas informações sobre as mesmas, como o tipo de marca e o contexto onde foram encontradas. Toda a informação relativa às marcas poderá ser consultada no inventário (em anexo) dedicado às peças e no catálogo que se segue. A ficha descritiva (em anexo) selecionada para exposição das marcas em catálogo é baseada no modelo utilizado no livro das Marcas de ânforas romanas na Lusitânia

(Fabião, Guerra, 2016). As marcas estão organizadas de acordo com o seu local de deposição, neste caso, os respetivos quadrados onde foram recolhidas (Fig.12).

**PORTO DOS CACOS (ALCOCHETE) -
QUADRADOS ESCAVADOS COM MARCA DE OLEIRO**

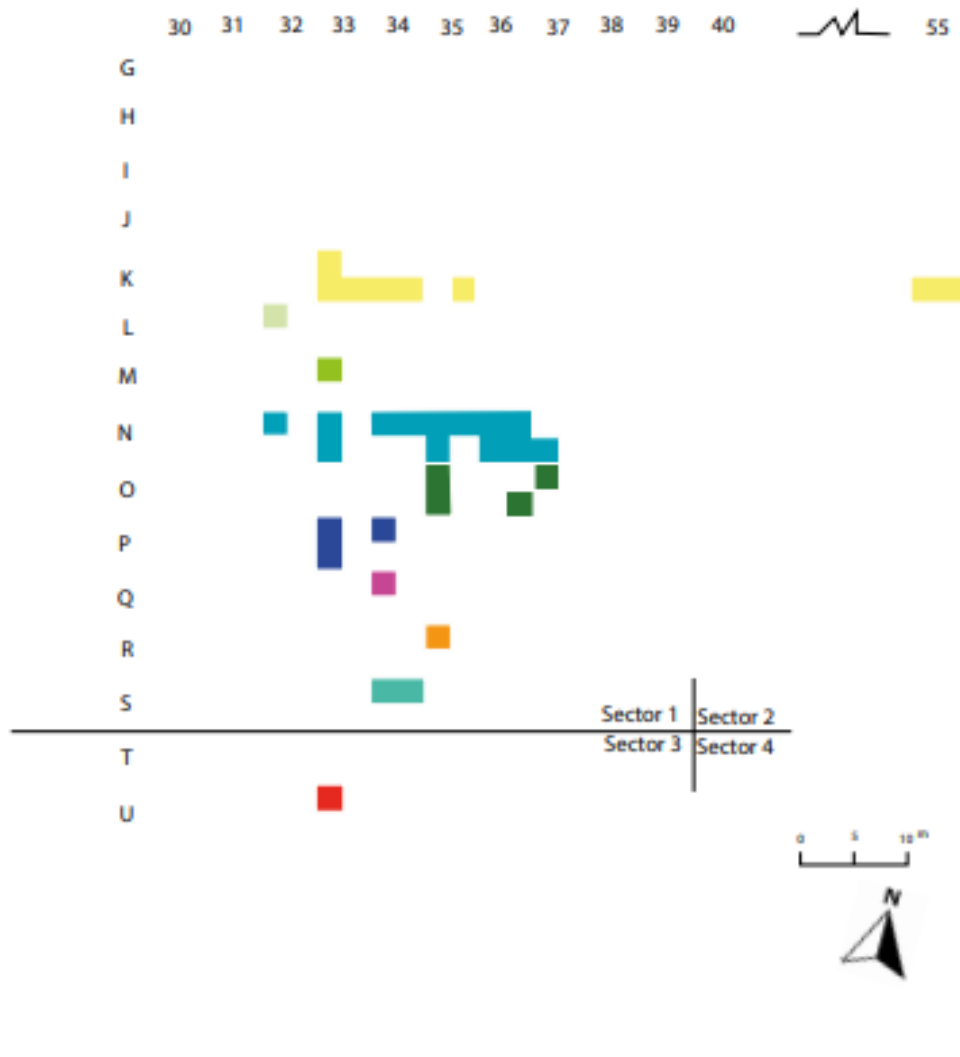


Figura 12- Mapa quadrados escavados com marca de oleiro

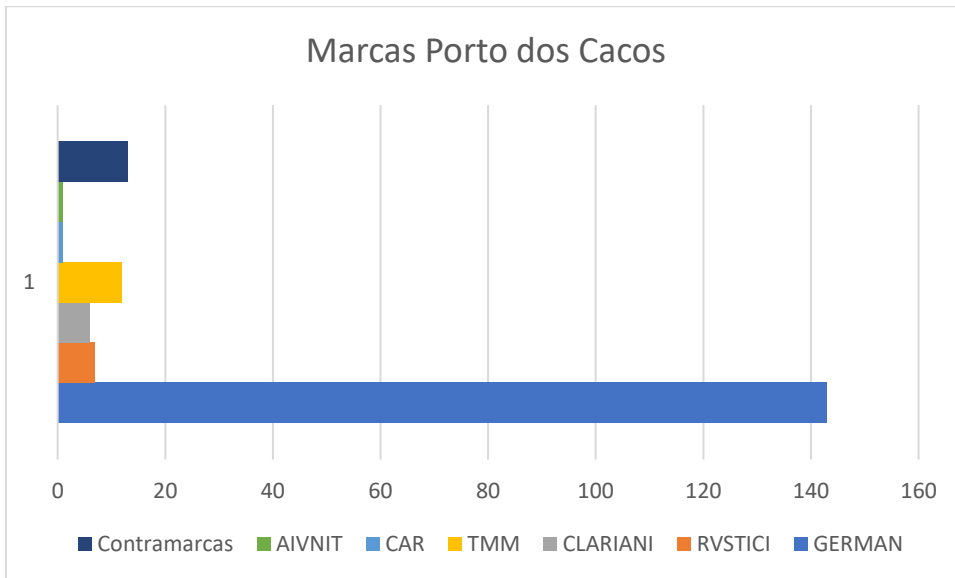


Gráfico 1- Quantificação das marcas de PC

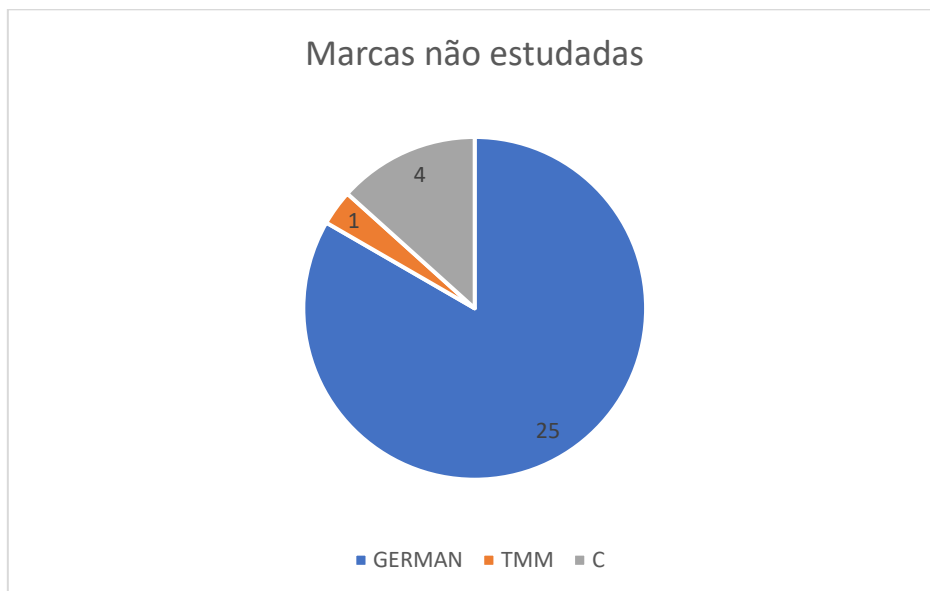


Gráfico 2- Quantificação das marcas não estudadas

5.3. Estratigrafia dos achados

A área escavada está dividida em quatro sectores (1 a 4), que por sua vez, se encontram divididos por quadrados. Estes estão identificados por caracteres alfanuméricos.

A maioria das marcas estão concentradas no Sector 1, onde também se localizam os Fornos 2 e 3, estando muito próximas da área onde se situa o alinhamento das ânforas Dressel 14. As marcas encontram-se distribuídas por 21 Quadrados (Tab.1), havendo cerca de 30 dezenas que não tem quadrado atribuído, contudo, é certo serem provenientes do Sector 1. Os quadrados que compreendidos entre de N33 a N37, inclusive, são os que oferecem a maior parte das marcas recolhidas. Estratigraficamente, os contextos escavados nestes quadrados do Sector 1 resumem de forma clara a diacronia de deposição resultante da primeira fase de produção anfórica no Porto dos Cacos. As camadas mais antigas exibem grande densidade de ânforas Dressel 14 e, ao longo das camadas que cobrem este primeiro contexto, nota-se a escassez gradual desta tipologia de ânfora, enquanto surgem as ânforas Lusitana 3, até se tornarem maioritárias (Raposo, 1990, p.139). Na representação da estratigrafia, Raposo (1990) destaca quatro camadas principais (A, B, C e D) (Fig.13) sendo as camadas A e B, onde ocorre grande concentração de “(...) espólio romano em fragmentos pequenos- ânforas Almagro 51c de fundo plano” (Raposo, 1990, Fig.25), os contextos que apresentam as marcas de oleiro.

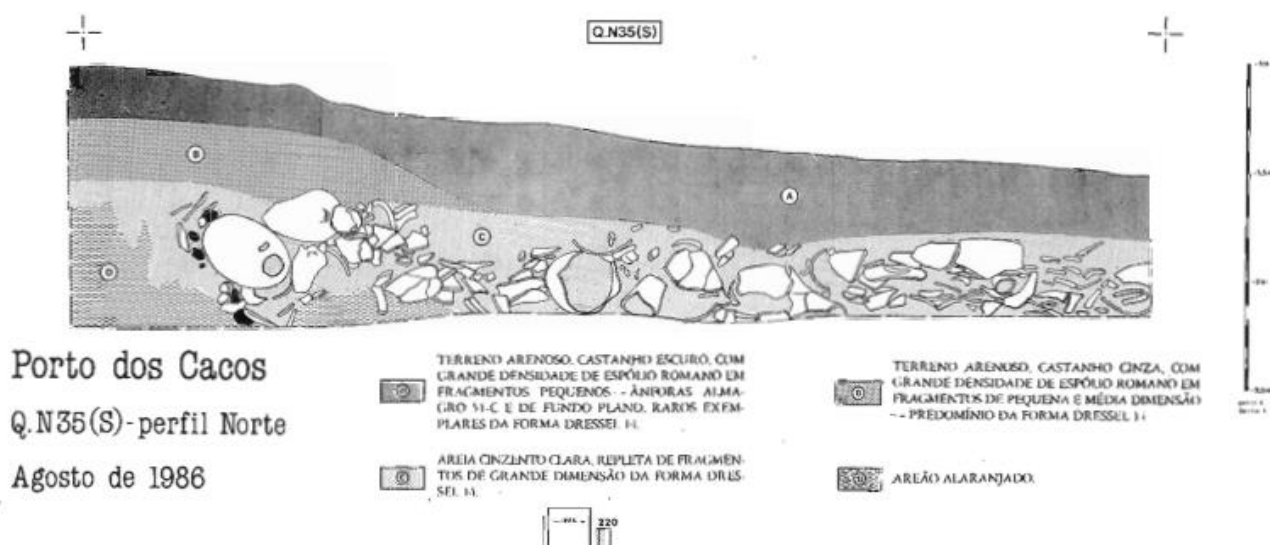


Figura 12- Estratigrafia do QN35(S), Sector 1. (Raposo, 1990)

Tabela 1- Espólio proveniente dos quadrados escavados

	LUSITANA 3	DRESSEL 14	C.COMUM	TEGULA	DOLIUM	VIDRO	T. SIGILLATA	LUCERNA	ESPÓLIO N/ ESPECIFICADO	MATERIAL CONSTRUÇÃO
K33	X							X	X	
K33/K34	X	X							X	
K35	X	X	X						X	
K55	X	X							X	
L32	X								X	
M33	X	X	X						X	
N32	X								X	
N33	X	X	X						X	
N34	X	X							X	X
N35	X	X					X		X	X
N36	X	X	X		X	X	X		X	
N37	X	X	X				X		X	
O35	X								X	
O36	X								X	
O37	X					X	X		X	
P33	X						X		X	X
P34	X		X						X	
Q34	X	X	X						X	X
R35	X	X	X	X	X	X			X	
S34	X								X	
U33	X		X						X	

6. O CATÁLOGO DAS MARCAS

Marcas procedentes do Quadrado K33 (SE)

1. CER F

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004. CEIPAC
25546

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GER (*manus*) F(*ecit*) ou GER
(*mani*) F(*iglina*)

LP.: Porto dos Cacos



(Guerra, 1996)

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1340

B.: RAPOSO, 1990

C.: |CERF|

PP.: *In radice ansae*

DLeit.: *Directa*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 11/ C- 37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo

Ob.: Marca proveniente das obras Raposo (1990) e Guerra (1996), por não ter sido possível estudá-la pessoalmente.

2. CLARIANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004.

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: CLARIANI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.489

B.: Inédita

C.:|CLA[RIANI]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-25 / C- 25 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo.



Ob.: Marca incompleta devido ao estado de conservação do exemplar.

3. GM[N]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: G(ER)M(A)N(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.902

B.: Inédita.

C.: |G^AM^A[N]|

PP.: *In ansa*.

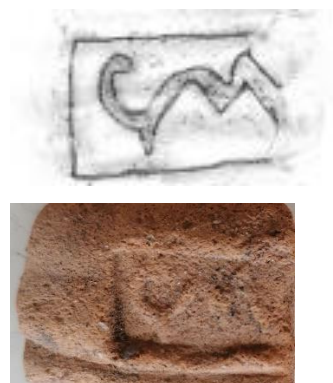
DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 15 / C- 15 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples igual à marca PC 2126.

Marcas procedentes do Quadrado N37 (SO)

4. RVSTICI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC 27304

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2581

B.: Guerra, 1996.

C.: |RVSTICI|

PP.: *In radice ansae*

DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 9 / C- 37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



(Guerra,

1996)

(Raposo, 1990)

Ob.: Marca proveniente das obras Raposo (1990) e Guerra (1996). Não foi possível o seu estudo. Semelhante ao exemplar PC 2793.

5.TMM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; Fabião, Guerra, 2016.

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2633

B.: Inédita

C.: [T'MM]

PP.: *In labro*.

DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 8 / C- 29

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca que surge com duas a três cartelas diferentes referentes à mesma entidade no centro produtor.

6. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2640
 B.: Inédita
 C.: |GERM^A^N|
 PP.: *In radice ansae.*
 DLeit.: *Retro.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 10 / C- 38
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca de cartela simples, pouco legível, com letras mais finas.

7. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2548
 B.: Inédita
 C.: |CER^M^A^N|/|CER^M^A^N|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Retro.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 20 / C- 37
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca onde a letra C é maior do que as restantes. Cartela muito representada no conjunto.

8. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2564

B.: Inédita.

C.: |CE`R`M^A^N|/|CE[RM^A^N]|

PP.: *In ansa.*

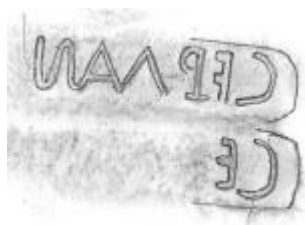
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 22 / C- 35

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com cartela dupla que apresenta características paleográficas muito representadas no conjunto.

9. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2566

B.: Inédita

C.: |CER^M^A^N|/|CER^M^A^N|

PP.: *In ansa*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 19 / C- 37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Paleograficamente semelhante ao PC 2548.

10. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2606

B.: Inédita

C.:|G[ER]M^AN| |G[ERM^A] N|

PP.: *In ansa.*

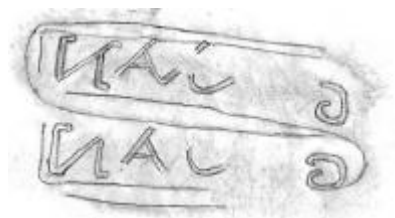
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 22 / C- 43

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca que apresenta uma escrita mais cursiva. Paleograficamente semelhante ao exemplar PC 1172 e afins.

11. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2554

B.: Inédita.

C.: |[CER]M^A^N|

PP.: *In ansa.*

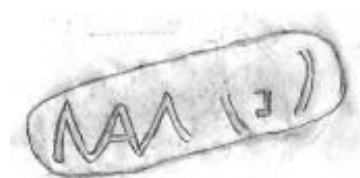
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 11 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples muito semelhante ao exemplar PC 1856.

12. [R]VSTICI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2545
 B.: Inédita
 C.: |[R]VSTICI|
 PP.: *In collo*
 DLeit.: *Directa*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 9 / C-33
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca RVSTICI incompleta com S
retro.

13. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2562
 B.: Inédita
 C.: |G' E'R^M^A^N'|
 PP.: *In ansa*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 38 / C- 12
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples muito particular em
 termos paleográficos, que se repete no
 exemplar PC 2391.

14. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2563

B.: Inédita

C.:|CER^M^N|

PP.: *In radice ansae*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 11 / C- 42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca inédita com cartela simples.

15. [G]JERMAN

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2580

B.: Inédita.

C.: |[G]JER^M^A^N|/|[G]JER^M^AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20 / C- 27 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca semelhante aos exemplares PC 2562 e PC 2391, mas em registo *retro.*

16. C

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: C

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2500

B.: Inédita.

C.: C

PP.: *In ansa.*

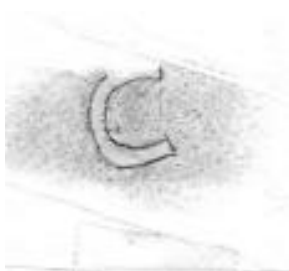
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. cavis.*

Dim.: L-9 / C- 13

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Contramarca em forma de C que se mostra muito bem gravada na pasta.

Marcas procedentes do Quadrado N35 (N)

17. R[VSTICI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3848

B.: Inédita

C.:|R[VSTICI]|

PP.: *In ansa.*

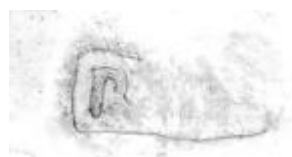
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-9 / C-25

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca RVSTICI, simples, em muito mau estado de conservação.

18. TMM ou TMAM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M() / T. MA() M() *vel* T.

MAM()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3107

B.: Inédita

C.: T[MM] | vel T[MAM] |

PP.: *In labro*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10/ C- 7 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca que poderá corresponder a TMM ou TMAM, não se pode afirmar com certeza devido ao estado de conservação.

19. CLARI[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: CLARIANI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2852

B.: Inédita

C.: |C'L'A'RI[ANI]|

PP.: *In labro.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-9 / C- 33

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples e paleograficamente semelhante a exemplares como PC 489 e PC 1549.

20. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2391

B.: Inédita

C.: |GER^M^A^N|/|GER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

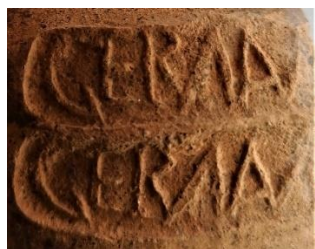
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 23 / C- 34

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca bem representada, com escrita muito particular.

21. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2392

B.: Inédita

C.: |C[ERMAN]||CE[RMAN]||

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-22 / C- 13

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta e em mau estado de conservação.

22. CLARIANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: CLARIANI
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2414
B.: Inédita
C.: |[CLAR]IANI|
PP.: *In labro.*
DLeit.: *Directa.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L- 8 / C- 22
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo

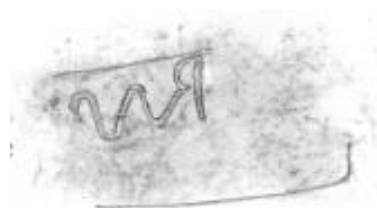


Ob.: Marca simples paleograficamente semelhante aos exemplares PC 2852, PC 489, PC 1549.

23. [GE]RM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2417
B.: Inédita
C.: |[GE]R^M^[A^N]|/|[GER^M^A^N]|
PP.: *In labro.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-16 / C- 40
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla em mau estado de conservação.

24. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2447

B.: Inédita

C.: |G[E]R[MAN]|| / |G´E´R[MAN]||

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 27

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla pouco legível.

25. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2448

B.: Inédita.

C.: |[C]E´R´^M´^AN´|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



26. TMM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T () M () M ()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2518

B.: Inédita.

C.: |T'MM|

PP.: *In labro.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-9 / C-27

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Bordo com marca simples.

27. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2520

B.: Inédita.

C.: |C[ERMAN]| / |C[ERMAN]|

PP.: *In ansa.*

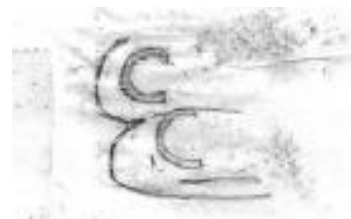
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-16 / C- 16 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla muito pouco conservada-

28. GERMANI

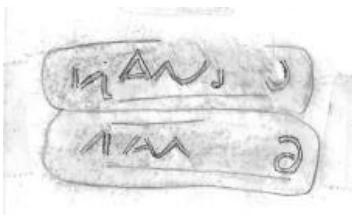
B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2285
B.: Inédita.
C.: |G´[E]R´^M^A´N|/|G[ER]´^M^A´N´|
PP.: *In ansa.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-23 / C-45
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla paleograficamente semelhante aos exemplares PC 86; PC 87; PC 2095; PC 1748; 2815; PC 2284.

29. CLARIANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: CLARIANI
LP.: Porto dos Cacos
a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.3108
B.: Inédita.
C.: |C´LA[RIANI]|
PP.: *In labro.*
DLeit.: *Directa.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L- 10 / C- 24 (incompleta)
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



30. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2848
 B.: Inédita
 C.: |[CE]R^M^AN|/|[E]R^M^AN|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Retro.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L-22 / C-41
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla com letras desenhadas de forma particular (traços no N e R). Paleograficamente semelhante ao exemplar PC 1448.

31. TMM ou TMAM
 B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: T() M() M() / T. MA() M() *vel* T. MAM()
 MAM()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2400
 B.: Inédita.
 C.: |TM^M| *vel* |T[MAM]|
 PP.: *In labro.*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L-9 / C- 12
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples, incompleta, aplicada no bordo.

32. [G]ERMANI
 B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMA(NI)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.3137
 B.: Inédita.
 C.: |[G]E' R'M^A|/ |[G]E'R^M^A|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L-21 / C- 21 (incompleta)
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla com letras em relevo mais saliente do que as restantes.

**Marcas procedentes do Quadrado
 O35 (O)**

33. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos
 a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.85
 B.: Inédita.
 C.:|GER^M^A^N|/ |GER^M^A^N|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Retro.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L-25 / C- 35
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla com letras bem desenhada.

34. ((CIRCULUS))

B.R.: GUERRA, 1996
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: ((CIRCULUS))

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1318

B.: Inédita.

C.: ((*circulus*))

PP.: *In radice ansae.*

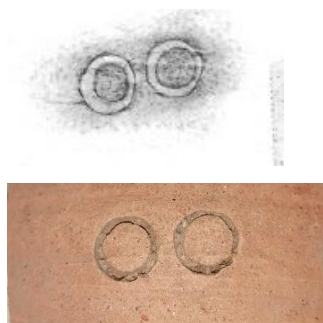
DLeit.: *Nula*

RMC.: *Litt. cavis*

Dim.: 9 Ø

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Contramarca que consiste em dois círculos de pequena dimensão com cerca de 9 mm de diâmetro, com 2mm de distância entre si. Matriz igual/semelhante aos exemplares PC 1704, PC 2407 e PC 2393 de ânforas Lusitana 3 e um exemplar de asa de Almagro 50, PC 2059.

35. T MAM

B.R.: GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; FABIÃO, GUERRA, 2016; CEIPAC 25548

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T. MA () M() *vel* T. MAM()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1317

B.: (Guerra, 1996)

C.: [TM^AM]

PP.: *In collo*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10 / C- 29

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca publicada originalmente por Guerra (1996).

36. GMN

B.R.: GUERRA, 1996

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMANI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2402

B.: GUERRA, 1996.

C.: |G^M^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 16/ C- 31

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



(Guerra,

1996)

Ob: Marca publicada originalmente por Guerra (1996), de onde procede a imagem da mesma. Atualmente, não se conhecer o seu paradeiro.

Marcas procedentes do Sector 1

37. GE[RMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1427

B.: Inédita.

C.: |CE[RMAN]|| |CE[RMAN]||

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20/ C- 12 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta.

38. R[VSTICI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.1441
 B.: Inédita.
 C.: |R[VSTICI]|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 7/ C- 8
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo

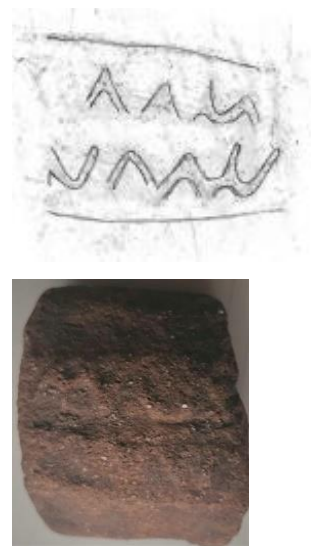


Ob.: Asa com marca RVSTICI incompleta.

39. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.1444
 B.: Inédita.
 C.: |[GER]M^A^N|/ |[GER]M'^AN|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L-20 / C-30
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla com uma escrita mais cursiva e particular.

40. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1446

B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C-39

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples.

41. Contramarca

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1447

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 13/ C- 25

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com contramarca em forma de semi-circulo.

42. [GERMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1494

B.: Inédita.

C.:|[CE]R^M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-6 / C- 60

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples em mau estado de conservação.

43. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1423

B.: Inédita.

C.:|[C]ER^M^A^N|/[C]E^R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 45

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla semelhante ao exemplar PC 1444.

44. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1424

B.: Inédita

C.: |GER^M^A^N|/[G[E]R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla.

45. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1425

B.: Inédita.

C.:|[G]ERM^A^N|/|[G]ERM^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marcas dupla semelhante aos exemplares PC 1424 e 1444, mas *retro*.

46. [CER]F

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: CER F(*ecit*)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1426

B.: Inédita.

C.: |[CER]F|/|[CER]F|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-17 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla e incompleta.

47. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1428

B.: Inédita.

C.:|[GE]R[MAN]|||[GE]RM^[AN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 22 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla com escrita muito singular.

48. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1430

B.: Inédita.

C.: |[GE]RM'^A^N|/|[GE]RM'^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-35

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla semelhante ao exemplar PC 1428.

49. Ilegível

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio. CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1431

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-7 / C- 33 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca ilegível na ligação da asa com o bojo.

50. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio. CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada. Nº inv.1433

B.: Inédita.

C.: |[GE]R^M^A^N|/|[GE]R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20/ C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



51. [GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1434

B.: Inédita.

C.: |[GE]RM^A^N'|/|[GE]RM^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla semelhante aos exemplares PC 1424, PC 1444, PC 1425 e PC 1433.

52.[GERMA]NI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1437

B.: Inédita

C.: 1- |[GERMA]N'|/ |[GERMA]N'; 2- |[GERMA]N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: 1- L- 12/ C-10; L- 9/ C-10 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com duas marcas distintas, uma dupla e outra simples.

53. Contramarca

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1438

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-34 / C- 11 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com cantramarca incompleta.

54. [GERMA]NI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1439

B.: Inédita.
C.: |[GERM]^A^N^|/[GERMA]N|
PP.: *In ansa.*
DLeit.: *Directa.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L- 25/ C- 40
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla semelhante a PC 1434, PC 1433, PC 1424, PC 1444, PC 1425 e PC 1434.

55. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.1442
B.: Inédita.
C.: |GER^M^A^N|
PP.: *In radice ansae.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L- 12/ C- 40
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.:Asa com marca simples.

56. G[ERMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1443

B.: Inédita.

C.: |C[ERMAN]|

PP.: *In ansa.*

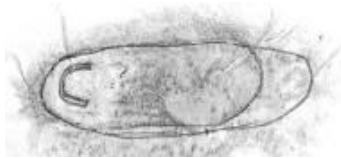
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10 / C- 31

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



C.: |[GER]M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 12/ C- 32

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca pouco legível.

57. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1445

B.: Inédita.

58. [GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1495

B.: Inédita.

C.: |[G]E^R^M^A^N|/ |[GE]RM^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C- 38

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla muito representada no conjunto.

59. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC 25544

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio. CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada. Nº inv.1435

Ob.: Marca simples muito similar ao exemplar PC 1856, mas *directa*.

60. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio. CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada. Nº inv.1448

B.: Inédita.
C.: |GER^M^AN|
PP.: *In radice ansae.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-10 / C- 42
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Marcas procedentes do N34 (N)

61. [GERMA]N[I]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1528

B.: Inédita.

C.: |[GERMA]N|/[GERMA]N'

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-18 / C-9 INC.

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla incompleta.

62. [GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1851

B.: Inédita.

C.: |[GER]M^A^N|/[GE]R^A^[N]|

PP.: *In ansa.*

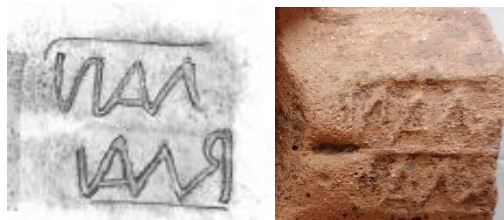
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20 / C- 23 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta.

63. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1854

B.: Inédita.

C.: |CERM^A[N]|/ |CER^MA^AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 23 / C- 45

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla com letras mais afuniladas nas extremidades.

64. [-] R [-]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1855

B.: Inédita.

C.: [|R|]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10/ C-12 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca incompreensível, mas com uma escrita que se destaca das outras marcas.

65. Ilegível

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1895

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-25 / C-11 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marcas dupla ilegível.

66. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1917

B.: Inédita.

C.: |[CERM]^A^N|/[CERM]^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 17/ C-15 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta.

67. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2001

B.: Inédita.

C.: |C'E'R^M^A^N|/|C'E^R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 18 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla, em que as duas primeiras letras são mais curtas do que as restantes. Trata-se de uma punção muito recorrente no conjunto.

68. [T]MM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2024

B.: Inédita.

C.: |[CER]^M^A^N|

PP.: *In labro.*

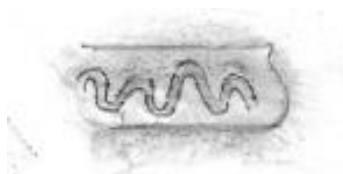
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-9 / C- 24

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca que corresponde, provavelmente, a *tria nomina*. Marca paleograficamente distinta das restantes, possivelmente se trata de uma cartela distinta.

69. [GE]RMA[NI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2033

B.: Inédita.

C.: [[GE]R^M^A^[N]]/

[[GER]^M^A[N]]

PP.: *In ansa*.

DLeit.: *Retro*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 18 / C- 23

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta, com escrita cursiva.

70. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2158

B.: Inédita.

C.: |GE^R^M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca semelhante ao exemplar PC 2001 e afins.

71. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC 25540

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2041

B.: *Inédita.*

C.: |CE`R^M^A^N|/ |CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-19 / C-41

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Mais um exemplar onde as duas primeiras letras ficam num nível mais baixo do as restantes.

72. GERMANI (1); GERMANI (2)

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

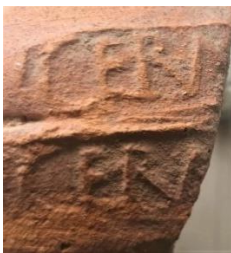
Nº inv.2042

B.: *Inédita.*

C.: 1) [[C'E'R^M^A^N]]; 2) |CER^[MAN]|/|C'E'R^[M^A^N]|
 PP.: 1) *in radice ansae*; 2) *In ansa*.
 DLeit.: *Retro*.
 RMC.: *Litt. extantibus*.
 Dim.: 1) L- / C-35; 2) L- 20 / C- 36
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo.



1-



2-

Ob.: Asa com duas marcas e punções distintos.

73.[GE]R[MANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2060

B.: Inédita.

C.: |[CE]R[MAN]|/|[CE]R[MAN]|

PP.: *In ansa*.

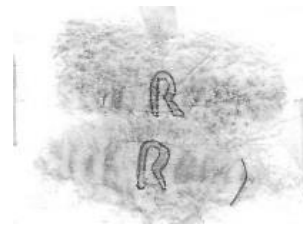
DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-25 / C- 41 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



74. GERMAN(I)

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2069

B.: Inédita.

C.: |CE`R`^M`A`^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C- 41

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples e incompleta.

75. [G]ERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2072

B.: Inédita.

C.: |[C]E`RM`A`^N|/ |[GER]M`A`^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-38

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com punção muito frequente no conjunto epigráfico.

76. [G]ERM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2155
B.: Inédita.
C.: [[G]E'R^M^[A^N]]
PP.: *In ansa.*
DLeit.: *Directa.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-10 / C-40
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca simples que, em termos paleográficos, se apresenta muito distinta das restantes.

77. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2156
B.: Inédita.
C.: [[G'E'R^M^A^N]]
PP.: *In radice ansae.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-10 / C-40
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marcas simples e incompleta.

78. TMA[M]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T. MA() M() *vel* T. MAM()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2160

B.: Inédita???

C.: |T^M^A|

PP.: *In colo*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-8 / C- 15 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marcas simples e incompleta, impressa no colo.

79. [GERM]ANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1537

B.: Inédita.

C.: |[CERM]^A^N|/[CERM]^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 23

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



80. G[ER]M[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1553

B.: Inédita.

C.: |[CERMAN]||[CERMAN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-35

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1572

B.: Inédita.

C.: |[CE]RM'A'N'|[CE]R'M[AN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-38

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca semelhante ao exemplar PC

1537 e afins.

81.[GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

82. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1575

B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N|/|CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-18 / C-38

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla muito semelhante aos exemplares PC 2041 e PC 2001, entre outros exemplos.

83. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1878

B.: Inédita.

C.: |[CER]^M^A^N|/|[CER]^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

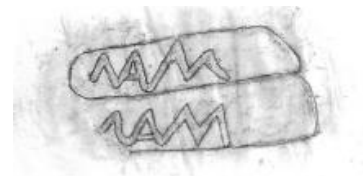
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta.

84. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.1996
B.: Inédita.
C.:|CER^M^A^N^|/[C]ER^M^A^N^|
PP.: *In ansa*.
DLeit.: *Directa*.
RMC.: *Litt. extantibus*.
Dim.: L-18 / C-40
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla semelhante aos exemplares PC 1575, PC 2041, PC 2001 e afins.

85. CLARIANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC 25550
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: CLARIANI
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.1549
B.: Raposo, 1990.
C.: |CLARIANI|
PP.: *In labro*.
DLeit.: *Directa*.
RMC.: *Litt. extantibus*.
Dim.: L-8 / C-50
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Bordo com marca simples, com uma grafia que exclusiva da marca CLARIANI.

86. [GER]M[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos
a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1582

B.: Inédita.

C.:|[CER]M[AN]|

PP.: *In radice ansae.*

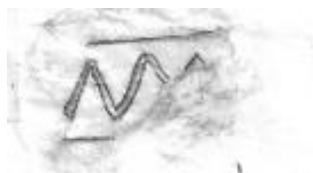
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10/ C- 41

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.:

Ob.: Marca simples incompleta.

87. C

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: C

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1584

B.: Inédita.

C.: C

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. cavis.*

Dim.: L-10 / C- 12

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Contramarca em forma de letra C, impressa mais profundamente na pasta. Igual ao exemplar PC 2500.

88. G[E]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1586

B.: Inédita.

C.:|G[E]R^M^A^N|/|[GE]R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-23 / C-45

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



89. G[ERMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1587

B.: Inédita.

C.:|C^'[ERMAN]|/|C[ERMAN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-21 / C- 4 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla incompleta.

90. [GE]RM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1588

B.: *Inédita.*

C.:|[GE]RM[AN]|/|G^'E^'R^'M^'[AN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-24 / C-34

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Mais um exemplo de variação da marca GERMANI.

91.GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1590

B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-9 / C-35

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Mara igual aos exemplares PC 1604 e PC 1605.

92. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1604

B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N|/|CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 21 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



93. GERM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1605

B.: Inédita.

C.: |CER^M^[^A^N]|/|CER^[M^A^N]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 19/ C- 24

94. [G]ERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1606

B.: Inédita.

C.: |[CER]^M^A^N|/|[G]ER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

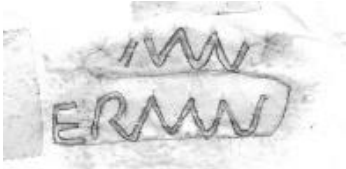
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-24 / C-40 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla fragmentada.

95. G[ERMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1612

B.: Inédita.

C.: |[G]ERMAN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C- 10 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples muito fragmentada.

96. GERMAN

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1999

B.: Inédita.

C.: 1. |GER^M^A^N|/|G^ER^M^A^N|;

2. G^ER^M^[AN]|

PP.: 1. *In ansa.*; 2. *In radice ansa*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

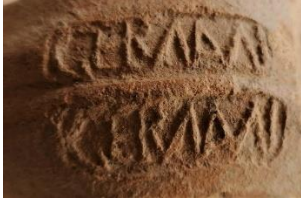
Dim.: 1) L-25 / C-37; 2) L- 19/ C- 42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



1.



2.



a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Museu Municipal de Alcochete. N°
inv.1548

B.: Raposo (1990)

C.: |AVCR|/|AVCR|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-38 / C- 42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com duas marcas distintas, uma marca dupla que se assemelha a exemplares como PC 2562 e PC 2391. E uma marca simples muito incompleta.

97. AVCR

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004. CEIPAC
25539

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: AVCR

LP.: Porto dos Cacos

Ob.: Segundo a base de dados CEIPAC, Blanc-Bijon propõe a leitura [M'VCR]/[MVCR] para a marcas. Guerra (1996) propõe AVCR ou AVCIS, com R *retro*. Esta marca não apresenta paralelos com outras marcas conhecidas.

98. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Museu Municipal de Alcochete. N°
inv.1607

B.: Inédita.

C.: |C'ER^M^A^N|/|C'E'R^M^A^N'|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 19/ C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla semelhante a vários
exemplares já vistos, como PC 1604 e
PC 1605.

99. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC
25543

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
N° inv.1487

B.: Raposo (1990)

C.: |C'ER^M^A^N'|/|CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 24/ C-43

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



(Guerra, 1996)

(Raposo, 1990)

Ob.: Marca GERMANI publicada por Raposo (1990) e por Guerra (1996). Atualmente não se encontra nos depósitos de Lusitana 3 com marcas no CAA. A única fonte de estudo da marca são a bibliografia já mencionada.



(Guerra, 1996)

100. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC
25545

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.1856

B.: Raposo (1990)

C.: |CER^M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 11/ C-39

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo

Ob.: Exemplar retirado dos trabalhos de Raposo (1990) e Guerra (1996), não tendo sido estudado pessoalmente.

Marcas procedentes do N36 (SO)

101. CERF

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GER (*manus*) F(*ecit*) ou GER
(*mani*) F(*iglina*)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.1716

B.: Inédita.

C.: |[CE]RF|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 18 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla incompleta.

102. GERMA[NI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1758

B.: Inédita.

C.: |[C]ER^M^A[N]||[CER^M^A^N]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-19 / C- 28

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo

103. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1759

B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N||[CER^M^A^N]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20/ C-35

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Exemplar semelhante ao PC 1758.

104. [GER]M[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2283

B.: Inédita.

C.: |[GER]M^AN'|

PP.: *in radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 12/ C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca que é paleograficamente semelhante aos exemplares PC 2606; PC 2286; PC 280; etc.

105. [CLA]RI[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: CLARIANI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1743

B.: Inédita.

C.: |[CLA]R'I[ANI]

PP.: *In radice ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C- 32 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples muito fragmentada.

106. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.1630
 B.: Inédita.
 C.: |[GE]R^M^A^N|/|G^ER^M^A^N|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 20/ C-42
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



107. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERM(ANI)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.1748
 B.: Inédita.
 C.: |[G^E^R^M|/|GER^M|
 PP.: *In ansa.*
 DLeit.: *Directa.*
 RMC.: *Litt. extantibus.*
 Dim.: L- 20/ C-40
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla GERMANI onde a extremidade inferior da letra E se prolonga por baixo da letra R.

Marcas procedentes do N36 (SE)

108. [GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2098

B.: Inédita.

C.: |[GE]R^M^A^N|/|[GE]R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 18/ C-37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla que se assemelha ao exemplar PC 2280.

109. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2280

B.: Inédita.

C.: |C^ER^M^A^N|/|C^E]R^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20/ C-37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla com letras finas e pouco regulares, semelhantes aos exemplares PC 2280 e PC 2098.

110. CAR [--]?

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: CAR [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2291

B.: Inédita.

C.: |DAR[.]/|CAR'[.]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: Directa. 1º C retro.

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-21 / C- 21 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Esta marca não apresenta nenhum paralelo com as restantes encontradas, tratando-se de um exemplar único no conjunto.

111. Ilegível

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2293

B.: Inédita.

C.: |[-]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [-]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 21/ C- 22 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa dupla ilegível.

112. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERM(ANI)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2095

B.: Inédita.

C.: |GE´RM´|/|GERM|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 18/ C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla semelhante ao exemplar PC 1748 e afins.

113. GERM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2111

B.: Inédita.

C.: |CER^M^[A^N]|/|C^ER^M^[A^N]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20/ C- 28

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



114. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2162

B.: Inédita.

C.: |C'ER^M ^A^N'|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10/ C- 38

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples semelhante ao exemplar PC 1856.

115. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2187

B.: Inédita.

C.: |GER^M^AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-12 / C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples com escrita muito particular que representa mais uma punção da marca GERMANI.

116. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMA(NI)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2284

B.: Inédita.

C.: |G'ERM^A|/|G'E'R'M^A'|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-19 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca dupla paleograficamente semelhante aos exemplares PC 86; PC 87; PC 2095; PC 1748; 2815.

117. G[E]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2286

B.: Inédita.

C.: |[GE]RM^AN|/|[ER]M' [AN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 48

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



118. GERM[AN]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2107

B.: Inédita.

C.: |CE`RM[AN]|| |C`ERM^[AN]|

PP.: *In labro.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C- 30 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla incompleta,
paleograficamente semelhante aos
exemplares PC 1575, PC 227, PC 1996,
PC 1435, etc.

119. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC
25541

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2110

B.: Inédita.

C.: |GER^M^A^N^I|||GE'R^M^A'N^I|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-23 / C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla muito representada no conjunto.

120. RVSTICI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC 25264

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3508

B.: Raposo (1991)

C.: |RV'S'TICI|

PP.: *in radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-6 / C-38

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples com S *retro.*

121. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC 25542

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMA(NI)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3509

B.: Raposo (1990)

C.: |GERM^A|/|GERM^A|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: [--]

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



(Guerra, 1996)

Ob.: Exemplar retirado dos trabalhos de Raposo (1990) e Guerra (1996), por não ter sido possível estudar a peça pessoalmente.

Marcas procedentes do M33 (NO)

122. [GERMAN]I

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMANI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2119

B.: Inédita.

C.: |[CERMA]N|/ |[CERMA]N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-21 / C- 10 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla incompleta.

123. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2281

B.: Inédita.

C.: |C' [ER]M^A^N|/|CE^RM^AN'|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-19 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla que se assemelha ao exemplar PC 1559.

124. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMA(NI)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2282

B.: Inédita.

C.: |G^E^RM^A|/|G^E^RM^A|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-26 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



125. G[ERMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2292

B.: Inédita.
 C.: |G[ERMAN]|| |G[ERMAN]||
 PP.: *In ansa*.
 DLeit.: *Directa*.
 RMC.: *Litt. extantibus*.
 Dim.: L- 23/ C-12 (incompleta)
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



DLeit.: *Retro*.
 RMC.: *Litt. extantibus*.
 Dim.: L-20 / C-39
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla incompleta.

126. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2193
 B.: Inédita.
 C.: |[C]ER^M^A^N|||C^E^R^M^A^N|
 PP.: *In ansa*.

127. GE[RMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMA(NI)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.2196
 B.: Inédita.
 C.: |G^E^R^M^A|||G^E^R^M^A||
 PP.: *In ansa*.
 DLeit.: *Directa*.
 RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-21 / C- 23 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Mais um exemplar paleograficamente semelhante aos exemplares PC 86; PC 87; PC 2095; PC 1748, entre outros, mas em mau estado de conservação.

128. GERM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2210

B.: Inédita.

C.: 1- |CER´M´[AN]|; 2-
|[CERM]`AN|/[CERMAN]|

PP.: 1- *in radice ansae*; 2- *In ansa*.

DLeit.: 1- *Directa*; 2- *Retro*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: 1- L-10 / C-38; 2- L-20 / C- 41

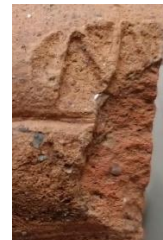
Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo

1.



2.



Ob.: Mais um exemplo de asa com duas marcas distintas apresentando cartela simples e dupla.

129. T[MM]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M() / T. MA() M() *vel* T.
MAM()

LP.: Porto dos Cacós

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2205

B.: Inédita.

C.: T'[MM]| *vel* T'[MAM]|

PP.: *in colo*

DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 7/ C- 10 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca com cartela muito fragmentada, contudo é possível especular tratar-se de TMM ou TMAM.

130. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacós

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.3062

B.: Inédita

C.: |[CE]RM^A^N|/|[E]RM^AN^|

PP.: *In ansa*.

DLeit.: *Retro*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-22 / C- 32

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



131. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.3063

B.: Inédita.

C.: |C'E'R'M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10 / C- 36

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples semelhante a exemplares como o PC 1856, mas *directa.*

Marcas procedentes do Quadrado Q34 (NO)

132. C

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004. CEIPAC
25537

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: C

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2195.

B.: Raposo (1990); Guerra (1996)

C.: |C|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *litt. cavis*

Dim.: L-9 / C-11

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Exemplar igual ao PC 1584 e PC 2500.

133. GMN

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: C(ER)M(A)N(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2126

B.: Inédita.

C.: |GM[N]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-13 / C- 31 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples, igual ao exemplar PC 2402.

134. TMM ou TMAM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M() / T. MA() M() *vel* T.
MAM()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2208

B.: Inédita.

C.: |T[MM]|/ |[TMM]| *vel*
|T'[MAM]|/|[TMAM]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-16 / C-5 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca que possivelmente se trata de TMM ou TMAM, sendo a única deste tipo que apresenta marca dupla.

135. [T]MM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2206

B.: Inédita.

C.: |[T]M'M|

PP.: *In labro*.

DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-9 / C- 15

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca que se apresenta incompleta.

136. TMM

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004. CEIPAC
25549

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: T() M() M()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Museu Municipal de Alcochete. Nº
inv.2124.

B.: Raposo (1990)

C.: |TMM|

PP.: *In labro*.

DLeit.: *Directa*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-9 / C-28

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca publicada originalmente por
Raposo (1990).

137. AIVNIT ou TINVIA

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004; CEIPAC
26366

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: AIVNIT *vel* TINVIA

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2125

B.: Raposo (1990)

C.: |AIVNI[T]||/|AIVNIT| ou
|[T]INVIA|/|TINVIA|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: Directa/ Retro.

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-24 / C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



(Guerra, 1996)

Ob.: Marca única que surge no conjunto, podendo ser interpretada de duas formas. Informação extraída de Raposo (1990) e Guerra (1996), por falta de alternativa para o seu estudo.

Marcas procedentes do quadrado L32 (NO)

138. RV[STICI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2144

B.: Inédita

C.: |RV[STICI]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: Directa.

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-9 / C-37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples incompleta.

**Marcas procedentes do quadrado O36
(SE)**

139. Ilegível

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2174

B.: Inédita.

C.: |[...]|/ |[...]|

PP.: *In ansa*.

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 20 / C- 25

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla ilegível.

**Marcas procedentes do Quadrado
K35 (SE)**

140. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2289

B.: Inédita.

C.: |G´[ERMAN]||G´E´RM^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-23 / C- 32

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Marca com muitas representações no conjunto epigráfico.

Marcas procedentes do quadrado N35 (SO)

141. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2288

B.: Inédita.

C.: |[GER]M^AN|/|[GER]M^AN´|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 22 / C- 42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



142. G[E]RM[ANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2290
B.: Inédita.
C.: |C'[ER]M'[AN]|/|C'E'R^M'[AN]|
PP.: *In ansa.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-21 / C- 25
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla incompleta.

143. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.1561
B.: Inédita.
C.: |G'E'R^M^AN|/|G'E'R^M^AN|
PP.: *In ansa.*
DLeit.: *Retro.*
RMC.: *Litt. extantibus.*
Dim.: L-22 / C-37
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla que representa mais uma punção da marca GERMANI.

144. GE[RMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2287
B.: Inédita.
C.: |[GERM]NA'|/|[GE]R'M^AN'|
PP.: *In ansa*.
DLeit.: *Retro*.
RMC.: *Litt. extantibus*.
Dim.: L-21 / C- 23
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



145. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004
Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
Leit.: GERMAN(I)
LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
CNS 4143
LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
Nº inv.2390
B.: Inédita
C.: |[G]ERM^AN|
PP.: *in collo*.
DLeit.: *Retro*.
RMC.: *Litt. extantibus*.
Dim.: L- 11/ C-33
Tip.: Lusitana 3
Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples similar a
exemplares como PC 3063.

146. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1559

B.: Inédita.

C.: |G'[E]RM^AN^|/|GERM^AN'|

DLeit.: *Retro*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L- 15/ C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



147. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1560

B.: Inédita.

C.: |[CER]M^AN|

PP.: *In radice ansae*.

DLeit.: *Retro*.

RMC.: *Litt. extantibus*.

Dim.: L-10 / C- 43

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples e incompleta.

148. Contramarca

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1562

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-12 / C- 18 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com contramarca
incompreensível.

149. [G]JERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1666

B.: Inédita.

C.: 1- [[G]JERM^AN]; 2-
|[GERMA]N|/[GERMA]N|

PP.: 1- *in radice ansae; In ansa.*

DLeit.: 1- *Directa*; 2- *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: 1- L-10 / C-40; 2- L- 17 / C-10
(incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



1-



2-



Ob.: Asa com duas marcas distintas, uma simples e outra dupla.

150.GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2719

B.: Inédita.

C.: |C'E'R'M^A^N|/|C'[ER]M^AN'|

PP.: *In ansa.*

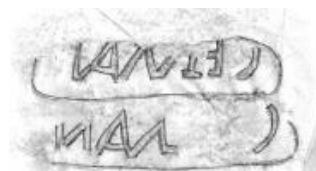
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-19/ C-37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



151. ((CIRCULUS))

B.R.: GUERRA, 1996

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: ((CIRCULUS))

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1704

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In labro.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: 8 Ø

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Exemplar com contramarca em forma de círculo com 8 mm de diâmetro, com 1 mm entre si. Semelhante aos exemplares PC 1318, PC 2393 e PC 2407.

152. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2717

B.: Inédita.

C.:|[CER]M^AN'|/[CER]M^AN'|

PP.: *In labro.*

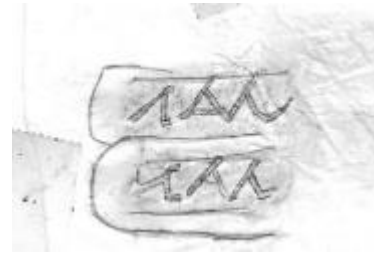
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-21/ C- 28

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla paleograficamente similar ao exemplar PC 2848.

153. GERMAN

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2724

B.: Inédita.

C.: |GE'RMAN|/|G'ERM'AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-25 / C-45

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla representando
mais uma punção da marca
GERMANI.

154. G[ER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1172

B.: Inédita.

C.: |C[ER]M´A´N´|/|C[ER]M^AN'|

PP.: *In labro.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla
paleograficamente é semelhante aos
exemplares PC 2606.

155. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Museu Municipal de Alcochete. Nº
inv.2394

B.: Inédita??

C.: |[G]ERM^AN|[GERM^AN]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-25 / C-32

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla semelhante ao exemplar PC 85.

Marcas procedentes do Quadrado N32 (NE)

156. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2183

B.: Inédita.

C.: |[CER]M^AN|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca muito fragmentada.

Marcas procedentes do Quadrado N33 (O)

157. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMA(NI)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.87
 B.: Inédita.
 C.: |G'É'RM^A|/|G'É'R'M^A|
 PP.: *In ansa*.
 DLeit.: *Directa*.
 RMC.: *Litt. extantibus*.
 Dim.: L- 21 / C- 42
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



158. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMAN(I)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143
 LC.: Centro de Arqueologia de Almada.
 Nº inv.227
 B.: Inédita.
 C.: |GERM^A^N|/|G'É'R^M^A^N|
 PP.: *In ansa*.
 DLeit.: *Directa*.
 RMC.: *Litt. extantibus*.
 Dim.: L- 26 / C- 47
 Tip.: Lusitana 3
 Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



159. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
 FABIÃO, GUERRA, 2004
 Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)
 Leit.: GERMA(NI)
 LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.
 CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.86

B.: Inédita.

C.: |G' E'R' M^A|/|G'E'RM|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 22 / C- 44

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



160. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.1597

B.: Inédita.

C.: |[G'E'R[MAN] |/[G'E'RM'[AN]]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-23 / C-34

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob: Asa com marca dupla semelhante ao exemplar PC 1588.

Marcas procedentes do Quadrado R35 (NE)

161. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2693

B.: Inédita.

C.: |GERM'[AN]||/|GERM'[AN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 25 / C- 25 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



162. [GER]MA[N] / [T]MM?

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)/ T() M() M()

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2770.

B.: Inédita.

C.: 1)|[GER]MA[N]|| / 2) [T]MM|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-25 / C-45

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com duas marcas distintas, no caso de estar bem interpretada, tratar-se-ia do único exemplar com estas características.



Marcas procedentes do P34 (NE)

163. [GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2795

B.: Inédita.

C.: |[GE]R'M^AN|/|[GE]R'M^AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20 / C- 29 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



164. G[E]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2841

B.: Inédita.

C.: |G'[E]R'[MAN]|/|G'E'RM'[A]N'|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 25 / C- 40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla semelhante aos exemplares PC 1588 e PC 1597.

165. GERMA[N]I

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2842

B.: Inédita.

C.: |GERMAN'|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 10/ C-36

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples similar aos exemplares PC 1435, PC 1856, etc.

166. RVSTICI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996; FABIÃO, GUERRA, 2004.

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Museu Municipal de Alcochete. Nº inv.2793

B.: Inédita??

C.: |RVSTICI|

PP.: *In radice ansae.*

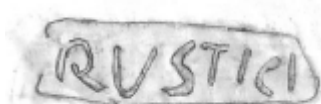
DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 8 / C- 36

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Marcas procedentes do quadrado K55

(S)

167. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMA(NI)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2815

B.: Inédita.

C.: |G´ERM^A^|/|GERM^A|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 24 / C- 43

Marcas procedentes do quadrado S34

(NO)

168. [GERMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2816

B.: Inédita.

C.: |G´[ERMAN]|/|G´[ERMAN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-40 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla praticamente ilegível, contudo percebe-se que se trata de uma marca semelhante aos exemplares PC 2841, PC 1588 e PC 1597.

Marcas procedentes do quadrado U33 (NO)

169. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2834

B.: Inédita.

C.: |[GER]M^AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 12 / C- 23 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples incompleta.

Marcas procedentes do quadrado O37 (NE)

170. CONTRAMARCA

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2843

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 15/ C-16

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com cartela dupla com contramarca à qual não se consegue classificar.

Marcas procedentes do quadrado P33

(NO)

171. C

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: C

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.92

B.: Inédita.

C.: C

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. cavis.*

Dim.: L-9 / C- 11

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Contramarca igual às anteriormente mencionadas.

172. [RVSTI]CI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: RVSTICI

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.966

B.: Inédita.

C.: |[RVSTI]CI

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-6 / C-10

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples incompleta.

Marcas procedentes do quadrado P33

(O)

173. [GE]RMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.280

B.: Inédita.

C.: |[GE]R' M^AN|[GER]M'A' [N]

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-37

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



174. GG

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)?

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.289

B.: Inédita.

C.: |GG|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 13/ C-29

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Único exemplar desta contramarca
no conjunto epigráfico.

Marcas procedentes do quadrado K33

(E)

175. [GERMA]N[I]

BR.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004.

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade de Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.783

B.: Inédita

C.:|[GER]N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 21 / C- 31

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Marcas procedentes do quadrado K33/34 (S)

176. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3436

B.: Inédita.

C.: |G[E]R'MAN|/|G[E]RMAN|

PP.: *In ansa.*

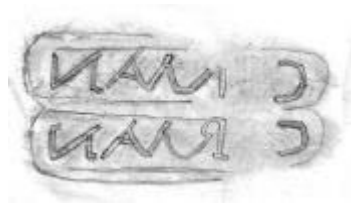
DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-19 / C-42

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



177. Ilegível

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: [--]

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3591

B.: Inédita.

C.: [--]

PP.: *in radice ansa.*

DLeit.: [--]

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-8 / C-35

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples ilegível.

Marcas procedentes do quadrado N36

(NO)/(O)

178. ((CIRCULUS))

B.R.: GUERRA, 1996

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: ((CIRCULUS))

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2407

B.: Inédita.

C.: ((circulus))

PP.: *in radice ansae*

DLeit.: *Nula*

RMC.: *Litt. cavis*

Dim.: 8 Ø

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Contramarca de círculos com diâmetro de 8 mm cada, distando 30 cm entre si. Semelhante a PC 1318, PC 1704, PC 2393 e PC 1318.

Marcas sem contexto:

179. ((CIRCULUS))

B.R.: GUERRA, 1996

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: ((CIRCULUS))

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2393

B.: Inédita.

C.: ((CIRCULUS))

PP.: *In ansa.*

DLeit.: [..]

RMC.: *Litt. cavis.*

Dim.: 10 Ø

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Contramarca de círculos com diâmetro de 8 mm cada, distando 4 mm entre si. Semelhante a PC 1318, PC 1704, PC 1318 e PC 2407.

180. [GER]MANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2405

B.: Inédita.

C.: |G[ER]M'AN|/|G[ERM]AN|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 20/ C-40

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla paleograficamente semelhante ao exemplar 2285 e afins.

181. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;
FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2415

B.: Inédita.

C.: |CER^M^A^N|/|CER^M^A^N|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-20 / C-41

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla paleograficamente semelhante a exemplares como PC 2041 e PC 1996.

182. [GERM]A[NI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2416

B.: Inédita

C.: |[GERM]AN'|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-10 / C- 37 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca simples ilegível, no entanto, pela posição da letra A, é possível especular que se trate da marca GERMANI, *retro.*

183. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2769

B.: Inédita.

C.: |[CER^M^A^N|

PP.: *In radice ansae.*

DLeit.: *Retro.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L- 11 / C- 37 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



184. GERMANI

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.3878

B.: Inédita.

C.: |[G'É'R[MAN] |/[G'É'RM^ AN']

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-22 / C-36 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



Ob.: Asa com marca dupla, incompleta, semelhantes aos exemplares PC 1597, PC 2816, PC 2841, PC 1588 e PC 1597.

185. GE[RMANI]

B.R.: RAPOSO, 1990; GUERRA, 1996;

FABIÃO, GUERRA, 2004

Dat.: 100 a 225/250 (tipológica)

Leit.: GERMAN(I)

LP.: Porto dos Cacos

a) LA.: Alcochete, Herdade do Rio Frio.

CNS 4143

LC.: Centro de Arqueologia de Almada.

Nº inv.2519

B.: Inédita.

C.: |G'[ERMAN]||/GE' [RMAN]|

PP.: *In ansa.*

DLeit.: *Directa.*

RMC.: *Litt. extantibus.*

Dim.: L-22 / C-10 (incompleta)

Tip.: Lusitana 3

Proc.: Lusitânia, Vale do Tejo



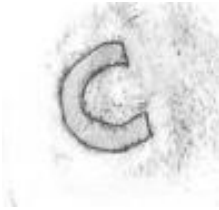


7. DISCUSSÃO

Como é possível observar no catálogo, as variadas marcas encontram-se indiscriminadamente distribuídas pelos vários quadrados da área escavada de Porto dos Cacos. Não parece existir um padrão de distribuição de cada tipo de matriz ou de marca. Por exemplo, encontramos quadrados em que marcas GERMANI, TMM e contramarcas coexistem no mesmo espaço. As marcas GERMANI aparecem sempre em dominância nos contextos estratigráficos em relação às restantes marcas, facto compreensível por se tratar do conjunto de marca dominante, possuindo grande vantagem sobre as restantes produções.

7.1. As contramarcas

As ânforas Lusitana 3, para além das marcas, possuem um número importante de contramarcas (Tab.2). Apresentam-se em forma de letras, como C (PC 2500; PC 1584) e GG (PC 289), formas geométricas, como as perfurações circulares (PC 1318, PC 2393, PC 2407), que encontramos em pelo menos 4 fragmentos de Lusitana 3. Curiosamente, também surge numa asa de ânfora Almagro 50 (Guerra, 1996). Por último, temos algumas contramarcas de difícil compreensão, (PC 1447, PC 1438, PC 1562, PC 2843) muito pelo seu estado de conservação. À primeira vista, parecem retratar figuras que poderão imitar formas geométricas ou então símbolos. Estas últimas não apresentam paralelos conhecidos na Lusitânia.

Amílcar Guerra (1996), ao citar Manacorda (1978), afirma que as contramarcas com a letra C de Porto dos Cacos apresentam paralelos com conjuntos de matrizes de ânforas africanas. Através de Fernandez Izquierdo (1984), Guerra (1996) demonstra mais um paralelo estabelecido com um exemplar proveniente de Valência, na Península Ibérica. Devido à grande quantidade de marcas GERMANI pertencentes ao conjunto epigráfico deste sítio, é legítimo pressupor que a letra C significará, naturalmente, GERMANI. O mesmo poderá ser dito para a contramarca GG (PC 289), que se apresenta única do seu tipo. Em relação às contramarcas menos óbvias, como PC 1447 e PC 2843, muito pouco poderá ser dito sobre o seu eventual significado.

Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		4 exemplares	Contramarca aplicada na asa com alguma profundidade. Todos os exemplares são idênticos.
2		1 exemplar	Contramarca aplicada na ligação da asa com o bojo. Consiste em duas letras C que estão de acordo com o <i>ductus</i> das restantes letras do conjunto anfórico do sítio. É a única contramarca deste tipo.
3		4 exemplares	Contramarca que surge na asa, na sua ligação com o bojo e também no bordo. São sempre duas perfurações com distância variável entre si, dependente do exemplar.


4		4 exemplares	<p>Contramarca que surge aplicada na asa. É de difícil interpretação.</p> <p>Todos os exemplares apresentam características semelhantes entre si.</p>
---	---	--------------	---

Tabela 2- Tipos de contramarcas

7.2. As marcas de oleiro

TMM

A marca TMM encontra-se representada por doze exemplares (Tab.3) no conjunto de marcas sobre ânforas Lusitana 3. O seu significado corresponde, provavelmente, a um *tria nomina* (Fabião, Guerra, 2016). Dentro desta entidade parece existir pelo menos 2 tipos distintos de matriz: a TMAM (PC 1317 e PC 2160) e a TMM (PC 2633, PC 2518, PC 2024, PC2205, PC 2206, PC2124 e PC 2770). Os restantes exemplares (PC 3107, PC2400 e PC 2208) podem tanto se tratar de TMAM ou TMM, uma vez que o estado de conservação não permite distingui-las. As marcas estão expressas todas em cartelas simples, à exceção da marca PC 2208, que aparenta ser a única marca dupla no conjunto. As letras são bastante regulares, estado todas dentro da mesma norma, salvo o exemplar PC 2024, que apresenta uma escrita mais “ondulada”. Paleograficamente, as letras M assemelham-se muito às letras M encontradas nas marcas GERMANI. No que diz respeito ao seu significado, poderá tanto significar T. Ma () M() como T. Mam () (Fabião, Guerra, 2016).

Existe uma ocorrência desta marca fora de Porto dos Cacos, em Lisboa, encontrada no Jardim do Palácio dos Condes de Penafiel (Fabião, Guerra, 2016).

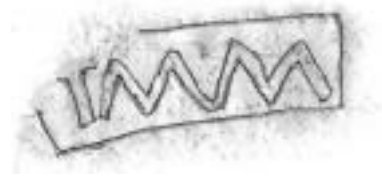

Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		8 exemplares	Cartela simples sub-retangular aplicada na asa. Todos os exemplares apresentam escrita semelhante.
2		4 exemplares	Cartela simples sub-retangular aplicada na asa. As letras são mais pequenas e esta matriz contém a letra A. O M em falta é igual ao exemplar número 1.

Tabela 3- Tipos de marcas TMM

CLARIANVS

Esta marca surge distribuída por diferentes quadrados, não apresentando nenhum tipo de padrão. As matrizes (Tab.4) estão aplicadas sempre nos bordos da ânfora Lusitana 3, à exceção do exemplar PC 1743, que surge entre a asa e o bojo. Dado a grande semelhança dos seis exemplares, é seguro afirmar se tratar da mesma matriz. No que diz respeito à epigrafia anfórica, não existem paralelos conhecidos que possam ser estabelecidos para estas estampilhas. Segundo Kajanto (1965), citado por Guerra (1996), este cognome surge apenas 7 vezes em todo o CIL, com ligações maioritárias à zona das Gálias (Guerra, 1996, p.278).


Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		6 exemplares	Cartela simples sub-retangular. Apresenta uma escrita exclusiva desta matriz.

Tabela 4- Tipo de marca CLARIANI

RVSTICVS

A marca RVSTICI surge em reduzida quantidade no conjunto anfórico, traduzida em duas matrizes diferentes (Tab.5), mas que certamente se referem ao mesmo indivíduo. Em termos onomásticos, o cognome *Rvsticus* é considerado comum, sendo o mais frequente na epigrafia de Porto dos Cacós (Guerra, 1996, 1996). Não existem testemunhos de difusão de ânforas com essa marca produzida neste centro oleiro fora do mesmo (Guerra, 1996, p.278).



Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		5 exemplares	Cartela simples sub-retangular aplicada na asa. A escrita é exclusiva a esta marca. A escrita é <i>directa</i> , à exceção da letra S que é <i>retro</i> .
2		2 exemplares	Asa com cartela simples sub-retangular aplicada na ligação da asa com o bojo. Escrita exclusiva à matriz.

Tabela 5- Tipos de marcas RVSTICI

AVCR/AVCIS

O exemplar AVCR/AVCIS (PC 1548) trata-se de uma exportação, não aparenta ter sido produzida no Porto dos Cacos, contudo, não apresenta qualquer tipo de paralelo conhecido para a Península Ibérica (Guerra, 1996).

AIVNIT/TINVIA

Esta matriz (PC 2125) surge apenas uma vez em todo o conjunto epigráfico, o que reduz a possibilidade de interpretação, o que também é agravado pelo estado de conservação da peça. Não se conhece paralelos para esta matriz, nem no Porto dos Cacos, nem fora.

CER F

A marca CER F apresenta apenas três exemplares (Tab.6) em todo o conjunto. Segundo Guerra (1996), corresponde a GER (manus) F(ecit) ou GER(mani) F(iglina). Dado o conteúdo das marcas aqui tratadas, faz todo o sentido referir-se a *Germanus*.


Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		3 exemplares	Cartela simples sub-retangular que é aplicada na asa ou na sua ligação com o bojo. A sua escrita simples e regular se estende aos outros dois exemplares.

Tabela 6- Tipos de Marca CER F

GMN

Esta marca (Tab.7) aparece apenas duas vezes em todo o conjunto estudado, sendo ambas reproduzidas com a mesma punção. Como é expetável, consiste em mais uma matriz na qual se traduz a entidade G(ER)M(A)N(I).


Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		3 exemplares	Cartela simples sub-retangular aplicada na asa. As letras são de pequena dimensão e apresentam um <i>ductus</i> característico da matriz.

Tabela 7- Tipos de marca GMN

CAR

Esta marca, PC 2291 (Tab.8), é inédita no conjunto, nunca tendo sido publicada. É a única da sua matriz, aparece em cartela de marca dupla e tem a particularidade de possuir a primeira letra, C, *retro*. Não apresenta paralelos conhecidos nem nos vales do Tejo e do Sado, nem nas restantes áreas da Lusitânia.


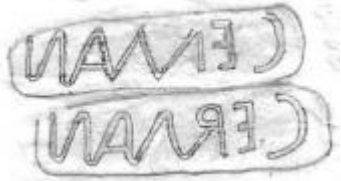




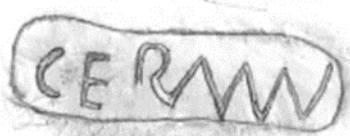


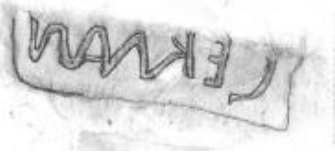
Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		1 exemplar	Cartela dupla sub-retangular com letras regulares, com o primeiro C <i>retro</i> . É o único.




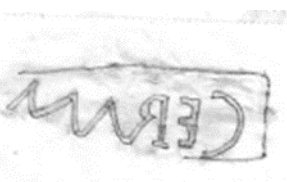

Tabela 8- Tipo de marca CAR

GERMANVS

O conjunto de cartelas com marca GERMANI é sem dúvida predominante em relação aos restantes exemplares, com mais de 130 exemplares. É de tal maneira abundante que se reproduz numa variedade de matrizes (Tab.9), com diferentes características no que diz respeito ao *ductus* das letras. A marca GERMANI apresenta pelo menos 16 matrizes diferentes confirmadas. É possível que essa contagem possa ser maior uma vez que existe uma quantidade significativa de marcas que não apresentam condições necessárias para se fazer uma leitura correta e completa das punções.

Nº	Matrizes	Quantidade	Características
1		24 exemplares	Cartela sub-retangular com marca dupla aplicada na asa; escrita <i>retro</i> ; O C apresenta-se maior e mais afastado das restantes. Letras no geral bem desenhadas.
2		15 exemplares	Cartela sub-retangular com marca dupla aplicada na asa. Letras grandes: <i>CERM</i> é bem desenhado, <i>AN</i> já se mostra menos definido.
3		11 exemplares	Cartela sub-retangular com marca dupla aplicada na asa; as duas primeiras letras são mais pequenas do que as restantes. Escrita bem definida.
4		9 exemplares	Cartela sub-retangular com marca dupla aplicada na asa. Letras mais irregulares, em que o G se mostra mais distante e a haste inferior do

			E se prolonga excessivamente abaixo da letra R. As letras M e o A geralmente estão embutidas uma na outra.
5		9 exemplares	Cartela sub-retangular dupla aplicada na asa. Letras de menor dimensão numa escrita <i>retro</i> . Aqui nota-se que a primeira letra é um G bem definido.
6		8 exemplares	Cartela simples sub-retangular geralmente aplicada na ligação da asa com o bojo. É uma versão simples da punção número 3.
7		8 exemplares	Punção de cartela dupla aplicada na asa que aparece sempre muito gasta. As letras mostram-se mais finas e alongadas.
8		8 exemplares	Cartela simples aplicada na ligação da asa com o bojo. Letras de pequena dimensão e bem definidas numa escrita <i>retro</i> .
9		7 exemplares	Cartela simples, sub-retangular aplicada na ligação da asa com o bojo. Escrita <i>retro</i> , onde o C apresenta-se maior do que as restantes letras. O <i>ductus</i>

			deste C é diferente das restantes letras C do conjunto.
10		4 exemplares	Cartela dupla sub-retangular aplicada na asa. Letras são grandes e bem desenhadas de forma particular. O <i>ductus</i> das letras é muito particular a esta marca.
11		3 exemplares	Cartela sub-retangular com marca dupla aplicada na asa. O <i>ductus</i> da letra C mostra-se exclusiva desta punção.
12		3 exemplares	Cartela dupla sub-retangular com escrita <i>retro</i> . Apresenta um C ou G muito particular que se assemelha ligeiramente à punção número 9.
13		3 exemplares	Cartela simples sub-retangular com escrita <i>retro</i> aplicada na ligação da asa com o bojo. A letra C é maior do que as restantes, assemelhando-se à letra C da punção número 1.
14		3 exemplares	Cartela dupla sub-retangular com escrita <i>retro</i> . Letras finas numa escrita mais cursiva e irregular.



15		1 exemplar	Cartela simples sub-retangular com escrita <i>retro</i> . Muito similar à punção número 1.
16		1 exemplar	Cartela simples sub-retangular aplicada na ligação da asa com o bojo. Igual à punção número 10, mas em versão simples.

Tabela 9- Tipos de marca GERMANI

A nível da Lusitânia, no que diz respeito à disseminação da marca, note-se que foi recolhido na Quinta da Alegria, Setúbal, um fragmento de asa com marca correspondente a uma das punções produzidas no Porto dos Cacos (Fabião, Guerra, 2004, p.229).

Bernal-Casasola dá-nos a conhecer a presença de um exemplar encontrado na Bética, aquando da escavação das termas de Carteia nos meados dos anos 1980. A matriz apresenta a marca “GERMN/GERMAN”, como o próprio a interpreta, de cartela dupla e retangular (Fig.14) (Bernal, 2016, p.301). Comprova-se que se trata de uma marca de ânfora que fora produzida no Porto dos Cacos, tanto pela sua inegável semelhança aos próprios exemplares encontrados neste centro produtor, como pelas características da sua pasta, que provém dos estuários do Tejo.

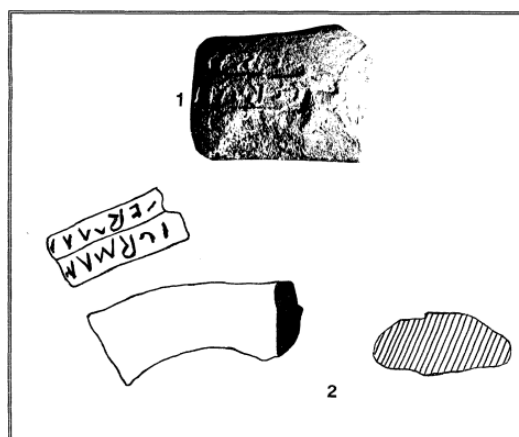


Figura 13- Marca GERMAN em Carteia (Bernal, 2016)

Em termos onomásticos, o cognome GERMANVS surge com relativa frequência na epigrafia latina. A sua origem remonta ao espaço geográfico da Germania e à etnia dos seus povos (Crespo, Alonso, 1990, p.108). Kajanto (1965), mencionado por Guerra (1996), afirma a presença de 204 indivíduos no CIL, em que 15 destes são declarados escravos ou libertos, ou então têm origens servis (Crespo, Alonso, 1990, 107).

Este cognome foi maioritariamente usado, quase exclusivamente, durante os séculos I e II d.C., (Crespo, Alonso, 1990, 107) o que coincide com a cronologia das produções de Lusitana 3 no Porto dos Cacos. Seria de esperar que este número se figurasse maior, dado a grande percentagem de GERMANVS, cerca de 50%, com condição servil ou liberta na antiga Hispânia (Guerra, 1996, p.276).

No extremo ocidente peninsular, este nome não se encontra representado para além das muitas menções no conjunto de marcas de oleiro encontradas nas ânforas Lusitana 3 de Porto dos Cacos (Guerra, 1996, p.276).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior conjunto de marcas de oleiro impressas em ânforas lusitanas encontrado em Portugal provém do centro produtor de Porto dos Cacos, Alcochete, que terá sido um verdadeiro complexo produtor, de laboração especializada e de larga escala, facto apoiado pela existência de uma necrópole que sustenta o carácter permanente de ocupação do sítio, tornando possível uma laboração contínua da olaria.

Estas marcas são encontradas apenas na forma Lusitana 3, apesar da olaria ter produzido uma grande variedade de tipologias anfóricas ao longo do seu período de laboração. Curiosamente, as ânforas Dressel 14, produção maioritária nesta primeira fase de produção anfórica, não apresentam qualquer marca impressa, apenas grafitos, apesar de ser o grupo anfórico que mais ostenta marcas de oleiro nos centros produtores da Lusitânia. Este fator também se nota no centro produtor da Garrocheira, que não apresenta nenhuma marca de oleiro associada à sua produção, mesmo tendo produzido a ânfora Lusitana 3 (Raposo *et al.*, 2021, p.251). Estes aspetos tornam a produção deste contentor muito particular e quase circunscrita a Porto dos Cacos, no que diz respeito à produção anfórica no Vale do Tejo, e mais ainda, o facto desta ânfora ser considerada contentor destinado ao transporte de vinho. Para além de todas as suas características que a apontam na direção do conteúdo vínico, a particularidade de ser produzida em grande quantidade no Porto dos Cacos e ser a única tipologia a ostentar marca de oleiro num centro produtor cerâmico que fabrica quase exclusivamente ânforas destinadas a conteúdos à base de preparados piscícolas, parece argumento abonatório para o seu conteúdo distinto. Desta forma, seria pertinente presumir que as marcas de oleiro poderão estar, de alguma maneira, ligadas à produção e/ou comercialização do vinho na Lusitânia.

Em relação à variedade de estampilhas que ocorrem no Porto dos Cacos, num total de 215 exemplares devidamente documentados, podemos confirmar a existência de mais do que uma entidade envolvida no processo de produção anfórica ao longo do período de laboração da oficina. GERMANVS constitui a esmagadora maioria dos exemplares, surgindo representado de diversas formas e com diferentes matrizes. CLARIANVS apresenta um grupo reduzido e limitado a apenas uma matriz. RVSTICVS também se encontra representado em escassa quantidade, porém, ostenta uma certa variedade em termos de matrizes utilizadas, tendo em conta a sua pequena concentração no conjunto anfórico. A marca TMM/TMAM, apresenta cerca de uma dúzia de exemplares, com alguma diversidade, que se mostra difícil de definir devido ao estado de conservação da

maioria dos exemplares. Esta marca consiste na única do seu tipo, tratando-se, seguramente, de um *tria nomina*, ao contrário das restantes estampilhas que retratam *cognomina*. Para além destas marcas com presença mais significativa, as estampilhas referentes a AVCR e AIVNIT, surgem uma única vez no conjunto anfórico. Esta particularidade torna mais complexa a leitura do seu significado e limita muito a procura de paralelos para as mesmas. Para além das marcas, as contramarcas encontram-se muito bem representadas no conjunto, com uma variedade considerável. Estando estas limitadas a impressões de difícil interpretação, fica sempre em aberto a questão do seu significado, contudo, é possível estabelecerem alguma ligação às entidades aqui retratadas, uma vez que ocorrem na mesma tipologia anfórica que recebe as marcas de oleiro. Trata-se, naturalmente, de uma forma de identificação e/ou classificação quase enigmática que certamente consistia numa linguagem usada entre os artesãos, unicamente compreendida pelas entidades que se encarregavam desta dinâmica de produção e comercialização que começa no fabrico do contentor e termina no destino final do conteúdo.

No que diz respeito à onomástica destes nomes que ocorrem nas marcas de Porto dos Cacos, possivelmente retratam indivíduos de condição social e jurídica não privilegiada, como escravos e libertos, indivíduos de status jurídico e social modestos, que são retratados apenas pelo *cognomen*. Sabemos que se trata de *cognomina* uma vez que, na epigrafia anfórica, para além da onomástica latina, naturalmente, os nomes de libertos ou escravos normalmente aparecem escritos em nominativo seguido ou não de *F(ecit)* (CER F) ou em genitivo (GERMANI, RVSTICI, CLARIANI) (Berni Millet, 1996, p.754). Neste caso, GERMANI, CLARIANI e RVSTICI, segundo vários investigadores, seriam apenas os artifices responsáveis pelo trabalho manual no centro produtor ou então pela gestão do património possuído por outra entidade, neste caso, proprietário (Revilla Calvo, 2002, p.1184-1185). De qualquer maneira, a sua presença nesta esfera demonstra a complexificação e avanço da economia das províncias, nomeadamente da Lusitânia, mostrando indivíduos de *status servis* como artesãos, elemento crucial de classificação social e, conseqüentemente, promotor de representação onomástica (Revilla Calvo, 2002, p.1185). A marca TMM/TMAM, por sua vez, representa um *tria nomen* (Guerra, 1996; Fabião, Guerra, 2004), estrutura nominal de indivíduos romanos, o que demonstra o carácter inegavelmente romano da produção deste centro oleiro. A presença de *tria nomina* na epigrafia anfórica é, muitas vezes, considerada equivalente à presença e, conseqüentemente, interesse direto, de um proprietário na gestão do processo artesanal

(Revilla Calvo, 2002, p.1184). Assim, essas marcas, em particular, estarão mais relacionadas com o proprietário do centro oleiro ou, então, com o proprietário do conteúdo que as ânforas irão eventualmente transportar, e não propriamente com os artesãos responsáveis pelo fabrico dos contentores (REMESAL RODRÍGUEZ, 2002; Fabião, Guerra, 2004).

Apesar do grande número de marcas que esta olaria oferece, na verdade, não dispomos de muitos testemunhos do alcance da sua distribuição geográfica. Por exemplo, para o Vale do Sado, temos a presença de uma marca GERMANI na Quinta da Alegria, em Setúbal. Este acontecimento levanta a questão da razão por trás da sua presença nesse centro produtor. Fabião e Guerra (2004), propõem duas hipóteses: poderá simplesmente se tratar da presença de um exemplar produzido no Tejo num centro produtor distinto, o que poderá se tratar apenas de mais um caso de importação e/ou consumo de um artigo de “fora”, ou então poderá ser o caso de dois centros produtores distintos produzirem para o mesmo proprietário. Este caso se afigura mais complexo e colocaria em causa a questão do significado das marcas impressas em ânforas, podendo propor que *GERMANUS*, neste caso particular, não se prenderia ao produtor do contentor, mas sim ao proprietário do conteúdo que, por sua vez, encomendaria produções anfóricas a mais de um centro produtor (Fabião, Guerra, 2004, p.229). A primeira opção consiste numa hipótese mais provável, uma vez que se trata de apenas um exemplar, o que coaduna mais facilmente com um consumo local, do que com uma produção artesanal, circunstância com maior capacidade de produzir vestígios muito além de um só exemplar. Para além de terras lusitanas, temos o testemunho da presença de fragmento de asa de Lusitana 3 com marca GERMAN encontrada em Carteia, na Bética (Bernal- Casasola, 2016). Esta ocorrência mostra-se de considerável importância, pois é uma prova inegável da importação de ânforas lusitanas por parte da Bética, especialmente de um contentor vinário. Contudo, consiste num achado pontual, prova de um hábito epigráfico e produção anfórica lusitana antigos, mas que permite perceber que há muito ainda por se descobrir no que diz respeito a exportações de produtos originários da Lusitânia para além do extremo ocidente peninsular.

Em modo de conclusão, apesar da importância e da extensão dos exemplares deste conjunto, a sua interpretação continua sem apresentar certezas, derivado da pouca informação que dispomos sobre este hábito epigráfico, tanto no Vale do Tejo, como no resto da Lusitânia. Mesmo dispondo de mais marcas e em mais centros oleiros, estes

testemunhos nos dão informação que se prende muito à produção oleira, pois são hábitos que se limitam à extensão do processo oleiro. É preciso informação que ligue esta parte da produção com o conteúdo e com o seu eventual destino. Desta forma, apenas a continuação da investigação nesta área poderá colmatar as lacunas existentes e permitir criar um conhecimento mais avançado sobre as produções anfóricas e as suas marcas impressas.

No respeitante à olaria de Porto dos Cacos, infelizmente, as intervenções arqueológicas encontram-se suspensas há muitos anos, o que impede o estudo continuado deste complexo oleiro, contudo sabemos do seu grande potencial e da dimensão da informação que poderá ser obtida através do seu estudo. Fica sempre em aberto a possibilidade de, no futuro, ser possível voltar a ser intervencionado.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.M.; da Ponte, S. (1976) Fouilles de Conimbriga, Vol. VI. Ceramiques diverses et verres . De Boccard, Paris.

ALARCÃO E F. MAYET. (Eds.)(1988)- Ânforas lusitanas: tipologia, produção e comércio. Actas das Jornadas de estudo realizadas em Conimbriga.

ALMEIDA, R.; FILIPE, V. (2013) - 50 anos depois: as ânforas da Praça da Figueira. In Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 21 a 24 de Novembro de 2013, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, pp. 737-745.

ALMEIDA, R., *et al.* (2014) - Ânforas piscícolas de Tróia: contextos de consumo versus contextos de produção.

AMARO, C. (1990). Ocupação romana na margem sul do estuário do Tejo: um (des)alinhamento de ideias.

AMARO, C. (1990) - Olaria romana da Garrocheira, Benavente.

AMARO, C.; GONÇALVES, C. (2017) - A olaria romana da Garrocheira, Benavente: resultados de três intervenções arqueológicas.

Arruda, A.; Viegas, C. (2016) - As ânforas alto-imperiais de Monte Molião. Monografias ex officina hispana III.

ARRUDA, A. (2019) - Ânforas da quinta do lago (Loulé, Portugal): as importações.

BERNAL- CASASOLA, D. (1997) -,Economía y comercio de la Bética Mediterránea y del "Círculo del Estrecho" en la antigüedad tardía (ss. II-VII d.C.) a través del registro anfórico.

BERNAL-CASASOLA, D. (2016) - Lusitanian Amphorae in the Strait of Gibraltar: Interprovincial Food Supply.

BERNI MILLET, P. (1996) - Amphora epigraphy: proposals for the study of stamp contents. *Archeologia e Calcolatori*, 7, 751-770

BOMBICO, S. (2014) - A Sardenha e a Córsega nos fluxos de circulação das ânforas lusitanas no mediterrâneo Ocidental. MONOGRAFIAS EX OFFICINA HISPANA II, TOMO I, 2014.

BOMBICO, S. (2016) - Economia marítima da Lusitânia romana: exportação e circulação de bens alimentares (Tesis doctoral). Universidade de Évora. Évora.

BRAZUNA, S.; COELHO, M. (2012) - A Villa das Almoinhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização. In Pimenta, J. coord. – atas de Mesa Redonda de Olisipo a *Ierabriga*(Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal / Museu Municipal, pp. 103-114.

BUGALHÃO, J. (2001) – A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. *Trabalhos de Arqueologia*, 15, Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.

- CABRAL, J.; GOUVEIA, M.; MORGADO, I. (1996) - Caracterização química das produções de ânforas do Vale do Tejo: Porto dos Cacos, In: Filipe, G.& Raposo, J. (eds.). *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote*, pp. 301-322 (*Actas das Prim. Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991*), Lisboa.
- CRESPO, S; ALOSNO, A. (1990) – El cognomen *Germanus* en Hispania. Reflejo de un *status* social de servidumbre. In *Studia Historica – Historia Antiga*, 8, pp.107-120.
- DIAS, M. I. ET AL. (2010) - Chemical tracers of Lusitanian amphorae kilns from the Tagus estuary (Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 37: 784-798
- DIOGO, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano.
- DIOGO, A. M. D.; ALVES, F. (1988-1989) - Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português, Série IV*, 6/7: 227-240.
- DIOGO, A. M. D.; MONTEIRO, A. N. (1999) - Ânforas romanas de Villa Cardíllio. *Conimbriga*, 38, 201-214.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999) - Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 2:2*, pp. 83-95.
- DIOGO, A. M. D.; FARIA, J. C. (1990) - Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos. In A.Alarcão and F. Mayet (eds), *Ânforas lusitanas.Tipologia, produção, comércio / Les amphoreslusitaniennes. Typologie, production, commerce*(actas da mesa-redonda de Conímbriga, 1988): 173-189. Conimbriga and Paris, Museu Monográfico deConimbriga and E. de Boccard.
- DIOGO, A. M. D. (1999a) - Ânforas romanas de Miróbriga. *Arquivo de Beja. Beja. Série 3*, 10, pp. 15-27.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 3:1*, pp. 181-196
- DUARTE, A. (1990) - Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no Vale do Tejo.
- DUARTE, A.; RAPOSO, J. - (1996) - Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal), In: Filipe, G.& Raposo, J (eds.). *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Lisboa:Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote: (Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991)*, Seixal.
- DRESSEL, H. (1899) - CIL XV: Inscriptiones urbis Romae latinae. *Instrumentum domesticum*. Berlin.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1993) - Sobre os conteúdos das ânforas lusitanas. In II Congresso Peninsular de História Antiga. *Actas*: 995-1016. Coimbra, Universidade de Coimbra

FABIÃO, C. (1996) - Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia. Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras jornadas sobre a romanização dos estuários do Tejo e do Sado. Lisboa: C. M. do Seixal / Pub. Dom Quixote.

FABIÃO, C. (1997) - Duas notas sobre ânforas lusitanas, *Al-Madan*, vol. II série, pp. 55-68.

FABIÃO, C. (1998) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia*. volume 1. número 1.

FABIÃO, C. (2003) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspetivas de investigação.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (2004) - Epigrafia anfórica lusitana: uma perspetiva.

FABIÃO, C. (2008) - Las ánforas de *Lusitania*. In D. Bernal and A. Ribera (eds), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión: 725-745*. Cádiz, Universidad de Cádiz

FABIÃO, C. (2009) - Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, Câmara Municipal, p. 555-594.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (Dir.) (2016) - Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida)

FERREIRA, M.; FARIA, J; DIOGO, D. (1991) - Ânforas lusitanas do Cerrado do Castelo: Grândola.

FILIPE, V. (2008) – As ânforas do Teatro Romano de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

FILIPE, V. (2019) – Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado. Tese de Doutoramento.

FILIPE, V. (2021) - Las ánforas vinarias alto-imperiales de Lusitania: estado de la cuestión.

FILIPE, G.; RAPOSO, J. (2009) - Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios, Seixal) / Roman kilns in the Tagus estuary (Corroios, Seixal).

FILIPE, V.; QUARESMA, J. C.; LEITÃO, M.; ALMEIDA, R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In JÁRREGA DOMÍNGUEZ, R., BERNI MILLET, P. (eds.), *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Monografías Ex Officina Hispana III, ICAC, Vol. I. Tarragona, pp. 423-445.

GADDI, D.; DEGRASSI, V. (2016) - Lusitanian Amphorae in Northern Adriatic Italy: the Eastern Part of Decima Regio. In PINTO, I. V., ALMEIDA, R., MARTIN, A. (Eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, Archaeopress Series, pp. 437-444.

GARCÍA VARGAS, E (2016) - Amphora Circulation in the Lower Guadalquivir Valley in the Mid Imperial Period: the Lusitana 3 Type. *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*.

- GOMES, S.; PONCE, M.; FILIPE, V. (2017) - Projecto de arquitectura apartamentos Pedras Negras: Rua das Pedras Negras n. 35-41/Travessa do Almada n. 1-9/Travessa das Pedras Negras n. 2, 2^a, 2b. In Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa, 26-28 de Novembro de 2015. Câmara Municipal de Lisboa.
- GUERRA, A. (1996) - Marcas de ânforas provenientes do Porto dos Cacos (Alcochete), In: Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado (actas das jornadas, Seixal, 1991), Seixal.
- MAIA, M. (1979) - As ânforas de S. Bartolomeu de Castro Marim. CLIO- Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa- VOL.1.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) – Les Amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du materiel. Paris: E. de Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - L’atelier d’amphores de Pinheiro (Portugal). Paris : Diffusion E. de Boccard
- MAYET, F., & SILVA, C. T. D. (2017). Olarias Romanas do Sado. In C. Fabião, J.
- MONTEIRO, J.; RAPOSO, J. (2012) - A necrópole romana do Porto dos Cacos (Alcochete).
- MOTA, N.; GRILO, C.; ALMEIDA, R.; FILIPE, V.(2017) - Apontamento cronoestratigráfico para a topografia histórica de Olisipo. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública - 19), Santa Maria Maior, Lisboa. Cira Arqueologia, 5, Centro de Estudos Arqueológicos, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 149-206.
- PAIXÃO, A. (2001) - Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. REVISTA PORTUGUESA DE Arqueologia. Volume 4. número 1.
- PIMENTA, J. (Coord.) (2015) - O sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos. Em busca de Ierabriga. Catálogo da Exposição, Vila Franca de Xira, Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J. (2017) - Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do Monte dos Castelinhos (vila Franca de Xira).
- PARREIRA, J.; MACEDO, M. (2013) - O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 21 a 24 de Novembro de 2013, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 747-754.
- QUARESMA, J. (2005) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8 (2), pp. 403-428.
- QUARESMA, J; RAPOSO, J. (2016) - Lusitana 3 (Western Lusitania). Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption.
- QUEVEDO SANCHÉZ, A.; BOMBICO, S. (2016) - Lusitanian Amphorae in Carthago Nova (Cartagena, Spain): Distribution and Research Questions. In I. V. Pinto, R. R. Almeida e A.Martin (Eds.).Lusitanian Amphorae: Production and Distribution (pp. 311-322). Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10. Oxford.

RAPOSO, J. (1990) - Porto dos cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no Vale do Tejo.

RAPOSO, J; DUARTE, A. (1992) - Anforas lusitanas. Los alfares del Tajo.

RAPOSO, J; SABROSA, A; DUARTE, A. (1995) - Ânforas do Vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete).

RAPOSO, J; DUARTE, A. (1996) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete).

RAPOSO, J.; SABROSA, A. E DUARTE, A. L. (1997) – “A Olaria do Porto dos Cacos, Alcochete”. In ALARCÃO, A. (coord.). Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 60-61 (catálogo de exposição).

RAPOSO, J.M.C.; FABIÃO, C.; GUERRA, A.; BUGALHÃO, J.; DUARTE, A.L.C.; SABROSA, A.J.G.; DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; GOUVEIA, M. A. (2005) - "OREsT Project: archaeological and archaeometric research in the low Tejo.", In: *LRCW 1 - First International Conference on Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry (Barcelona, 2002)*, BAR internacional Series Oxford.

RAPOSO, J. (2005) - Orest Project: Late Roman Pottery productions from the lower Tejo.

RAPOSO, J. (2012) - PALMELA ARQUEOLÓGICA NO CONTEXTO DA REGIÃO INTERESTUARINA SADO-TEJO- Olarias romanas da região do Tejo e do Sado.

RAPOSO, J.; SANTOS, C.; ANTUNES, O. (2016): «Roman Pottery Workshop of Quinta do Rouxinol (Seixal): quantification and classification of amphora production», in Pinto, I. V.; Almeida, R.; Martin, A. (eds.). *Lusitanian Amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeo -press, pp. 19-46, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10.

RAPOSO, J. (2017) - As olarias romanas do estuário do Tejo. Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal).

RAPOSO, A. GUERRA, & F. SILVA (Eds.) (2017) - Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop (pp. 221-237). Lisboa: UNIARQ/CMS/CAA.

RAPOSO, J; SANTOS, C; QUARESMA, J. (2018) - Atelier da Quinta do Rouxinol (Baixo Tejo - Lusitania): produção de ânforas, cerâmica comum e imitações de engobe vermelho não vitrificado (IEV).

RAPOSO, J; (2021) - Olaria Romana na Margem Sul do Estuário do Tejo: ateliês e produções.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2002). Epigrafía anfórica. La base de datos CEIPAC. *Acta XII CONGRESSVS INTERNATIONALIS EPIGRAPHIAE GRAECAE ET LATINAE*, pp. 1179-1182

REVILLA CALVO, V. (2002) - Onomástica en epigrafía anfórica de la hispania tarraconense. *ACTA XII CONGRESSVS INTERNATIONALIS EPIGRAPHIAE GRAECAE ET LATINAE*.

SABROSA, A; HENRIQUES, F.; GERMANO, A.; CARVALHO, E. (2012) - O forno romano da Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer).

SANTOS, C; RAPOSO, J; QUARESMA, J. (2015) - Análise crono-estratigráfica da olaria romana da quinta do rouxinol (Corroios, Seixal).

VENDITTI, C. (2016) - Lusitanian and Imported Amphorae from the Roman Town of Ammaia (Portugal). A Short Overview. In PINTO, I. V., ALMEIDA, R., MARTIN, A. (Eds.), Lusitanian Amphorae: Production and Distribution. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, Archaeopress Series, pp. 219-230

ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. D. (1968) - Notícia explicativa da Folha 35-C (Santo Isidro de Pegões) da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:5 000. Carta Geológica e Portugal. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

10. ANEXOS

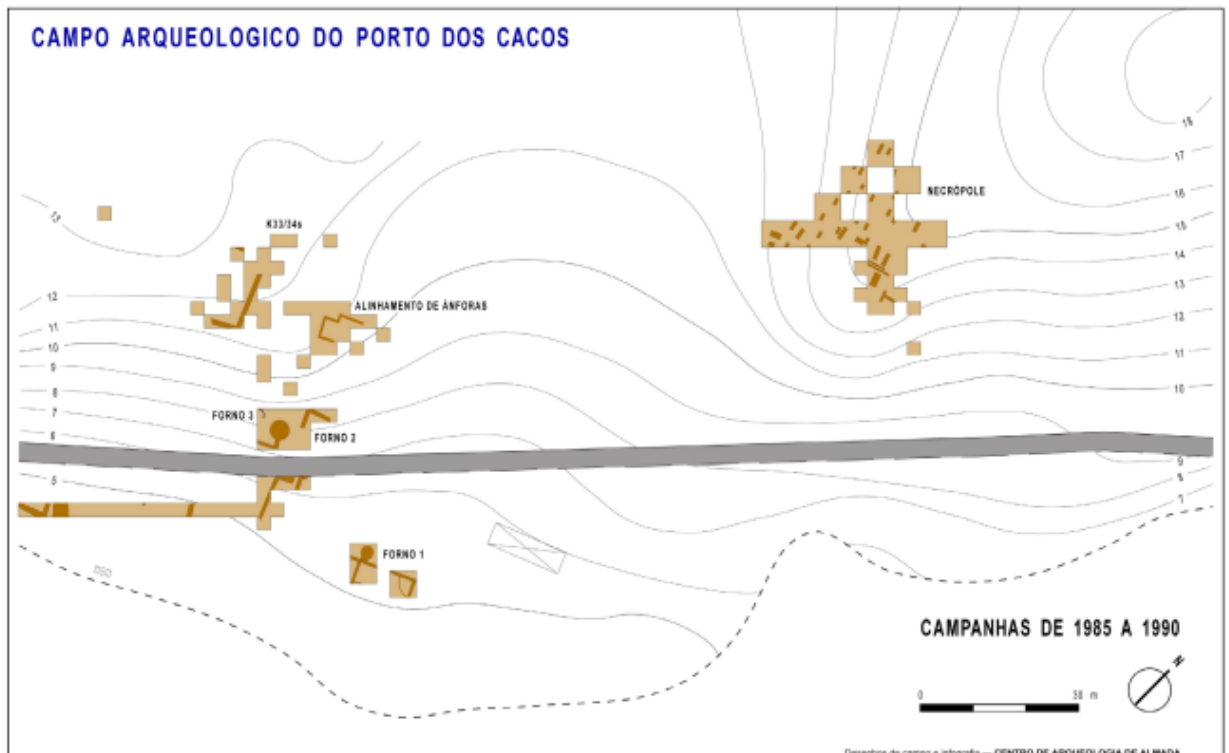


Fig.1- Área total escavada no Porto dos Cacos (Raposo, 2017)

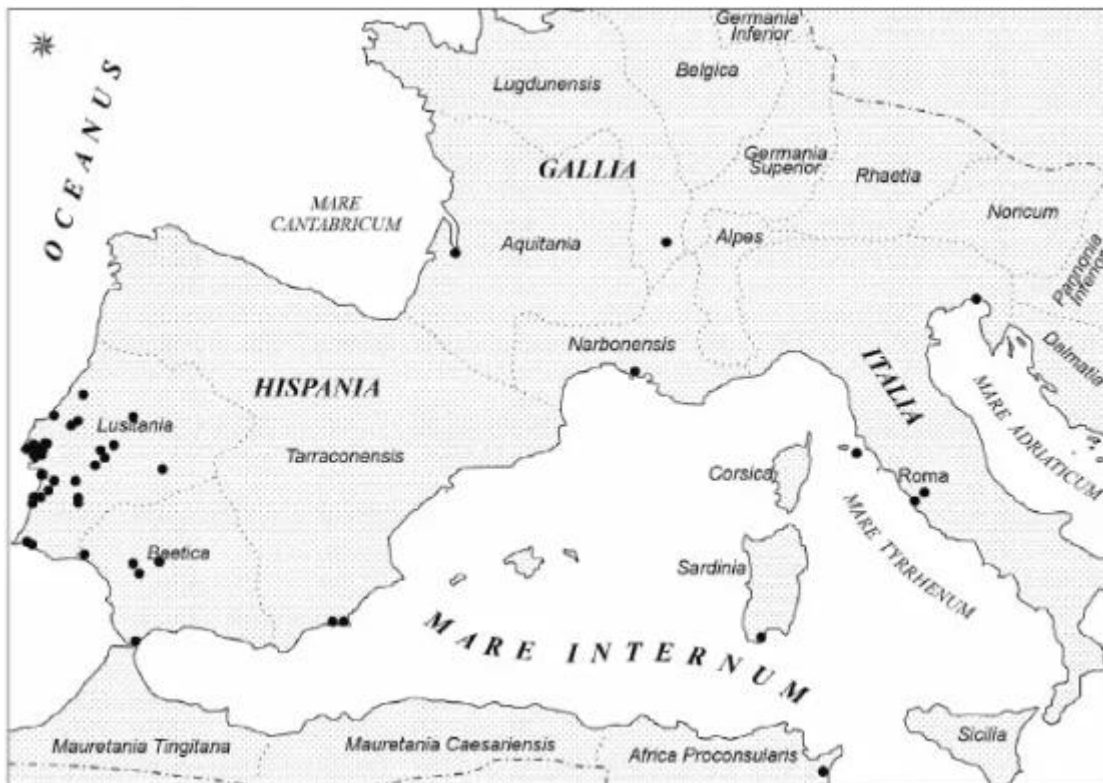


Fig. 2- Distribuição da ânfora Lusitana 3 no território português e no Mediterrâneo Ocidental (Filipe, 2021)

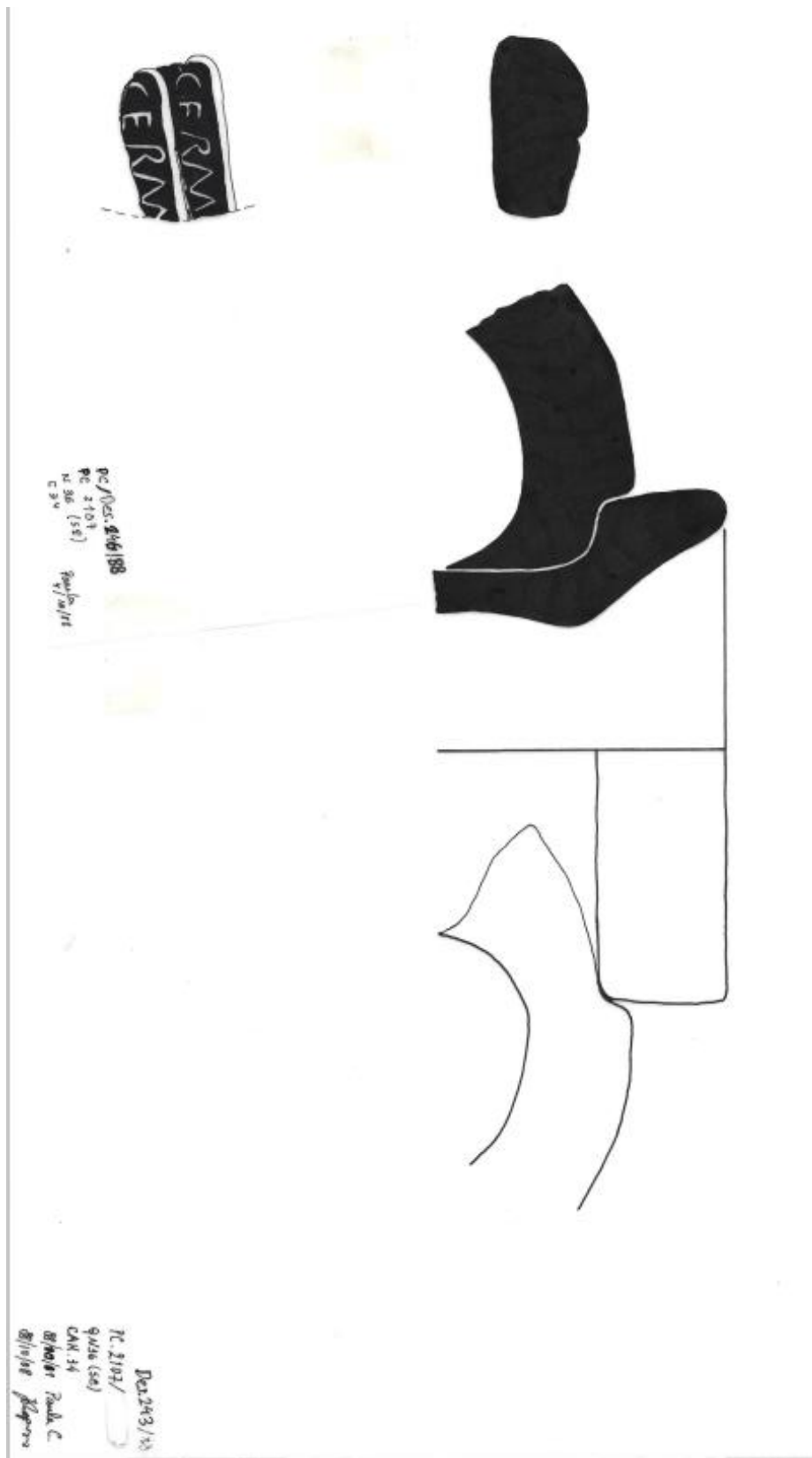
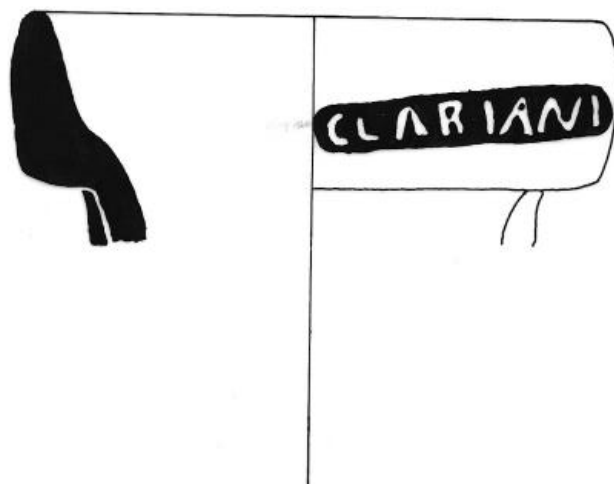
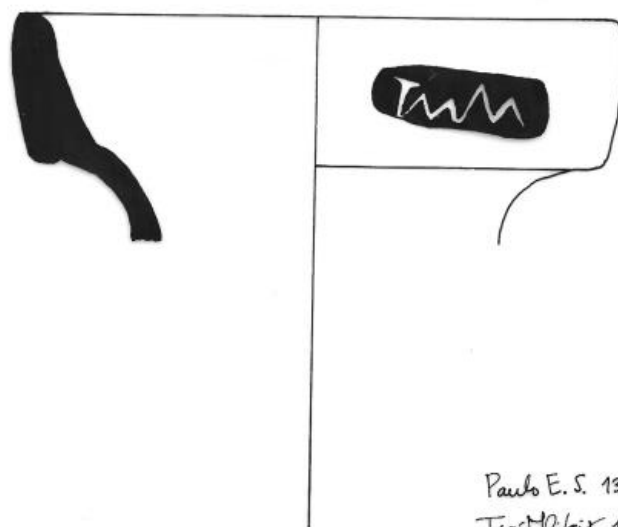


Fig.2- Representação gráfica da peça PC 2107

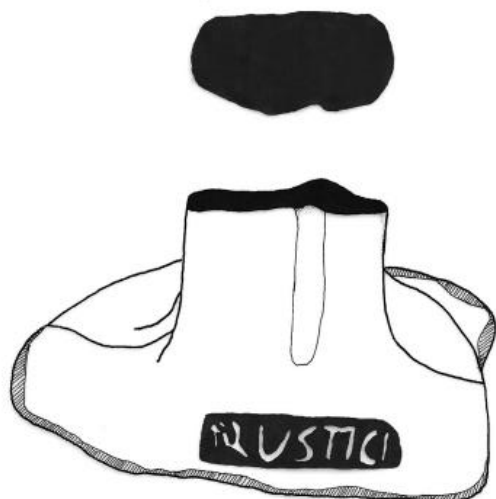


Paulo E. S. 13/11/88
F. J. P. 10/4/89
PC 1549
Des. 318/88



Paulo E. S. 13/11/88
F. J. P. 11/4/89
PC 2124
Des. 315/88

Fig. 3. Representação gráfica das peças PC 1549 e PC 2124 (Fonte: Centro de Arqueologia de Almada. Autores identificados na imagem).



Paulo E.S. 13/11/88
Fjoat Rkij 11/4/89
PC 2793
Des. 314/88



Paulo E.S. 13/11/88
Fjoat Rkij 11/4/89
PC 1548
Des. 319/88

Fig.3- Representação gráfica das peças PC 2793 e PC 1548 (Fonte: Centro de Arqueologia de Almada. Autores identificados na imagem).

N° (da marca): número de catálogo atribuído à família da marca na presente publicação.

B.R. (Bibliografia de referência): Enumeração dos paralelos epigráficos mais adequados, publicados em trabalhos científicos de distinta natureza e nos corpora epigráficos conhecidos. Paralelamente, indicam-se também os números de registo da Base de Dados Epigráfica do CEIPAC, de onde se extraiu grande parte das referências utilizadas para a elaboração deste catálogo.

Dat. (Datação): cronologia possível para a marca. Esta pode ser aferida de três maneiras:

- contextual, quando os dados do seu contexto de descoberta permitem extrair informação concreta nesse sentido;

- paralelo, quando carecemos de datação contextual própria e o conhecimento existente sobre a marca, produzido e acumulado previamente de forma continuada, é já suficientemente preciso para que se possa utilizar dados externos e datar a mesma sem maiores dificuldades;

- tipológica, talvez a menos precisa, mas de inestimável utilidade quando não existem outros elementos. O actual estado do conhecimento para alguns tipos de ânforas permite-nos atribuir uma cronologia a determinados fragmentos, às vezes relativamente limitada no tempo e relativamente fiável, como sucede com as formas Dressel 20 e Haltern 70.

Leit. (Leitura): apresenta-se a leitura da marca, tal como se pensa que seria o desenvolvimento da informação que está abreviada na mesma. Nos casos em que a parte preservada é insuficiente, mas que permite estabelecer analogias com outras idênticas conhecidas, será apresentada a proposta de leitura completa.

LP. (Lugar de produção): lugar onde foi fabricada a ânfora e estampada a marca. Para os casos em que é possível, a olaria (ou olarias) é (são) referida(s) no texto e representada(s) em cartografia.

a). as diferentes variantes que se podem identificar da marca são apresentadas e subordinadas a uma letra - (a), b), c), etc. Nos casos em que existe mais de um exemplar para cada variante, acrescentou-se um algarismo, para que cada uma das marcas possa ser individualizada.

LA. (Local do Achado): Lugar do achado da marca. Indica-se o nome pelo qual é usualmente conhecido o sítio arqueológico, bem como a respectiva localização administrativa e o número correspondente do Código Nacional de Sítio Arqueológico (CNS).

LC. (Local onde se Conserva): Instituição, organismo (público ou privado) ou pessoa (no caso de se encontrar na posse de um particular) onde se conserva depositada a marca. Sempre que possível, será também apresentado o número de inventário / catálogo ou outra informação de teor análogo que se considere pertinente.

B. (Bibliografia): Referências bibliográficas à marca ou à peça arqueológica em questão.

C. (Conservação): campo onde se indica através de sinais diacríticos padronizados (v. <http://ceipac.gh.ub.es/>) o estado actual de todos os elementos que se identificam (ou presumem, para os casos de má conservação) e permitem leitura, autorizando a atribuição a uma qualquer marca já conhecida.

PP. (Posição na peça): parte da ânfora onde está estampada a marca.

DLeit. (Direcção da leitura): sentido em que se faz a leitura da marca.

RMC. (Relevo, marca e cartela): campo no qual se indica o tipo de estampagem e de relevo da marca.

Dim. (Dimensões): dimensão da totalidade ou, em alternativa, da parte preservada da mesma. As medidas da largura e comprimento são apresentadas em milímetros.

Tip. (Tipologia): indicação do tipo de ânfora a que pertence o fragmento que inclui a marca.

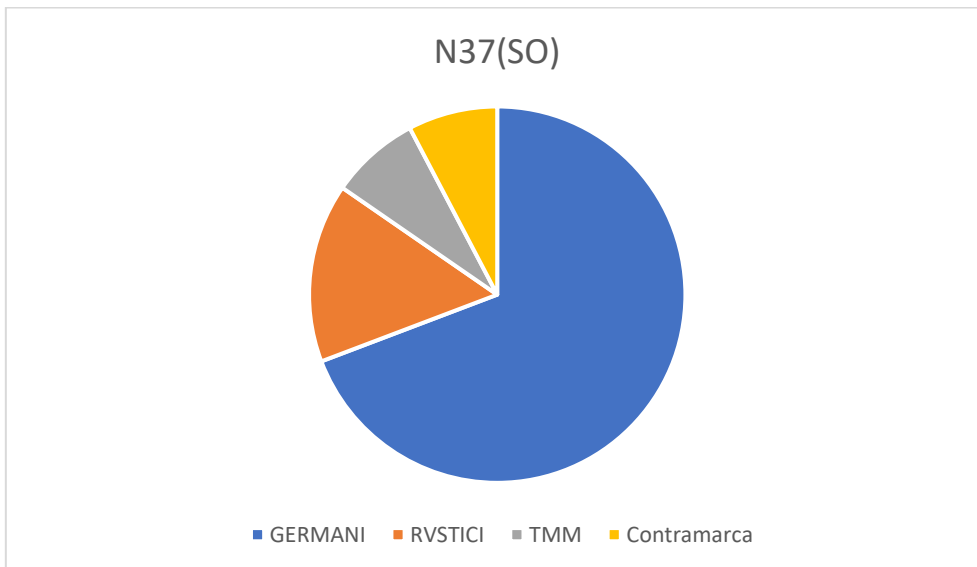
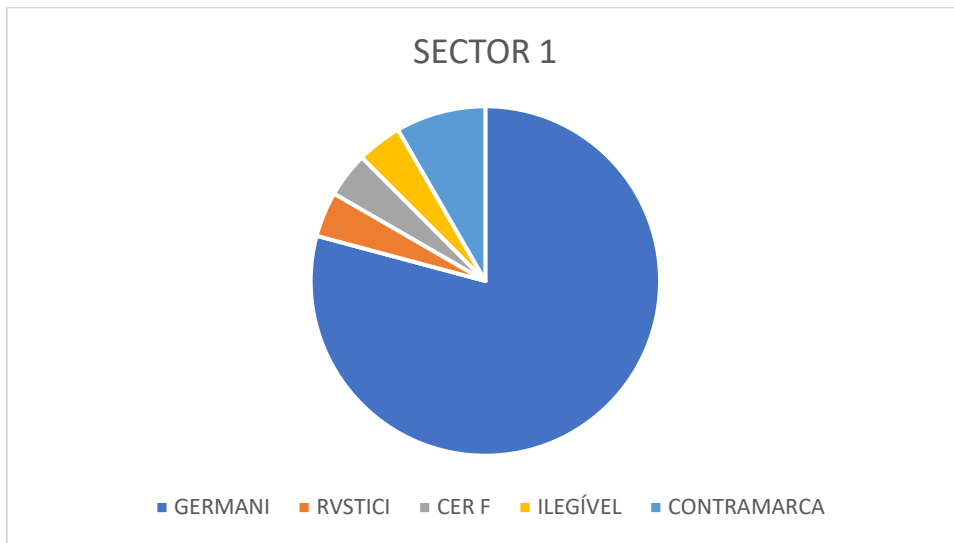
Proc. (Proveniência): região produtora da ânfora marcada, utilizando-se as designações mais habituais na bibliografia.

Desenho e foto de detalhe da marca: serão sempre fornecidos ambos elementos, excepto para os casos em que não foi possível realizar algum dos dois.

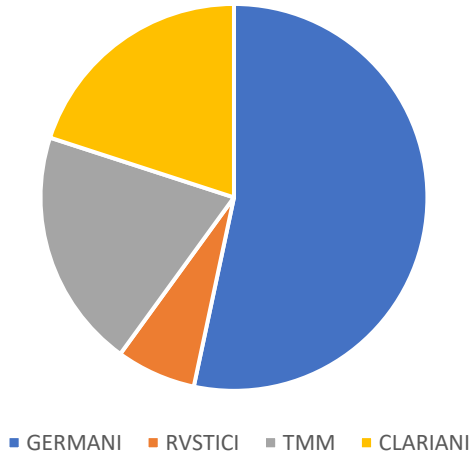
Ob. (Observações): campo destinado a toda a informação que se considere complementar e pertinente para a devida contextualização e compreensão não só da marca apresentada, como também da própria série à qual pertence.

Fig.4- Modelo utilizado para a ficha descritiva do catálogo (*Marcas de ânforas Romanas na Lusitânia*. Fabião, Guerra, 2016)

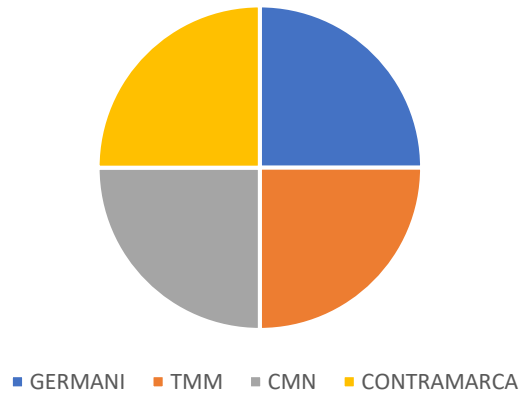
Distribuição dos tipos de marcas pelos quadrados escavados



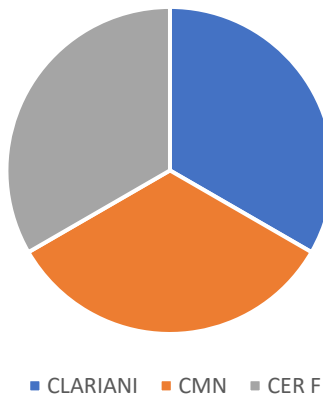
N35(N)

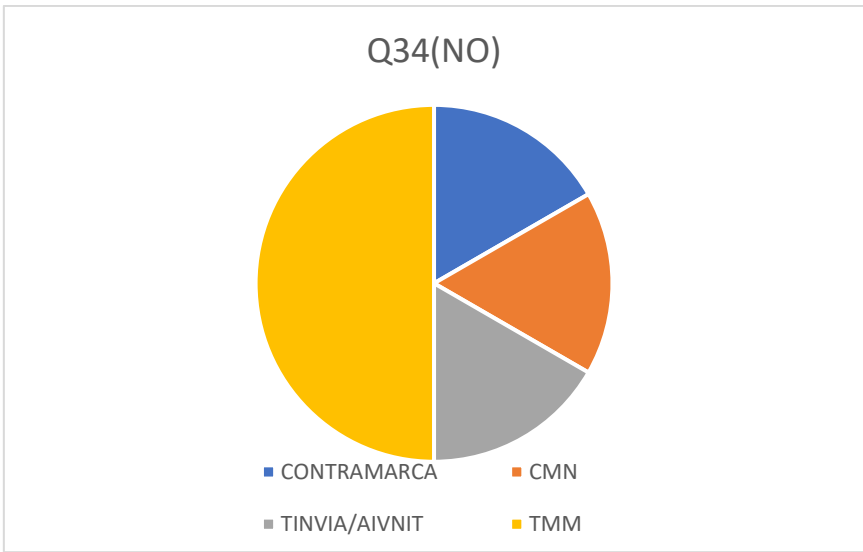
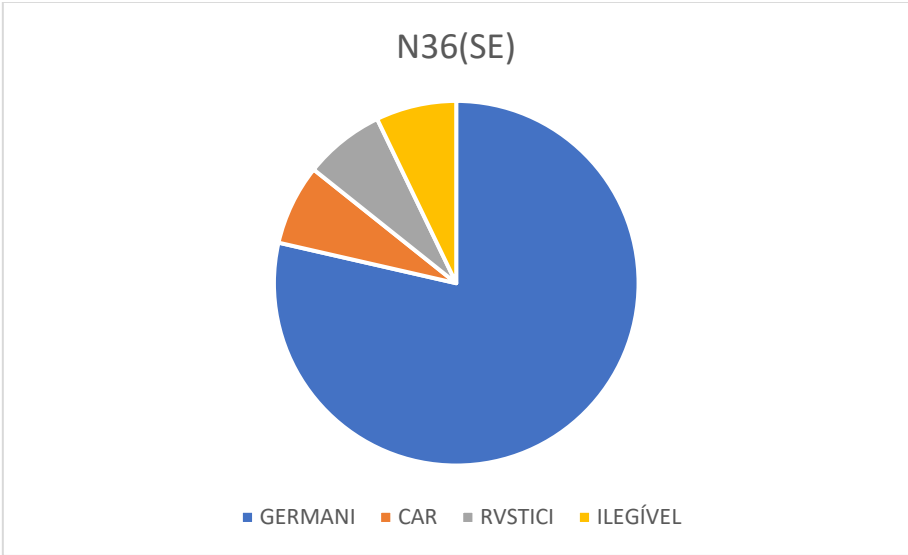
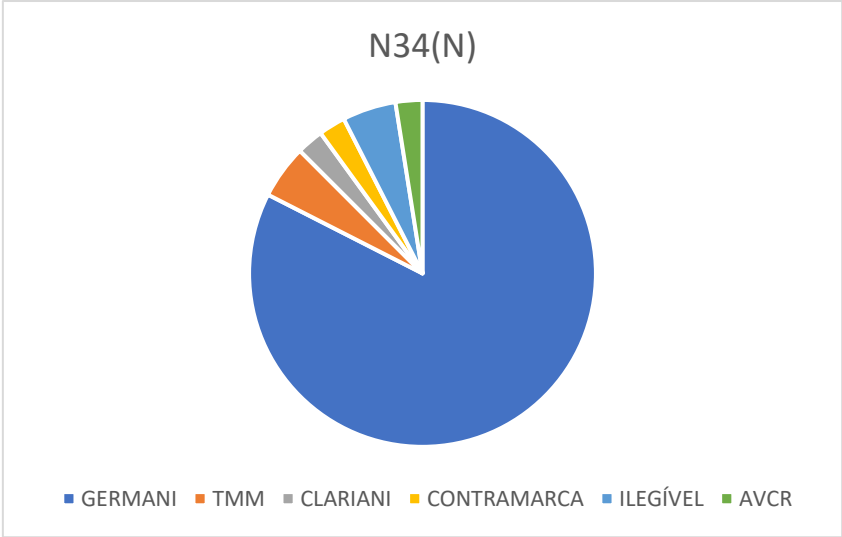


O35(O)

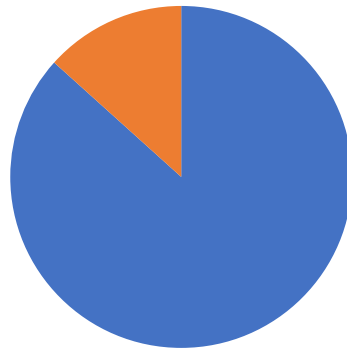


K33(SE)



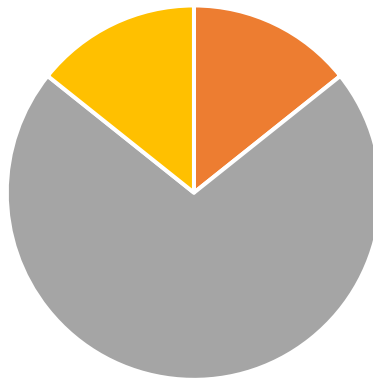


P33(NO)



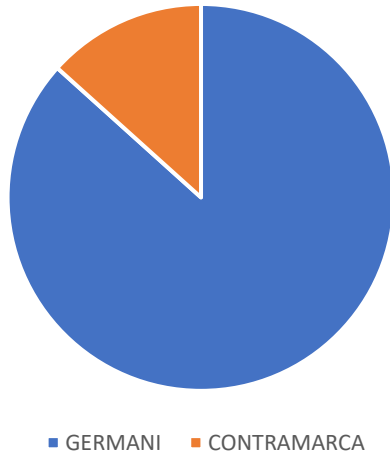
■ RVSTICI ■ CONTRAMARCA

N36(SO)

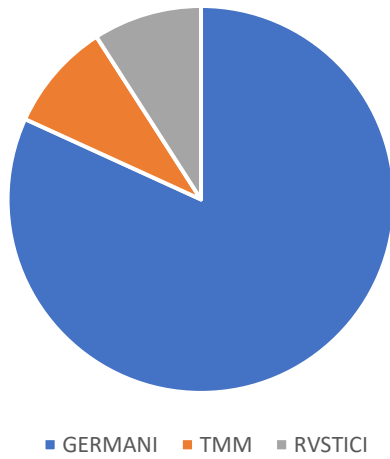


■ N36(SO) ■ CER F ■ GERMANI ■ CLARIANI

N35(SO)



M33(NO)



	RVSTICI	GERMANI	CONTRAMARCA	MARCA ILEGÍVEL
L32(NO)	1			
K55(S)		1		
P33(O)		1	1	
R35(NE)		2		
K33/34(S)		1		1
N33(O)		4		
O36(SE)				1
P34(NE)	1	3		
U33(NO)		1		
S34(NO)		1		
K33(E)		1		
K35(SE)		1		
N32(NE)		1		
O37(NE)			1	
N36(NO)/(O)			1	
SEM CONTEXTO		6		1

Tabela de inventário das marcas impressas nas ânforas Lusitana 3

Nº de inventário	Classificação	Descrição	Quadrado	Plano	Camada	Peça	Local de acondicionamento	Refª de contentor
3173	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN, dupla e invertida	N36 (no)				CAA - reservas	400
3220	Lusitana 3	Asa com marca dupla (CERNAN).	S34 (ne)	0	40		CAA - reservas	400
1340	Lusitana 3	Asa com marca CERF no colo acima da asa e na asa	K33 (se)	3			CAA - reservas	416
2519	Lusitana 3	Asa com marca GE[RM]	S/Ctx					416
2581	Lusitana 3	Asa com marca (Rustici)	N37 (so)	3	555		CAA - reservas	416
2633	Lusitana 3	Bordo com marca TMM	N37 (so)	0	551		CAA - reservas	416
2640	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN (?)	N37 (so)	2	554		CAA - reservas	416
3848	Lusitana 3	Bordo com marca RVSTICI muito erodida	N35 (n)	0	81		CAA - reservas	416
85	Lusitana 3	Asa com marca dupla e invertida - CERNAN	O35 (o)	2			CAA - reservas	417
1317	Lusitana 3	Colo com marca (TMAM)	O35 (o)	3			CAA - reservas	417
1427	Lusitana 3	Asa com marca CE(RMAN[i])	Sector 1				CAA - reservas	417
1441	Lusitana 3	Asa com marca R	Sector 1				CAA - reservas	417
1444	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN	Sector 1				CAA - reservas	417
1446	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN retro	Sector 1				CAA - reservas	417
1447	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	Sector 1				CAA - reservas	417
1494	Lusitana 3	Asa com marca no bojo, ilegível	Sector 1				CAA - reservas	417
1528	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	N34 (n)	0	51		CAA - reservas	417
1716	Lusitana 3	Asa com marca CERF	N36 (so)	2	3		CAA - reservas	417
1758	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N36 (so)	3	5	3	CAA - reservas	417
1759	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN invertida	N36 (so)	3	5		CAA - reservas	417
1851	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN invertida	N34 (n)	1	52		CAA - reservas	417
1854	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN	N34 (n)	1	52	1	CAA - reservas	417
1855	Lusitana 3	Asa com marca simples ilegível	N34 (n)	1	52	1	CAA - reservas	417
1895	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	417
1917	Lusitana 3	Asa com marca (GERM)NA; incompleta	N34 (n)	2	56		CAA - reservas	417
2001	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	417
2024	Lusitana 3	Bordo com marcar TMM??	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	417
2033	Lusitana 3	Asa marca dupla (GE)RMA(N[i]) retro	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	417
2098	Lusitana 3(?)	Asa com marca dupla (GER)MAN(i) retro, pouco legível	N36 (se)	1	32	1	CAA - reservas	417

2119	Lusitan a 3	Asa com marca dupla incompleta; uma apresenta marca N	M33 (no)	2	454	6	CAA - reservas	417
2125	Lusitan a 3	Asa com marca AIVNIT, com N retro (ou TINVIA retro)	Q34 (no)	2	353	2	CAA - reservas	417
2144	Lusitan a 3	Asa com marca ilegível	L32 (no)	1	212		CAA - reservas	417
2158	Lusitan a 3	Asa com marca CERNAN	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	417
2174	Lusitan a 3	Asa com marca dupla - ilegível	O36 (se)	0	126		CAA - reservas	417
2280	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN	N36 (se)	2	34		CAA - reservas	417
2281	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN retro; pouco legível	M33 (no)	2	454		CAA - reservas	417
2282	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERM(AN)	M33 (no)	0	451		CAA - reservas	417
2283	Lusitan a 3	Asa com marca simples (GE)RMN retro, incompleta	N36 (so)	2	4		CAA - reservas	417
2284	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERM(AN)	N36 (se)	0	31		CAA - reservas	417
2285	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN retro; pouco legível	N35 (n)	2	84		CAA - reservas	417
2288	Lusitan a 3	Asa com marca dupla (GER)MAN retro; incompleta	N35 (so)				CAA - reservas	417
2289	Lusitan a 3	Asa com marca dupla (G)ERMAN(i); pouco nítida e fragmentada	K35 (se)	0	301		CAA - reservas	417
2290	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GER(MAN) retro; incompleta	N35 (so)				CAA - reservas	417
2291	Lusitan a 3	Asa com marca dupla muito pouco nítida e incompleta	N36 (se)	0	31		CAA - reservas	417
2292	Lusitan a 3	Asa com marca dupla G(ERMAN); incompleta	M33 (no)	2	454		CAA - reservas	417
2293	Lusitan a 3	Asa com marca dupla muito pouco nítida e incompleta	N36 (se)	0	31		CAA - reservas	417
2554	Lusitan a 3	Asa com marca GERMAN	N37 (so)	2	553	6	CAA - reservas	417
3108	Lusitan a 3	Bordo com marca simples (C)LA(RIANI); incompleta	N35 (n)	0	81		CAA - reservas	417
489	Lusitan a 3	Asa com marca dupla CLA(RIANI); incompleta	K33 (se)	1			CAA - reservas	418
1561	Lusitan a 3	Asa com marca GERMAN retro; incompleta	N35 (so)	2	103		CAA - reservas	418
1743	Lusitan a 3	Asa com marca CLARIANI muito fragmentada	N36 (so)	3	5		CAA - reservas	418
2041	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN	N34 (n)	2	55	2	CAA - reservas	418
2042	Lusitan a 3	Asa com marca CERNAN	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	418
2060	Lusitan a 3	Asa com marca ilegível.	N34 (n)	2	54	1	CAA - reservas	418
2069	Lusitan a 3	Asa com marca CERNAN	N34 (n)	2	54	11	CAA - reservas	418
2072	Lusitan a 3	Asa com marca dupla (G)ERMAN(i)	N34 (n)	2	55	2	CAA - reservas	418
2095	Lusitan a 3	Asa com marca CERN	N36 (se)	0	31	2	CAA - reservas	418
2111	Lusitan a 3	Asa com marca GERM (AN[i]) retro	N36 (se)	2	34	5	CAA - reservas	418
2155	Lusitan a 3	Asa com marca (G)ERM(AN[i])	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	418
2156	Lusitan a 3	Asa com marca GERMAN (i) retro	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	418
2160	Lusitan a 3	Fagmento com marca TMA	N34 (n)	2	55		CAA - reservas	418
2162	Lusitan a 3	Asa com marca simples CERNAN (i) retro	N36 (se)	1	32		CAA - reservas	418

2183	Lusitana 3	Asa com marca simples incompleta (GER)MAN(i)	N32 (ne)	1	152		CAA - reservas	418
2187	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN retro	N36 (se)	1	32		CAA - reservas	418
2193	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN(i) retro	M33 (no)	2	456		CAA - reservas	418
2195	Lusitana 3	Asa com contramarca em forma de C	Q34 (no)	0	351		CAA - reservas	418
2196	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN	M33 (no)	0	451		CAA - reservas	418
2210	Lusitana 3	Asa com marcas GER (MANUS) e letra N/M	M33 (no)	2	456		CAA - reservas	418
2286	Lusitana 3	Asa com marca dupla muito pouco nítida GERMAN(i) retro	N36 (se)	0	31		CAA - reservas	418
2287	Lusitana 3	Asa com marca dupla muito pouco nítida e incompleta GERMAN(i) retro	N35 (so)				CAA - reservas	418
2390	Lusitana 3	Asa com marca (G)ERMAN retro aplicada no colo	N35 (so)				CAA - reservas	418
2391	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN dupla, incompleta	N35 (n)	1	82	5	CAA - reservas	418
2392	Lusitana 3	Asa com marca GE(RMAN) dupla, incompleta	N35 (n)	1	82		CAA - reservas	418
2393	Lusitana 3(?)	Asa com duas marcas sensivelmente circulares	S/Ctx/1985				CAA - reservas	418
2395	Lusitana 3	Bordo com marca CERNAN dupla incompleta	N35 (n)	0	81		CAA - reservas	418
2405	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN retro; pouco legível	S/Ctx/1985				CAA - reservas	418
2414	Lusitana 3	Bordo com marca simples (CLAR)IANI	N35 (n)	0	81		CAA - reservas	418
2415	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN dupla	S/Ctx/1985				CAA - reservas	418
2416	Lusitana 3	Asa marca ilegível sobre a sua ligação com o bojo	S/Ctx/1985				CAA - reservas	418
2417	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN retro; pouco legível	N35 (n)	1	83		CAA - reservas	418
2447	Lusitana 3	Asa c/ marca dupla GER(MAN) retro, incomp./pouco legível.	N35 (n)	1	82		CAA - reservas	418
2448	Lusitana 3	Asa com marca simples (G)ERMAN retro; incompleta	N35 (n)	1	82		CAA - reservas	418
2518	Lusitana 3	Asa com marca simples TMM	N35 (n)	2	84		CAA - reservas	418
2852	Lusitana 3	Bordo com marca simples CLA(RIANI); incompleta	N35 (n)	2	84		CAA - reservas	418
3107	Lusitana 3	Bordo com possível marca (TMM)	N35 (n)	1	82		CAA - reservas	418
1423	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	Sector 1				CAA - reservas	419
1424	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN retro	Sector 1				CAA - reservas	419
1425	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN	Sector 1				CAA - reservas	419
1426	Lusitana 3	Asa com marca CERF (incompleto)	Sector 1				CAA - reservas	419
1428	Lusitana 3	Asa com marca (GE)RMAN	Sector 1				CAA - reservas	419
1430	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN(i)	Sector 1				CAA - reservas	419
1431	Lusitana 3	Asa com marca ilegível no bojo	Sector 1				CAA - reservas	419
1433	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	Sector 1				CAA - reservas	419
1434	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN	Sector 1				CAA - reservas	419
1437	Lusitana 3	Asa com marca no bojo e na asa ilegível	Sector 1				CAA - reservas	419

1438	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	Sector 1				CAA - reservas	419
1439	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	Sector 1				CAA - reservas	419
1442	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN no bojo	Sector 1				CAA - reservas	419
1443	Lusitana 3	Asa com marca G(ERMAN[ij]) pouco legível	Sector 1				CAA - reservas	419
1445	Lusitana 3	Asa com marca (CER)NA(N[ij]) retro no bojo, incompleta	Sector 1				CAA - reservas	419
1495	Lusitana 3	Asa com marca (G)ERMAN(i)	Sector 1				CAA - reservas	419
1537	Lusitana 3	Asa com marca (GER)MAN(i)	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	419
1553	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	419
1559	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN retro	N35 (so)	2	103	1	CAA - reservas	419
1560	Lusitana 3	Asa com marca ilegível no bojo	N35 (so)	2	103		CAA - reservas	419
1562	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	N35 (so)	2	103		CAA - reservas	419
1572	Lusitana 3	Asa com marca (GE)RMAN(i)	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	419
1575	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	419
1878	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN invertida	N34 (n)	1	52	2	CAA - reservas	419
1996	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	419
2126	Lusitana 3	Asa com marca CMN/CMM	Q34 (no)	2	353	3	CAA - reservas	419
2208	Lusitana 3	Asa com marca dupla T(MM)	Q34 (no)	1	352		CAA - reservas	419
87	Lusitana 3	Asa com pedaço de pança. Marca dupla. GERM.	N33 (o)	3			CAA - reservas	420
227	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N33 (o)	2			CAA - reservas	420
1376	Lusitana 3	Asa com marca dupla (GER)MAN(i) retro; incompleta	N37 (so)	3	555	29	CAA - reservas	420
1435	Lusitana 3	Asa com marca no bojo CERNAN	Sector 1				CAA - reservas	420
1549	Lusitana 3	Bordo com marca CLARIANI	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	420
1847	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN invertida	N34 (n)	1	52	3	CAA - reservas	420
1856	Lusitana 3	Asa com marca simples no bojo CERNAN invertida	N34 (n)	1	52	4	CAA - reservas	420
2107	Lusitana 3	Bordo c/ arranque de asa com marca CERM(AN)	N36 (se)	2	34	1	CAA - reservas	420
2520	Lusitana 3	Asa com marca simples GE(RMAN), incompleta	N35 (n)	2	84		CAA - reservas	420
2548	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN retro	N37 (so)	2	553	4	CAA - reservas	420
2564	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN retro	N37 (so)	2	554		CAA - reservas	420
2566	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN retro	N37 (so)	2	554		CAA - reservas	420
2580	Lusitana 3	Asa com marca dupla (G)ERMAN retro	N37 (so)	3	555		CAA - reservas	420
2606	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN retro	N37 (so)	2	553		CAA - reservas	420
86	Lusitana 3	Asa com marca dupla - GERM	N33 (o)	3			CAA - reservas	421
902	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	K33 (se)	1			CAA - reservas	421

1448	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN no bojo	Sector 1				CAA - reservas	421
1582	Lusitana 3	Asa cartela simples, incompleta, apresenta letra M	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1487	Lusitana 3	Asa com cartela dupla GERMAN retro	N34 (n)				CAA - reservas	-
1584	Lusitana 3	Asa com contramarca em forma de C	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1586	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1587	Lusitana 3	Asa com marca dupla incompleta; apenas letra C	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1588	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1590	Lusitana 3	Asa com marca no bojo CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1604	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1605	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1606	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN	N34 (n)	1	53		CAA - reservas	421
1612	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN	N34 (n)	1	52		CAA - reservas	421
1630	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N36 (so)	2	3		CAA - reservas	421
1666	Lusitana 3	Asa com 2 marcas (G)ERMAN(i) + (GERMA)N dupla	N35 (so)	2	103		CAA - reservas	421
1748	Lusitana 3	Asa com marca GERM	N36 (so)	3	5		CAA - reservas	421
2110	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	N36 (se)	2	34	4	CAA - reservas	421
2545	Lusitana 3(?)	Pança com marca (R)VSTICI, S retro	N37 (so)	3	555		CAA - reservas	421
2562	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN(i)	N37 (so)	2	554		CAA - reservas	421
2563	Lusitana 3	Asa com marca CERMN	N37 (so)	2	554		CAA - reservas	421
2693	Lusitana 3	Asa com marca dupla retro (CERNAN)	R35 (ne)	3A	519		CAA - reservas	421
2719	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN(i) retro	N35 (so)	3	104		CAA - reservas	421
2795	Lusitana 3	Asa com marca dupla (GE)RMAN(i) retro	P34 (ne)	2	654		CAA - reservas	421
2796	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN(i) retro	P34 (ne)	2	654		CAA - reservas	421
2815	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMA(N[ij])	K55 (s)	0	776		CAA - reservas	421
2816	Lusitana 3	Asa com marca dupla ilegível	S34 (no)	0	676		CAA - reservas	421
2834	Lusitana 3	Asa com marca ilegível	U33 (no)	1	577		CAA - reservas	421
2841	Lusitana 3	Asa com marca dupla pouco legível	P34 (ne)	1	652		CAA - reservas	421
2842	Lusitana 3	Asa com marca GERMAN(i) retro na ligação com o bojo	P34 (ne)	2	653		CAA - reservas	421
2843	Lusitana 3	Asa com contramarca dupla	O37 (ne)	1	802		CAA - reservas	421
2848	Lusitana 3	Asa com marca dupla GERMAN(i) retro	N35 (n)	2	84		CAA - reservas	421
3509	Lusitana 3	Asa com marca dupla (GERMA ou GERM)	N36 (se)	0	31		CAA - reservas	421
92	Lusitana 3(?)	Asa com contramarca C	P33 (no)	0			CAA - reservas	422
280	Lusitana 3	Asa c/marca dupla GERMAN retro, incompleta	P33 (o)				CAA - reservas	422

783	Lusitan a 3	Asa c/cartela dupla, marca ilegível [GER]M[AN]/GE[RMAN].	K33 (e)				CAA - reservas	422
966	Lusitan a 3(?)	Asa com marca (RVSTI?) CI	P33 (no)	0			CAA - reservas	422
1318	Lusitan a 3	Bordo com duas contramarcas circulares	O35 (o)	3			CAA - reservas	422
1597	Lusitan a 3	Bordo + Asa com marca dupla GERMAN	N33 (o)				CAA - reservas	422
1704	Lusitan a 3	Bordo com duas contramarcas circulares	N35 (so)	2	103		CAA - reservas	422
1999	Lusitan a 3	Asa c/ marca dupla CERNAN e pança c/ marca GER(MAN)	N34 (n)	1	53	6	CAA - reservas	422
2205	Lusitan a 3	Colo com marca incompleta e ilegível	M33 (no)	2	454		CAA - reservas	422
2206	Lusitan a 3	Bordo com marca (...) MM/RM?	Q34 (no)	0	351		CAA - reservas	422
2400	Lusitan a 3	Bordo com marca "TMM" incompleta	N35 (n)	0	81		CAA - reservas	422
2717	Lusitan a 3	Bordo e asa com marca dupla GERMAN retro	N35 (so)	3	104		CAA - reservas	422
2724	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN	N35 (so)		101- 103		CAA - reservas	422
2769	Lusitan a 3	Asa com marca GERMA(N[i]) retro	S/Ctx				CAA - reservas	422
2770	Lusitan a 3	Asa com marca dupla (asa e bojo)	R35 (ne)	2	518		CAA - reservas	422
3062	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GER(MAN) retro	M33 (no)	2	456		CAA - reservas	422
3063	Lusitan a 3	Asa com marca GERMAN, pouco legível	M33 (no)	2	456		CAA - reservas	422
3137	Lusitan a 3	Asa com marca dupla (G)ERMA(N(i))	N35 (n)	2	84		CAA - reservas	422
3436	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN(i) retro	K33/3 4 (s)	0	891		CAA - reservas	422
3508	Lusitan a 3	Asa com marca RVCTICI na ligação asa-bojo	N36 (se)	1	32		CAA - reservas	422
3591	Lusitan a 3	Asa com marca no bojo, abaixo da asa (ilegível)	K33/3 4 (s)	2	895		CAA - reservas	422
289	Lusitan a 3	Asa com contramarca/marca na ligação com bojo. 2 "C"?	P33 (O)					422
3878	Lusitan a 3	Asa com marca dupla GERMAN(i) incompleta	S/Ctx				CAA - reservas	422
2407	Lusitan a 3(?)	Asa com duas contramarcas circulares	N36 (no)	1	2		CAA - reservas	433
2500	Lusitan a 3	Asa com contramarca C	N37 (so)	1	552		CAA - reservas	433
1172	Lusitan a 3	Bordo c/ arranque de asa com marca GERMAN dupla retro	N35 (so)	1	102		CAA - reservas	449
88	Lusitan a 3(?)	Asa com fragmento de pança. Marca CCC.	P33 (no)	0			CAA - reservas	
90	Lusitan a 3(?)	Bordo com marca CC	N33 (o)	1			CAA - reservas	
91	Lusitan a 3(?)	Bordo com marca C	N33 (o)	0			CAA - reservas	
94	Lusitan a 3	Asa com marca dupla. CERNAN	N33 (o)	2			CAA - reservas	
95	Lusitan a 3	Pança com início de marca dupla - GERM (?).	N33 (o)	2			CAA - reservas	
97	Lusitan a 3	Asa com início de marca dupla	N33 (o)	1			CAA - reservas	
228	Lusitan a 3	Asa com marca CER	P33 (no)	0			CAA - reservas	
229	Lusitan a 3	Asa com marca CERNAN	N33 (o)	3			CAA - reservas	
230	Lusitan a 3	Asa com marca - C	P33 (no)	1			CAA - reservas	

369	Lusitana 3	Asa com marca dupla (RM)	P33 (no)	2			CAA - reservas	
370	Lusitana 3	Pança com marca (TMM)	K33 (se)	3			CAA - reservas	
1157	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	O35 (o)	1			CAA - reservas	
1158	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	O35 (o)	1			CAA - reservas	
1159	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	O35 (o)	1			CAA - reservas	
1164	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	O35 (o)	1			CAA - reservas	
1165	Lusitana 3	Asa com marca CERF	O35 (o)	1			CAA - reservas	
1170	Lusitana 3	Asa com parte de marca	N35 (so)	1	102		CAA - reservas	
1174	Lusitana 3	Asa com marca CER...	N35 (so)	0	101		CAA - reservas	
1278	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	O35 (ne)	2			CAA - reservas	
1282	Lusitana 3	Asa com marca no colo, acima da asa - CERNAN	O35 (ne)	2			CAA - reservas	
1342	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	O35 (ne)	1			CAA - reservas	
2402	Lusitana 3	Asa com marca dupla e marca "CMM" aplicada no colo	O35 (o)	5			CAA - reservas	418
3390	Lusitana 3	Asa com marca (CER F).	K33/34 (s)	3	897		CAA - reservas	
3433	Lusitana 3	Asa com marca	K33/34 (s)	2	895		CAA - reservas	
3439	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN	K33/34 (s)	1	892		CAA - reservas	
1548	Lusitana 3	Asa com marca dupla AVCR ou AVLRL incompleta	N34 (n)	0	51	2	Alcochete - exposição	
1607	Lusitana 3	Asa com marca dupla CERNAN	N34 (n)	1	53		Alcochete - exposição	
2124	Lusitana 3	Bordo com marca simples TMM	Q34 (no)	2	353	1	Alcochete - exposição	
2394	Lusitana 3	Asa com marca CERNAN dupla, retro	N35 (so)				Alcochete - exposição	
2793	Lusitana 3	Asa com marca RVSTICI na ligação asa-bojo	P34 (ne)	2	654		Alcochete - exposição	